

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ELCHA BRITTO OLIVEIRA GOMES

SUBJETIVIDADES SUBMISSAS:  
DISCURSOS ACERCA DA SEXUALIDADE DA MULHER IDOSA

Goiânia

2015

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**       **Dissertação**       **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação**

Autor (a):	Elcha Britto Oliveira Gomes		
E-mail:	elchabritto@hotmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor			
Agência de fomento:	Capes	Sigla:	
País:	Brasil	UF:	GO
		CNPJ:	
Título:	SUBJETIVIDADES SUBMISSAS: discursos acerca da sexualidade da mulher idosa		
Palavras-chave:	Mulheres, idosas, envelhecimento, sexualidade		
Título em outra língua:	Subjectivités soumises: discours sur la sexualité de la femme âgée		
Palavras-chave em outra língua:	Femmes, personne âgée, vieillissement, sexualité		
Área de concentração:	Comunicação, Cultura e Cidadania		
Data defesa: (02/09/2015)			
Programa de Pós-Graduação:	Mestrado em Comunicação		
Orientador (a):	Suely Henrique de Aquino Gomes		
E-mail:	suelyhenriquegomes@gmail.com		
Co-orientador (a):	Deyvisson Pereira da Costa		
E-mail:	deyvissoncosta@yahoo.com.br		

**3. Informações de acesso ao documento:**

Liberação para disponibilização?<sup>1</sup>       **total**       **parcial**

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:

Capítulos. Especifique: \_\_\_\_\_

Outras restrições: \_\_\_\_\_

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Elcha Britto Oliveira Gomes

Assinatura do (a) autor (a)

Data: 18 / 09 / 2014.

<sup>1</sup> Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ELCHA BRITTO OLIVEIRA GOMES

SUBJETIVIDADES SUBMISSAS:  
DISCURSOS ACERCA DA SEXUALIDADE DA MULHER IDOSA

Dissertação apresentada ao Curso de  
Mestrado em Comunicação da  
Universidade Federal de Goiás, para  
obtenção do título de Mestre em  
Comunicação.

Área de concentração: Comunicação,  
Cultura e Cidadania.

Linha de pesquisa: Mídia e Cultura

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Suely Henrique de  
Aquino Gomes.

Co- Orientador: Dr. Deyvisson Pereira da  
Costa

Goiânia  
2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

GOMES, Elcha Britto Oliveira

SUBJETIVIDADES SUBMISSAS: [manuscrito] : Discursos acerca da sexualidade da mulher idosa / Elcha Britto Oliveira GOMES. - 2015.  
CXVI, 116 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Suely Henrique de Aquino GOMES; co orientador Dr. Deyvisson Pereira da COSTA.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) , Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Goiânia, 2015.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. mulheres. 2. idosas. 3. envelhecimento. 4. sexualidade. I. GOMES, Suely Henrique de Aquino , orient. II. COSTA, Deyvisson Pereira da, co-orient. III. Título.

ELCHA BRITTO OLIVEIRA GOMES

**SUBJETIVIDADES SUBMISSAS:  
DISCURSOS ACERCA DA SEXUALIDADE DA MULHER IDOSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Comunicação para obtenção do título de Mestre em Comunicação, aprovada em 02 de Setembro de 2015 pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:

Professora Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes  
(Orientadora)

Professor Dr. Deyvisson Pereira da Costa  
(Co-orientador)  
(UFMT)

Professora Dra. Maria Luisa Martins de Mendonça  
(FIC/ UFG)

Professora Dra. Eliane Gonçalves  
(FCS/UFG)

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe e meu irmão mais novo por me apoiarem e me ajudarem mesmo nos momentos mais intensos. A minha querida tia Eva, pelos abraços e pelo incentivo de sempre. A minha orientadora Dr<sup>a</sup> Suely e ao meu Co-orientador Dr. Deyvisson por se tornarem referências pela paciência, pela classe ao abordar o meu tema e pela gentileza habitual. As professoras Dr<sup>a</sup> Maria Luisa e Dr<sup>a</sup> Simone pelas aulas sobre questões de gênero, que muito contribuíram e me empoderaram para a escrita desse trabalho, ao professor Dr. Goiamérico por me lembrar o quanto amo a literatura.

A professora Pós-Doutoranda Lindalva pela leitura generosa e pelas palavras de incentivo. E aos professores Raquel Gonçalves, Rafael Marques, Antutérpio Dias, Álvaro Marinho, Lucas Perrone e Cláudia Bouviê por contribuírem nas minhas formações acadêmicas.

A Frederico e Yasmim, cidadãos de Arendelle, duas descobertas lindas, hypsters e geeks que fiz, vocês me ajudaram e me apoiaram de tantas formas que milhares de abraços quentinhos não pagariam.

A Luiza, Lara, Ana Manuela pela companhia e por formar o quarteto que tanto desanuviou os dissabores vividos nessa fase. A Vanusa pela companhia nos almoços do R.U e por sua fé e otimismo contagiante e a Talita pelas caronas e crises de riso.

“A impressão que eu tenho é a de não ter envelhecido embora eu esteja instalada na velhice. O tempo é irrealizável. Provisoriamente, o tempo parou pra mim. Provisoriamente. Mas eu não ignoro as ameaças que o futuro encerra, como também não ignoro que é o meu passado que define a minha abertura para o futuro. O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar. Portanto, ao meu passado eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Que espaço o meu passado deixa pra minha liberdade hoje? Não sou escrava dele. O que eu sempre quis foi comunicar da maneira mais direta o sabor da minha vida, unicamente o sabor da minha vida. Acho que eu consegui fazê-lo; vivi num mundo de homens guardando em mim o melhor da minha feminilidade. Não desejei nem desejo nada mais do que viver sem tempos mortos.”

Simone de Beauvoir

## DEDICATÓRIA

À Luzia do verbo luzir. Que emana, resplandece, irradia e espargue luz. Que dantes era esmeralda e que outrora apaixonada por brilhantes. Da palavra firme e do abraço osmótico. À quem sonhou junto tudo isso se realizar. À Luzia minha avó e grande amor.

## RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo relatar alguns imperativos imputados a mulher idosa, que sofre preconceito duas vezes: pela idade e pelo gênero. Propõe uma reflexão sobre o conceito maniqueísta aplicado a mulher idosa. Fadada a subjugação moral e intelectual, aos estereótipos e a eterna luta por direitos iguais, a mulher mesmo em idade avançada enfrenta mais preconceito. Dos estereótipos determinantes, é taxada de velha feia, de bruxa e do que mais surgir no falatório popular, por isso, essa mulher tem sua subjetividade atingida. Tem a pretensão de explicar como se estruturam as relações de poder e como se organizam as formas de resistência às mesmas. Questiona através da análise de discurso dos trechos de postagens de um site direcionado aos idosos quais as falas e forças de opressão e de impulsão dessa sexualidade. Conclui-se que os discursos são heterogêneas, não necessariamente negativas, e, em particular, filtradas pelas características do site.

Palavras chaves: mulheres, idosas, envelhecimento, sexualidade.

## **Riassunto**

Questo lavoro si propone di segnalare alcuni imperativi sociali attribuiti alla donna anziana che è discriminata due volte, per l'età e per il genere. Si propone una riflessione sul concetto manicheista applicato alla donna anziana. Condannate al soggiogamento intellettuale, agli stereotipi e all'eterna lotta per la parità dei diritti, le donne anche in età avanzata devono affrontare ulteriori pregiudizi. Per gli stereotipi determinanti, è etichettata come vecchia e brutta, strega e di quant'altro sorge nel repertorio volgare del linguaggio popolare, e per questo la donna è attingita nella sua soggettività. Questo lavoro pretende spiegare come si strutturano i rapporti di potere e di come sono organizzate le forme di resistenza ad essi. Si questiona attraverso l'analisi di estratti di messaggi di posta elettronica di un sito destinato agli anziani, quali sono i discorsi e le forze di oppressione e di impulsione della loro sessualità. Si arriva così alla conclusione che i discorsi sono eterogenei, e nonostante non si enfatizzi la femminilità, non sono necessariamente negativi, ed in particolare filtrati per le caratteristiche del sito.

**Parole chiavi:** Donne, anziane, invecchiamento, sessualità

## Résumé

Ce document vise à souligner certains impératifs sociaux attribués à la femme âgée qui est victime de discrimination deux fois par âge et par le genre. On propose une réflexion sur le concept manichéen appliquée à la femme âgée. Elles sont condamnées à la subjugation intellectuelle, les stéréotypes et l'éternelle lutte pour l'égalité des droits, les femmes âgées font face à plus de préjugés. En raison des stéréotypes déterminants, elle est étiquetée comme vieille et laide, sorcière et tout ce qui est dans le répertoire de la langue vulgaire du peuple, et pour cela elle est frappée dans sa subjectivité. Ce travail prétend expliquer comment les relations de pouvoir sont structurés et la façon dont ils sont organisés les formes de résistance à leur. On se demande, à travers l'analyse d'extraits d'e-mails d'un site pour personnes âgées, quel sont les discours et les forces de l'oppression et de l'impulsion de leur sexualité. Ceci nous amène à la conclusion que les discours sont hétérogènes, et en dépit de ne pas mettre l'accent sur la féminité ne sont pas nécessairement négatif, et en particulier filtrée par les caractéristiques du site.

**Mots-clés:** femmes, personnes âgées, Vieillesse, Sexualité

## SUMÁRIO

Introdução _____	14
Capítulo 1 – A mulher idosa e o corpo _____	34
1.1 – Envelhecimento feminino _____	35
1.2 – A relação da mulher com o corpo _____	
Capítulo 2 – Estigmas e subalternidade: a velha é sempre a bruxa _____	41
Capítulo 3 – Sexualidade e formação de subjetividade _____	50
3.1 – A mulher não pode sentir prazer _____	51
3.2 – A sexualidade da idosa é pecado e nojo _____	54
3.3 – A patologização da menopausa _____	55
Capítulo 5 – As estruturas discursivas sobre a sexualidade da mulher envelhecida: análise dos discursos _____	58
Considerações Finais _____	108
Referências Bibliográficas _____	112

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 \_\_\_\_\_ 27

## INTRODUÇÃO

“Quem foi Hillé se nunca... foi um nome? Hillé doença, obsessão, [...] anseios, estupores, labiosidades, vaidosas, toma os meus sessenta, sessenta anos vulgares e um único aspirar, suspenso aspirei vilas, cidades, nomes, conheci um rosto, sem face...” (HILST, 2001, p34)

Neste estudo pretende-se empreender uma reflexão a respeito dos possíveis estigmas encontrados nos discursos de saberes acerca da sexualidade presentes em um sítio direcionado para as mulheres idosas. Nesse sentido, considera-se importante, nessa parte introdutória, explicitar o referencial teórico-metodológico que fundamenta o trabalho dissertativo.

Pois bem, escrever sobre a mulher é narrar sua dificuldade de atingir as expectativas sociais. É relatar anos de submissão, subestimação e subjugação, de casamentos arranjados e de ter que realizar todas as “vontades” do marido. Tratar da sexualidade feminina é uma tarefa delicada, pois mexe com a cultura do outro, suas convicções, estigmas, preconceitos e tabus. Falar da sexualidade da mulher idosa provavelmente ensinada há anos que menina não pode sentar de pernas abertas, tem que abaixar o olhar para os mais velhos e principalmente para os homens, é missão ainda mais difícil. Trata-se de uma geração neta de mulheres que em suas juventudes não podiam mostrar sequer os tornozelos. Por um lado, trata-se de narrar a história de submissão cultural passada de mãe para filha, gerações e gerações de mulheres ensinadas a obedecer, a se comportar e satisfazer o homem.

A história da mulher ao redor do mundo não é um conto de fadas. É, em diferentes sociedades, marcada pela dominação, a altivez e a soberania do homem. Obediência, resignação e respeito davam o tom de qualquer tipo de relação entre homem e mulher, quer seja pai e filha, professor e aluna, dirigente religioso e membro da instituição e, principalmente marido e mulher. Por séculos, ao casar, automaticamente o marido da mulher passava a ser seu proprietário. A mulher não tinha sequer o direito de trabalhar, pois isso era encarado não apenas como abandono do lar, mas como uma autonomia que aviltava o homem. E quando enfim, após muitas lutas, conquistam o direito de trabalhar fora de casa, ainda recebem salários inferiores ao dos homens.

Em meio a toda a busca de conscientização feminina e luta contra um modelo politicamente incorreto, da intenção de libertar a condição feminina da submissão a condição de "fêmea atraente" destituída de ego, mulher objeto, escrava da imagem, questionamos sim, se este fenômeno que nos parece "moderno", não é simplesmente um padrão que se reproduz durante quase toda a história da humanidade (BRANDINI, 2007, p.20).

Revistas como *O Cruzeiro* e o *Jornal das Moças* aconselhavam sobre as normas corretas que as esposas deveriam seguir, nos idos dos anos 50, no Brasil: não telefonar para o escritório dele, não se precipitar para abraçá-lo no momento em que começa a ler o jornal, não pedir que ele a leve ao cinema quando estiver cansado, não pedir para receber pessoas quando não estiver disposto.

A boa companheira seria capaz de adivinhar os pensamentos do marido; amar sem medir sacrifícios visando única e exclusivamente a felicidade do amado; receber o marido com atenção todo dia quando ele chegasse em casa; manter o bom humor e a integridade da família; interessar-se por vários assuntos para poder conversar com o marido e ser uma boa anfitriã - e não envergonhá-lo na frente dos amigos-, saber falar e calar nas horas certas, quando o marido está cansado ou aborrecido, por exemplo. (BASSANEZI, 2008, p.628)

Através das narrativas dessas revistas femininas, pressupõe-se que casamento era um verdadeiro engodo pois, se não fosse arranjado pelas famílias, o que muitas vezes implicava no fato dos noivos nem ao menos se conhecerem, a mulher era cortejada e galanteada por alguém que após o casamento continuaria fazendo as mesmas atividades de antes, ao passo que ela deveria estar no suplício dos afazeres domésticos, e ficar restrita a pouca conversa com o companheiro, pois era difundido que ela não teria capacidade para entender os assuntos dos homens.

A sociedade conjugal pressupunha uma hierarquia, respaldada pela legislação, em que o marido era o chefe, detentor de poder sobre a esposa e os filhos, a quem cabiam as decisões supremas, a última palavra. Logo abaixo vinha a autoridade da esposa. Era considerado importante que o casal conversasse e trocasse ideias, mais pertencia ao homem- de acordo com a natureza, o deus e o estado- a direção da família. (...). A boa esposa- a principal responsável pela paz doméstica e harmonia conjugal- além de não discutir, não se queixa, não exija atenção. Não aborrece o marido com mania de limpeza

arrumação, futilidades, caprichos, inseguranças ou necessidades de romantismo fora de hora - atitudes típicas das mulheres. (BASSANEZI, 2008, p.626).

Combater o machismo continua sendo um desafio, pois ele está muitas vezes camuflado. É o machismo que a mulher coloca em plano secundário nas relações de trabalho, na hierarquia social e na representação política; e continua bem entranhado no repertório de convicções e ideias, inclusive da própria mulher. E aí se encontra o cerne do problema, as mulheres cooptadas pelo machismo se tornam vetores de contaminação da cultura machista. Sobre um possível complexo de inferioridade masculina associada a essa necessidade de rebaixar a mulher, Beauvoir (1967) afirmava que o homem é arrogante, agressivo ou desdenho para com as mulheres quando duvida de sua virilidade.

Um dos principais argumentos dos que viam como ressalvas o trabalho feminino era o de que, trabalhando, a mulher deixaria de lado seus afazeres domésticos e suas atenções e cuidados para com o marido: ameaças não só a organização doméstica como também a estabilidade do matrimônio. (BASSANEZI, 2008 p.624)

Na finalização da graduação em Psicologia, participei de um estágio no Núcleo de Estudos e Atividades para a Terceira Idade (NEATI) do Campus Universitário de Rondonópolis- Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e, em entrevistas realizadas, um dos temas mais recorrentes na fala das idosas, na grande maioria viúvas, eram as relações afetivas permeadas por subestimação, ciúmes, traições e falta de desejo em relação ao companheiro, decorrentes de casamentos forçados ou 'arranjados'. E, surpreendentemente, rompendo com um suposto descrédito para com o sexo oposto, demonstravam desejo e interesse de se relacionarem novamente. Esse estudo, resvala na presente pesquisa, tendo interferência nas narrativas, com base nos relatos das idosas.

Outra influencia para a construção desse trabalho foram relatos publicados e compartilhados em páginas feministas do Facebook como Lugar de Mulher, Rede Feminista de Saúde, Não me Khalo, Géledes - Intituto da Mulher Negra, Moça você é machista, Feminazi stole my ice cream dentre outras, observa-se que a disseminação de pensamentos machistas colocam a mulher em segundo plano e respaldam a culpabilização da mulher. Ideias essa que remetem ao mito de Eva

transgressora. No mito de origem, ela é a segunda, é posterior, vem depois da criação primeira do homem. Neste sentido, a sociedade, desde sempre, é extremamente machista, quando normalizados relatos de homens que afirmam até 'ajudar' nos afazeres domésticos, como se a casa fosse apenas da mulher, como se o trabalho de casa não devesse ser partilhado, e como se o homem, não pudesse arrumar seu próprio lar.

A mulher devia se curvar às vontades do marido e suas ações dependiam única e exclusivamente do outro, mediante piadas machistas, apropriação, objetivação e controle do corpo da mulher. O feminismo é o questionamento da subalternidade, entendida como a luta por igualdade, econômica, política e social dos sexos. O feminismo é a busca pelo direito inalienável (e óbvio) de tomar decisões sobre seu próprio corpo. Um dos slogans do feminismo, 'viralizado' nessas e em outras páginas do Facebook em 2015, afirma que 'o feminismo nunca matou ninguém, o machismo mata todos os dias'.

Beauvoir (1967) questiona 'porque as mulheres não contestam a soberania do macho. De onde vem essa submissão na mulher?' (p.154). Para a autora, as mulheres foram colonizadas por dentro, a colonização foi subjetiva e as amarras da submissão estão entranhadas até hoje. O feminismo busca livrar-se de heranças arcaicas de relação de poder e domínio sobre a mulher.

A mulher "não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer se o 'sexo' para dizer que ela se apresenta diante do macho como ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina se e diferencia se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o sujeito, o absoluto; ela é o outro (BEAUVOIR, 1967, p. 10).

A defesa da liberdade da mulher que Simone de Beauvoir busca desfazer todas as amarras, assim como Leila Diniz, no Brasil, que com um ato já rotineiro atualmente, porém tido como escândalo na época, revolucionou a história da mulher no Brasil por mostrar a barriga quando estava grávida, momento em que as mulheres da época se escondiam em roupas largas, a gravidez era 'velada' e era vista paradoxalmente, como um período feliz e ao mesmo tempo vergonhoso.

Leila Diniz não inventou uma forma de ser mulher, já que o seu comportamento, no que diz respeito a sexualidade, já era vivenciado por outras mulheres. (...) Ela contribuiu para tornar reconhecido e legítimo um modelo de ser mulher que não é só, nem principalmente, esposa e mãe. (GOLDENBERG, 2010, p.44).

A subalternidade, lendo Spivak (2010) nos remete ao imperialismo cultural e a colonização, onde a divisão está em europeus “eu” - intelectual superior, e colonizados como “outros” subalternos e incultos. Spivak tem como foco, a subalternidade feminina e afirma que “a possibilidade da existência da própria coletividade é persistentemente negada pela manipulação do agenciamento feminino.”

Pensar o feminino nunca esteve tão em voga, pelo menos virtualmente. Pela repercussão de episódios do cotidiano e pelos debates levantados nas redes sociais virtuais é possível visualizar que a luta pela libertação da mulher mal começou. A proposição de estudar a sexualidade da mulher idosa se deu logo após a divulgação de alguns episódios acerca da busca do empoderamento pelo universo feminino. E parte-se do princípio de que a mulher é oprimida até hoje, vide os episódios que suscitaram essa afirmação:

- A Marcha das vadias (Slut walk) teve início em 2011 em Toronto no Canadá, e se espalhou por vários países, inclusive no Brasil. Esse movimento teve início quando um policial afirmou que o número de abusos sexuais dentro das universidades só reduziria caso as mulheres parassem de se vestir como vadias. Repercutindo internacionalmente, a marcha das vadias visa quebrar com o discurso pauperizado e machista, ao mesmo tempo em que tenta esclarecer que a culpabilização das vítimas pelo abuso por usarem determinados tipos de roupas ou por se locomoverem em certos horários fomenta e empodera os opressores e abusadores<sup>1</sup>.
- Uma pesquisa do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em 2014 resultou no número de 67% dos entrevistados responderem que o alto número de abusos sexuais tinha por real motivo a vestimenta inadequada (curta, decotada ou transparente) que as mulheres costumam usar. Das manifestações nas redes sociais como a frase ‘eu não mereço

---

<sup>1</sup> <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/marcha-das-vadias-chega-ao-brasil>

ser estuprada’, aventou a possibilidade dos entrevistados em questão não ter entendido a pergunta, o que não é fator menos preocupante, embora envolva outras questões<sup>2</sup>.

- O ‘Sexting’ é a prática de enviar mensagens, fotos ou vídeos sexualmente explícitos pelo celular, os pares iniciam conversas normais e após algum tempo enviam imagens se expondo fisicamente, muitas vezes se manipulando. O crescente índice de divulgação do que hoje foi denominado ‘sexrevange’ ou pornografia de revanche quando um parceiro (na maioria dos casos o homem) para punir a parceira por uma traição ou uma separação, divulga nas redes sociais: facebook, whats App, youtube e afins, fotos e vídeos das mulheres durante o ato sexual.

Quando ocorrem esses episódios a vítima sempre é vilanizada, tachada de vadia. Ela é excluída socialmente enquanto o criminoso é poupado sempre sobre a tutela do discurso ‘é da natureza do homem’. Porém, as consequências da pornografia de revanche, são graves. Dentre os vários casos divulgados no Brasil, uma menina de 17 anos do Ceará e uma menina de 16 anos de Florianópolis se suicidaram após suas fotos íntimas serem divulgadas na internet, e inúmeros casos de mulheres que foram obrigadas a deixar empregos e tiveram que mudar de cidade por causa da exclusão e do repúdio da sociedade, afinal, além do sexo ainda ser encarado como pecado, ele é território conquistado e de direito masculino<sup>3</sup>.

- O movimento “Meu corpo minha regras” criado pela página do facebook ‘feminismo sem demagogia’ é uma luta que todas as mulheres travam por viverem em uma sociedade patriarcal e capitalista, onde a todo instante dita como elas devem se comportar, e ser fisicamente e até emocionalmente. Teve por objetivo esclarecer que o que as mulheres fazem com seus corpos, deve ser uma decisão única e exclusivamente delas e não de outras ‘forças de poder’ como das igrejas, da família e até mesmo do Estado. A campanha visou viralizar a frase “meu corpo minhas regras”

<sup>2</sup> <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/03/b-culpa-e-delasb-e-o-que-pensam-os-brasileiros-sobre-violencia-contramulher.html>

<sup>3</sup> Fonte: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/11/outra-jovem-se-suicida-apos-ex-namorado-divulgar-fotos.html>

intentando um basta nas recorrentes ofensas e assédios vivenciadas pelas mulheres nas universidades, no trabalho, na rua, no transporte coletivo e na própria internet<sup>4</sup>.

- Já no cenário político brasileiro, o episódio em que o deputado Bolsonaro, um dos deputados mais votados do estado de São Paulo disse em sessão da Câmara dos Deputados que só não estupraria a deputada Maria do Rosário, sua opositora, porque ela não merece. A pergunta que voltou em cena e circulou pela rede, foi: ‘e alguém, por acaso, merece ser estuprada, deputado?’ Nesse episódio, é gritado ao mundo que o estupro é um prêmio, o discurso alimentado é que “elas gostam!” O absurdo toma proporções gigantescas quando um representante do povo, e que por embates partidaristas, tem o apoio de muitas pessoas, favorece a cultura do estupro e a aplaude<sup>5</sup>.
- A indignação masculina, e principalmente feminina sobre a recente e polêmica moda lançada por *it-girls* ditas ‘rebeldes’ de deixar os pelos das axilas crescerem e tingirem de cores fluorescentes. A estranheza e os comentários de inúmeras mulheres no mundo todo confirma a dificuldade de desnaturalizar um conceito socialmente construído: os pelos femininos são motivo de asco, são sujos e anti-higiênicos. E o questionamento que surge é, por que os pelos dos homens não o são? Vale ressaltar que os pelos femininos só foram extirpados quando um grande empresa de aparelhos de barbear no intento de aumentar as vendas e o alcance do público disseminou a necessidade da mulher de ter a pele lisa. Informação essa que infelizmente foi literalmente comprada e tomada como um imperativo<sup>6</sup>.
- O episódio Julien Blanc um suíço que utiliza técnicas invasivas, cruéis e nada convencionais para abordar mulheres. Ele ministra palestras em vários lugares do mundo e nos seus vídeos tutoriais ‘promocionais’ o ‘conquistador’ se aproxima da mulher, a pega pelo pescoço, a intimida com a aproximação do corpo e empurra sua cabeça em direção a seus

<sup>4</sup> <https://www.facebook.com/pages/Feminismo-Sem-Demagogia-Original/564161453675848>

<sup>5</sup> <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/12/bolsonaro-volta-atacar-deputada-nao-te-estupro-porque-voce-nao-merece.html>

<sup>6</sup> <http://entretenimento.r7.com/mulher/fotos/miley-cyrus-adere-a-tendencia-e-aparece-com-pelos-da-axila-rosa-confira-como-fazer-em-casa-04052015#!/foto/1>

genitais. No seu discurso, ele afirma que o homem tem que se comportar como um macho-alfa e tem que mostrar que manda. No seu discurso machista e preconceituoso espalha ainda, que 'mulher vai para a balada pra dar'. Porém, houve uma mobilização internacional para que o 'galanteador profissional' não entre nos países para disseminar, ainda mais, ideias opressoras e violentas de que a mulher foi feita para satisfazer os desejos do homem. Várias petições encaminhadas ao governo dos respectivos países impediram que entrasse no Reino Unido, no Canadá, na Austrália e no Brasil<sup>7</sup>.

- Mesmo sendo a maioria em diversos espaços, principalmente nas Universidades, virou epidemia o número de alunas violentadas sexualmente em festas do curso de medicina da USP. Durante as festas *open bar* as universitárias são drogadas e levadas para barracas ao redor do campus algumas quando recobram a consciência e se negam, são torturadas e violentadas; outras só se dão conta quando o abuso já foi praticado. O maior problema aconteceu pela omissão da coordenação do curso bem como da pró-reitoria da Universidade diante das reivindicações, só tendo repercussão quando o assunto foi divulgado em um jornal de alcance nacional. É válido destacar que os alunos do curso são na grande maioria homens, brancos e ricos<sup>8</sup>.
- Episódios de abuso sexual em ônibus e metrô confirmam que esses dados, acabam por amedrontar a mulher e tolher a sua liberdade. A intérprete e compositora Ellen Oléria escreveu em uma de suas músicas "a mulherada já sabe o cotidiano da rua, anoiteceu sozinha cê (SIC) não tá segura." Apesar da música retratar a realidade, mesmo durante o dia, não é seguro, visto que nas grandes capitais surgiu a discussão sobre o vagão feminino. Algumas são a favor, visto o alto número de denuncia de abuso sexual, outras são contra, pois julgam ser discriminatório, segregador e não impedir a continuidade das ações violentas<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> <http://lugardemulher.com.br/cai-fora-julien-blanc/>

<sup>8</sup> <http://lugardemulher.com.br/estupro-como-crime-menor/>

<sup>9</sup> <http://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/vagao-para-mulheres-segregar-nao-e-protoger-1789.html>

- As frequentes agressões dentro do lar. Em 16 de novembro de 2014, em Florianópolis (SC) uma mulher deu 9 tiros, no seu ex-marido dentro de sua casa. A suposta algoz porém, já havia registrado queixas de abuso e de violência doméstica: 21 vezes na delegacia da praia, 16 vezes na delegacia de proteção à mulher. No que confere, nesse caso, a inaplicabilidade da Lei Maria da Penha pelos órgãos competentes dessa região. Mesmo sendo estuprada três vezes, e tendo sua casa invadida por várias vezes e tendo o depoimento e o amparo dos vizinhos, que eram testemunhas das agressões, a mulher está presa. A culpa do comportamento machista e agressivo é sempre da mulher, a culpa é dela, por ter colocado esse traste em casa. É necessária a ampliação nacional de medidas de proteção a mulher nas delegacias, é necessário também, posicionamento, denúncia, manter a queixa, para romper a cadeia da culpabilização<sup>10</sup>.
- Um aplicativo de celular para solicitar taxis nas grandes cidades brasileiras está gerando assédio, ofensa e ameaças por parte dos motoristas que com o número do celular das passageiras em mãos, tomam a liberdade de assediá-las ou até reclamarem por cancelamentos das corridas<sup>11</sup>.

A normalização da subestimação é, muitas vezes, assistida pacificamente. Todos esses eventos, mencionados acima, são frutos de ideias construídas há anos, e agora, principalmente através das redes sociais, são exaustivamente defendidas pelas defensoras do feminismo. Vale ressaltar que as represálias, para com aqueles que tentam mudar esse quadro, incluem ameaças de estupro, de morte, assédio moral e virtual vindo majoritariamente pelo público masculino. Haja vista, que o slogan ‘viralizado’ pelas páginas pró feminismo é “*empodere duas mulheres*” no lugar de explicar feminismo para um *homem!*”, incentivando as mulheres a usarem seu tempo para esclarecê-las ou empoderá-las *ao invés* de falar com o opressor. Esses movimentos são exemplos de forças de resistência à uma opressão existente há séculos.

---

<sup>10</sup> Fonte: <http://www.94fmdourados.com.br/noticias/brasil/mulher-denuncia-o-ex-por-21-vezes-polciana-faz-e-ela-o-mata-com-nove-tiros>

<sup>11</sup> Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/passageiras-reclamam-de-assedio-apos-solicitarem-taxi-por-aplicativo.html>

Em novembro de 2014, a Organização das Nações Unidas (ONU) promoveu um evento sobre igualdade de gênero e o discurso da atriz Emma Watson, escolhida a Embaixadora da Boa Vontade da Organização das Nações Unidas, repercutiu mundialmente. Por argumentar a favor das mulheres, a atriz também foi alvo de *sexrevange*.

Se homens não precisam ser agressivos para serem aceitos, mulheres não se sentirão obrigadas a serem submissas. Se homens não precisam controlar, mulheres não precisarão ser controladas. Ambos, homens e mulheres, devem se sentir livre para serem sensíveis. Ambos, homens e mulheres deveriam se sentir livres para serem fortes. É a hora de todos nós olharmos os sexos como um todo, em vez de dois conjuntos de ideais opostos. Se pararmos de definirmos uns aos outros por aquilo que não somos e começarmos a nos definir pelo que somos, todos nós poderemos ser mais livres, e é disso o que o HeForShe (ElePorEla) se trata. Trata-se de liberdade.” (Emma Watson – ONU, jan/ 2015)

Na manutenção dos ‘velhos costumes’, o conservadorismo e o moralismo são eficazes dispositivos hábeis para a reclusão da manifestação da sexualidade da mulher. E isso ganha proporções maiores em relação à subjetividade da mulher já em idade avançada, pois contrapõe com as lutas e clamores que reivindicam igualdade entre os gêneros causando certa estranheza dado o choque entre ideais de gerações distintas. Neste sentido, considerando o crescimento da população idosa, ao propor-se o tema da velhice e sexualidade feminina, propõe-se lidar com ideias enraizadas historicamente.

Com o fenômeno do envelhecimento da população mundial erigem de diversas formas, culturas que divulgam e fomentam uma boa ‘envelhecência’. A velhice entendida como a fase cronológica posterior a adulta é dividida em alguns estudos entre: cronológica que delimita a real idade do indivíduo; social, a idade que o outro atribui a esse indivíduo e idade psicológica, a idade que o sujeito constrói subjetivamente para si.

A representação social da pessoa envelhecida conheceu, assim, uma série de modificações ao longo do tempo, uma vez que as mudanças sociais reclamavam políticas sociais para a velhice, políticas essas que pressionavam pela criação de categorias classificatórias adaptadas à nova condição moral, assim como a construção ética do objeto velho. (PEIXOTO, 2006, p.70)

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) um sujeito é considerado idoso a partir de 60 anos. O crescimento do número de idosos aumentou significativamente e diversos estudos apontam que a população mundial envelheceu. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE<sup>12</sup> e a Associação Brasileira de Estudos Populacionais ABEP<sup>13</sup>, observa-se quase uma inversão da pirâmide etária, ou seja, os idosos estão em maior número.

Com esse crescimento da população de idosos, diversas áreas ligadas à gerontologia se atentaram para expandir os estudos e pesquisas relativos à velhice, bem como seus efeitos, seus percalços, seus estágios e principalmente como amenizar possíveis efeitos colaterais propiciando uma boa velhice. É importante ressaltar ainda que não há pretensão de significar a sexualidade à luz da biologia e da psicologia, mas apontar algumas minúcias de ambas as áreas.

Esta pesquisa tem por objetivo geral identificar os possíveis estigmas encontrados nos discursos de saberes acerca da sexualidade presentes em um sítio direcionado para as mulheres idosas. Dentre os objetivos específicos, busca-se investigar de que forma os discursos midiáticos atuam como mola propulsora ou como agente avesso de uma possível sexualidade reduzida e desprezada ou seja, como os discursos midiáticos atuam ora fomentando ora inviabilizando a sexualidade; observar quais os vestígios de incentivo para um melhor desempenho sexual na mulher envelhecida; e como, através dos relatos midiáticos, essa mulher externaliza essa sexualidade.

Sabe-se que diante da especificidade da história de cada mulher, não é possível generalizar, porém, essa pesquisa toma como base as vivências negativas. Assim, dentre os fatores instigantes estão a constante e secular subestimação vivenciada pela mulher, além do incentivo, o boom e o fomento da medicalização da sexualidade masculina e o totem acerca do viagra para a resolução das disfunções de ereção masculina que remete ao questionamento sobre a ausência de incentivo para pesquisas acerca do prazer feminino e estudos para descobrir artifícios para aumentar a libido da mulher idosa que já está organicamente 'prejudicada' pela menopausa, e como não é mais alvo do desejo é deixada de lado.

Esse trabalho tem a pretensão tratar, também, ainda que minimamente, de uma dentre tantas ramificações do estudo da comunicação que utiliza o corpo como

---

<sup>12</sup> <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>

<sup>13</sup> <http://www.abep.org.br/?q=publicacoes/envelhecimento-da-popula%C3%A7%C3%A3o-brasileira>

primeira instância da mídia. A ideia de um corpo construído remete a Foucault (1979) que descreve o corpo como superfície onde os discursos se inscrevem, como um ponto chave das relações produtivas de poder, que incluem as relações de comunicação. Essa ideia de corpo como mídia, se justifica pois os processos de troca de informação entre corpo e ambiente atuam, por exemplo, na aquisição de vocabulário, gestualidade e no estabelecimento das redes de conexão.

Os modos pelos quais o corpo opera como lugar da comunicação humana (via linguagem e gestualidade) formam a base a partir da qual nós observamos a comunicação concreta dos outros e que ao mesmo tempo dá sinais intencionais e não intencionais (deslizes da linguagem tanto quanto demonstrações descontroladas de emoção, movimentos repentinos do corpo ou expressão facial) e que revela o promove indícios sobre nossas intenções conscientes ou inconscientes, que os outros podem perceber observando o nosso corpo enquanto nós interagimos. (FEATHERSTONE, 1994, p.54)

Com isso, justifica-se o motivo desse trabalho na área da comunicação Epstein, (2010. p.27) diz que “(...) a comunicação é ubíqua na vida social, disto decorre a existência de teorias da comunicação aplicáveis a várias disciplinas...” O mesmo autor afirma ainda que “a comunicação corta transversalmente várias disciplinas das ciências sociais..”

As questões sociológicas se referem à procura de uma ‘identidade’ do campo da comunicação como se esta identidade, também avalizada por uma hipotética teoria da comunicação, fosse condição de sua legitimação. Mas esta legitimação depende justamente da relevância da opção, nas diversas disciplinas e em diversas problemáticas, pelo enfoque da comunicação. (EPSTEIN, 2010. p 27)

Por ser o primeiro ‘local’ de interação, o corpo é a primeira instância da mídia, é a mídia primária, é a primeira instancia. Com isso, relata-se quatro teorias para dar suporte e embasamento a mesma.

Na teoria de Harry Pross (1987) que classifica o corpo como primeira mídia ou “mídia primária”, a pessoa torna-se então mídia e funde em si conhecimentos especiais. Para Pross (1972, p. 128 *apud* BAITELLO, 1999) toda comunicação começa no corpo e afirma ainda que “na mídia primária, na qual os indivíduos se

encontram cara a cara, corporalmente e imediatamente, e toda comunicação retorna para lá.”

Isso é coadunado por Norval Baitello (1999) quando afirma que “como primeira mídia do homem, é preciso ver o corpo também como texto capaz de comunicar.”

Esta pessoa torna-se mídia (...). impensável qualquer interação de um indivíduo com outros indivíduos sem o corpo e suas múltiplas linguagens, os sons, os movimentos, os odores, os sabores e as imagens que se especializam em códigos, conjuntos de regras com seus significados, frases e vocábulos corporais.” (NORVAL BAITELLO, 1999, P.2)

Os estudos de Vilém Flusser afirmam que o corpo é o primeiro elemento de contato e de interação com o mundo, e traz ainda traz a perspectiva da mediação, colocando o corpo como a primeira mídia, o primeiro modo de interação com o ambiente. Já a teoria Foucaultiana (1979) afirma que o corpo é submetido aos embates das forças de poderes e saberes que se impõem ao homem na sociedade. Sobre o poder, Michel Foucault aponta que:

Intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder.” (FOUCAULT, 1979, p.78)

Quanto à sexualidade, Foucault (1979) traz ainda a sexualidade como modo histórico pelos quais se faz a experiência de se tornar sujeito. Ele questiona de que maneira o indivíduo moderno pode fazer a experiência dele mesmo enquanto sujeito de uma sexualidade

Os apontamentos de Deleuze configuram a comunicação como acontecimento, como superfície de contato ou ponto de confluência. Para o autor, a comunicação é acontecimento e não mediação. É sim interpretação e atualização, é vestígio que são deixados no corpo. Santos (2013, p.6) concordando com Deleuze, afirma que “o corpo que é biológico e semiótico, pode ser a chave para o entendimento do complexo processo de comunicação, na medida em que a sua abertura textual e seu imbricamento de sentido aponta para uma comunicação pensada como acontecimento”

## PERCURSO METODOLÓGICO

Para analisar quais são os discursos direcionados a sexualidade da mulher idosa, na perspectiva de atingir o objetivo proposto, a opção foi pelo site 'Portal do Envelhecimento'<sup>14</sup>. O critério de escolha por esse site foi através da pesquisa do Google com as palavras chaves site sobre envelhecimento. Como resultado, obteve-se na primeira página de pesquisa, que significa mais acessos e visualizações, 5 endereços, sendo que os 4 primeiros abordavam os fatores de saúde ou estéticos da velhice, porém não abordavam a sexualidade.

No site Portal do envelhecimento, foi possível identificar a categoria 'sexualidade', marcador esse que foi utilizado como critério para a escolha do site. Os textos portal do Envelhecimento são escritos e reproduzidos por profissionais de várias áreas: psicólogos, jornalistas, pedagogos, assistentes sociais, fisioterapeutas, advogados. Assim, os textos são postados divididos nas categorias: Comportamentos, Consumo, Espiritualidade, Finitude, Turismo, Cuidados, Direitos, Educação Continuada, Filmografia, Videoteca, Ideias, Longevidade, Memórias, Odontogeriatría, Políticas, Legislação, Cidadania, Saúde-Doença, Oftalmogeriatría, Tecnologias, Trabalho, Carreiras, Velhices, Violências.



Figura 1 – categoria Sexualidade

<sup>14</sup> <http://www.portaldoenvelhecimento.com/>

No período dos meses de abril a maio de 2015, identificou-se 18 postagens no link 'sexualidade' do Portal do Envelhecimento. Dessas, definiu-se que para a escolha dos textos postados, a palavra mulher e/ou feminino deveria ser citada. Mesmo compondo os textos, não serão analisadas imagens, cores e diagramação. Os textos escolhidos estão transcritos abaixo:

- 1 Sexo na velhice, como funciona?
- 2 O que uma terapeuta sexual de 100 anos pensa sobre o sexo de hoje?
- 3 Sexo? É importante depois dos 50?
- 4 Sexo na velhice: um desconhecido, uma obrigação?
- 5 Satisfação sexual das mulheres pode aumentar com a idade
- 6 Pesquisa revela que sexo é um dos segredos para uma aposentadoria feliz
- 7 Pesquisa Analisa Sexualidade de 139 Mulheres Afetadas pelo Câncer de Mama
- 8 Idosos que fazem sexo são mais saudáveis
- 9 Indústria é acusada de criar doença para vender remédio
- 10 Sexo na terceira idade: vovô tarado ou vovó safada
- 11 A Sexualidade em Idosos?
- 12 O Tantra como possibilidade qualitativa de vivência da sexualidade na Terceira Idade

Na análise das estruturas discursivas de cada postagem, essa pesquisa buscou identificar os possíveis estigmas encontrados e descritos nos discursos de saberes acerca da sexualidade presentes em um sítio direcionado para idosos. Essa pergunta levantada demandou uma abordagem de natureza qualitativa, e de abordagem dialética, pois como diz Minayo (1994) "o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo" por possui um caráter subjetivo. Ainda, segundo a autora, a abordagem qualitativa trabalha com 'os significados das ações e relações humanas', o que não seria possível no universo das exatas.

A pesquisa qualitativa se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p.22)

O design da pesquisa que melhor se aplicou, foi o estudo de caso por se tratar de uma categoria sobre sexualidade de um portal específico para o público dos idosos, e não necessariamente outras temáticas que permeiam o universo da mulher idosa.

O estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidencia são utilizadas (YIN, 2001, p. 32).

Para entender como se organizam e como se estruturam os processos de submissão na subjetividade dessas mulheres desse agrupamento, o estudo de caso se encaixa adequadamente na medida em que:

É o método que contribui para a compreensão dos fenômenos sociais complexos, sejam individuais, organizacionais, sociais ou políticos. É o estudo das peculiaridades, das diferenças daquilo que o torna único e por essa mesma razão o distingue ou o aproxima dos demais fenômenos (DUARTE, M, 2010. p.234).

Para trabalhar com o estudo de caso, foi preciso definir as questões de forma clara e direta. Segundo DUARTE, M, (2010, p.67) “o ‘caso’ pode ser também um evento, uma entidade, uma decisão, programas, processos de implantação de empresas ou de mudanças organizacionais.”

Para a análise das evidências do estudo de caso, Duarte. M (2010, p.144) afirma que “consiste no exame, categorização, classificação, ou mesmo na recombinação das evidências, conforme proposições iniciais do estudo.” Já o método de análise utilizado nessa pesquisa será a construção de explanação que ainda segundo DUARTE. M (2010, p.145) “tem por objetivo analisar os dados do estudo de caso, construindo uma explanação sobre o caso. (...) o investigador procura explicar um fenômeno, estipulando um conjunto de elos causais em relação a ele.”

Já para análise e avaliação dos dados é interessante a análise de discurso. O analista deve ter como foco o funcionamento dos processos e constituição de sentidos e sujeitos. Para tanto, utiliza-se a paráfrase e a metáfora para esmiuçar a

observação. Para Manhães (2010, p.305), “discurso significa ‘em curso’, em movimento. Assim, a discursividade implica a compreensão de que a mensagem é construída no interior de uma conversa e é a concretização de um ato.”

A noção de discurso e a interpretação do sentido deve levar em conta que a significação é construída no interior da fala de um determinado sujeito; quando um emissor tenta mostrar o mundo para um interlocutor, numa determinada situação, a partir de seu ponto de vista, movido por uma intenção.” (MANHÃES, 2010, p.305)

Manhães (2010, p.305) afirma ainda que “discurso é a apropriação da linguagem (código, formal, abstrato e impessoal) por um emissor, o que confere a este um papel ativo, que o constitui em sujeito da ação social.”

Como analisar significa dividir, a análise de discurso é, na verdade, a desconstrução do texto em discursos, ou seja, em vozes. A técnica consiste em desmontar para perceber como foi montado. Isso, na análise de discurso francesa, resulta na identificação dos discursos já instituídos – como o da publicidade ou da medicina –, que foram incorporados pelo sujeito. (MANHÃES, 2010, p.306)

A análise é feita por etapas, que segundo Orlandi (2007 p, 77), “têm como seu correlato, o percurso que nos faz passar do texto ao discurso, no contato com o corpus, o material empírico.” Na primeira etapa “desnaturaliza-se a palavra-coisa”, ou seja, é preciso procurar no texto uma desfragmentação do que foi dito, de maneira que o que está lá poderia ter sido escrito de uma outra forma. Nessa etapa objetiva-se resgatar o discurso dominante, o que as palavras estão significando determinada vertente de pensamento. Para isso, utiliza-se paráfrase, sinonímia, relação do dizer e não-dizer.

Na segunda etapa é preciso relacionar os diversos discursos com a ideologia que rege essas relações. Fazendo essa relação, consegue montar ou encaixar os processos discursivos que geraram os efeitos de sentidos produzidos no material simbólico em questão. Efeitos de sentidos esses que foram ponto de partida para o analista. O analista deve observar os efeitos metafóricos, ou seja, por em relação discurso e língua e a articulação estrutura e acontecimento. Para Orlandi, “a metáfora é constitutiva do processo mesmo de produção de sentido e da constituição do sujeito.”

Na análise do discurso há uma intensa relação do dizer com o não-dizer. O não dito, o implícito tem seu pressuposto e o subentendido. O não dito é subsidiário ao dito, mas não o completa nem acrescenta e há ainda uma outra forma de não dizer que é o silêncio, local de recuo necessário para que se possa significar. É importante ressaltar que o analista não deve tomar tudo o que não foi dito como relativo ao dito em análise, por ser uma questão de método, e por parte-se do dizer; e não é tudo que não foi dito que se torna alvo de análise, é só o não dito relevante para o texto analisado. Assim, para Orlandi (2007), as palavras são atravessadas de silêncio e isso tem que ser observado para o analista.

Desse modo distinguimos o silêncio fundador (que, como dissemos, faz com que o dizer signifique) e o silenciamento ou política do silêncio que, por sua vez, se divide em: silêncio construtivo, pois uma palavra apaga outras palavras (para dizer é preciso não dizer: se digo 'sem medo' não digo 'com coragem') e o silêncio local, que é a censura, aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura (é o que faz com que o sujeito não diga o que poderia dizer: numa ditadura não se diz a palavra ditadura não porque não se saiba mas porque não se pode dizê-lo). As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras.” (ORLANDI, 2007, p. 83)

A autora fala que o que caracteriza o discurso não é seu tipo e sim seu modo de funcionamento. Dentre as divisões de modo de funcionamento do discurso estão o autoritário, o polêmico e o lúdico, onde para essa divisão não há um juízo de valor e não há um discurso puramente lúdico ou autoritário. Em um só texto não há apenas um elemento e sim há uma mistura com a presença dois ou mais elementos.

A análise de discurso francesa caracteriza-se pela ênfase no assujeitamento do emissor, que se expressaria mediante a incorporação de discursos sociais já instituídos: o religioso, o científico, o filosófico, o mitológico, o poético, ou o jornalístico, o publicitário, o corporativo etc (MANHÃES, 2010, p.306).

Orlandi (2007) argumenta ainda que ao olhar os textos, o analista tem necessidade de reconhecer os indícios de significação. A análise de discurso diferencia-se da Linguística, pois não trabalha com as marcas apenas formais, mas trabalha com as formas materiais que reúnem forma e conteúdo. Diferencia-se da

análise de conteúdo, pois não é pelo conteúdo que se chega a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, o conteúdo de um texto serviria apenas de ilustração de algum ponto de vista já afirmado. Na análise linguística e de conteúdo se trabalha com produtos e na análise de discurso com os processos de constituição dos sujeitos e dos sentidos. A análise do discurso abordado no texto propõe uma averiguação do conteúdo implícito, seria uma análise subjetiva onde pressupõe inferências tanto sobre o que está posto quanto sobre o conteúdo implícito.

Introduzindo cada capítulo do presente trabalho, foram transcritos trechos do livro *A obscena senhora D.* da autora Hilda Hilst, que foi escolhido por apresentar uma idosa e também pela aproximação com o perfil das idosas que buscam agrupamentos, pois em pesquisa realizada na conclusão da graduação em psicologia, com a temática do protagonismo social do idoso, pesquisa essa que se tornou um *insight* para a elaboração do presente trabalho, verificou-se que na maioria dos casos o motivo para a inserção nos agrupamentos para idosos é alterar o quadro da recorrente solidão após a viuvez, a falta de atividades ou de novos afazeres.

Hillé se torna um caso atípico e diferente da grande maioria das histórias relatadas pelas mulheres dos grupos de terceira idade, pois elas, na grande maioria sentem-se felizes pela viuvez, pela experiência de ter liberdade de ir e vir, de não ter que ser submissas aos maridos e não mais compelidas à sexualidade sem prazer. Paradoxalmente, Hillé é descrita em duas épocas de sua vida: quando casada libidinoso, feliz e pronta para os 'segredos da carne' e os 'esticados do prazer'; e na viuvez quando tem que lidar com o luto e a ausência do amado, o que a assola e a agride com as lembranças que quando acessadas pela protagonista promove desconexão com a realidade; e que fomenta o diagnóstico dos vizinhos de que ficara louca. Após a morte do marido Hillé torna-se então descrente, atônita e entediada, a viuvez lhe tira a razão de viver.

E, por isso, Hillé se torna então o ideal a ser atingido, pois mesmo tachada de 'velha, louca e obscena' não se importa em se admitir um sujeito desejante, contrapondo o que seria 'correto' para a sociedade, ou seja, uma idosa descrente, atônita e entediada. O relato de 'A Obscena senhora D' é envolvente, porém alinear, os diálogos são entrelaçados e contínuos, a narrativa é profunda, densa e os pensamentos de Hillé são soltos.

A dissertação traz no primeiro capítulo o envelhecimento feminino e as relações estabelecidas com a mulher e o seu corpo depois dos 60 anos de idade. Já no segundo capítulo, aborda-se os estigmas imputados à mulher idosa colocada sempre como subalterna e inferior. Quanto ao terceiro, busca-se fazer um relato da formação da subjetividade acerca da sexualidade da mulher idosa, trazendo à tona imperativos que permeiam a sociedade e ditames sobre seu corpo, que é 'impedido' de ter prazer e que tem a menopausa, uma de suas fases organicamente natural, patologizada. E enfim, no quarto capítulo, com a análise das estruturas discursivas sobre a sexualidade, presentes no portal do Envelhecimento que resvalam na sexualidade dessas mulheres.

## CAPÍTULO 1 – A MULHER IDOSA E O CORPO

"A pálpebra descida, crestada, os ralos cabelos, os dentes que parecem agrandados, as gengivas subindo, procuro um naco de espelho e olho para Hillé sessenta, Hillé e emoções desmedidas, fogo e sepultura, e falas, desperdícios, a vida foi." (HILST, 2001, p. 71)

Segundo a Organização Mundial da Saúde um indivíduo é considerado idoso a partir de 60 anos. O número de idosos aumentou significativamente no último século. Segundo estimativas da ONU<sup>15</sup>, a população mundial envelheceu. Com isso, diversas áreas ligadas à gerontologia e outras áreas que estudam a velhice, expandiram os estudos e pesquisas pertinentes à velhice, em como são seus efeitos, seus percalços, seus estágios e principalmente como amenizar possíveis efeitos propiciando uma boa velhice. É relevante ressaltar que a velhice não ocorre de forma abrupta e repentina, mas processual e gradativamente.

Como o envelhecimento se processa geralmente de maneira silenciosa, ao contrário da sempre ruidosa adolescência, o sujeito tem na velhice possibilidade de adaptar-se aquilo que se instala por pequenas modificações. Isso não impede, contudo, o surgimento de dificuldades concernentes ao reconhecimento e aceitação da imagem que a velhice impõe. (MUCIDA, 2012, p. 111).

A velhice é comumente cercada de conceitos construídos acerca desse momento da vida humana, e várias dessas ideias segmentam, discriminam e estigmatizam os indivíduos. Por isso, é comum a sensação de não reconhecimento e não pertencimento, gerando assim, uma negação dessa fase, quando o velho, como afirma Beauvoir (1960), é sempre o outro. No que Peixoto complementa sobre as constantes mudanças acerca da 'feitura' desse personagem idoso:

A representação social da pessoa envelhecida conheceu, assim, uma série de modificações ao longo do tempo, uma vez que as mudanças sociais reclamavam políticas sociais para a velhice, políticas essas que pressionavam pela criação de categorias classificatórias adaptadas à nova condição moral, assim como a construção ética do objeto velho. (PEIXOTO, 2006, p.70)

---

<sup>15</sup> <http://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/>

Nesse sentido, é importante ressaltar uma grande busca por agrupamentos, uma vez que, para Debert (1999) as pessoas com mais idade investem em formas distintas de associativismo, principalmente as mulheres. Segundo a autora, o incentivo à inserção desse idoso nos grupos se tornou ordem, imperativo que define como a velhice será vivenciada. Os idosos que vão contra esse indicativo experimentam um rechaço às avessas, pois estão fadados à tristeza, à doença e à mesmice.

A inserção em grupos de convivência e associações para a terceira idade torna-se quase uma imposição, segundo Debert (1999). O que torna essa visão, um tanto quanto romantizada, visto que a participação nesses grupos não é a resolução de todos os problemas dos idosos, sobretudo, aqueles que optam pela reclusão, para momentos introspectivos estão à margem da sociedade e da felicidade prometida.

## **1.1 - ENVELHECIMENTO FEMININO**

E falar de envelhecimento feminino requer cuidado, pois como diz Goldenberg (2010) na cultura brasileira, em que o corpo é um importante capital, o envelhecimento torna-se um período de inadequação e não identificação com esse novo corpo. Featherstone (1994, p.54) coaduna com a mesma perspectiva. “Nós temos que considerar as maneiras pelas quais a forma do corpo (suas várias características formais tipo volume, vigor, beleza) é culturalmente codificada para operar como um indicador de poder social e prestígio” . Fisicamente mais debilitada por suas funções orgânicas já não estarem em pleno funcionamento, a mulher idosa perde esse prestígio. O olhar do outro já alia o corpo da idosa à decrepitude. Para Vilela e Oliveira (2011, p.60), “pensar gênero e envelhecimento exigiria considerar articulações específicas de diferentes vetores sociais de produção de subjetividades e definição de identidades...”

O sentimento de insatisfação com a percepção do envelhecimento físico é atribuído ao medo de não poder mais concorrer nos jogos de sedução e de conquistas amorosas. Estar sozinha, sem companheiro ou marido, é sinônimo de solidão. Não basta para essas mulheres as relações de

amizade, os filhos, os netos ou o trabalho, uma vez que o fundamento da felicidade estaria nos princípios relacionais de conjugalidade. (BARROS, 2006 p.58).

Para Simone de Beauvoir (1980), a velhice pode ser mais cruel para a mulher do que para os homens, já que o destino da mulher é ser um objeto erótico perante o olhar masculino. Muitas mulheres recusam a idade que têm, pois encaram o envelhecimento como uma desqualificação.

Já que o destino da mulher é ser, aos olhos do homem, o objeto erótico, ao tornar-se velha e feia, ela perde o lugar que lhe é destinado na sociedade: torna-se um monstro que ressuscita repulsa e até mesmo medo; do mesmo modo que para certo os primitivos, ao cair fora da condição humana, a mulher assume um caráter sobrenatural: é uma mágica, uma feiticeira com poderes sobrenaturais. (BEAUVOIR, 1980, p.152).

Beauvoir relata que em várias épocas os homens consideravam a mulher tão inferior em vários aspectos, que chegavam ao ponto de render graças a Deus por não terem nascido mulher.

Diferente do que ocorre na Europa, no Brasil, as mulheres conquistam essa liberdade tardiamente após terem cumprido os papéis de mãe e esposa e na grande maioria dos casos após se tornarem viúvas. Ou seja, o mais importante é valorizar uma nova imagem e um novo papel, voltar-se ao domínio privado, e não ao domínio público, que é do corpo jovem.

No Brasil, tenho observado um abismo enorme entre o poder objetivo das mulheres pesquisadas, o poder real que elas conquistaram em diferentes domínios (sucesso, dinheiro, prestígio, reconhecimento e, até mesmo a boa forma física) e miséria subjetiva que aparecem em seus discursos (gordura, flacidez, decadência do corpo, insônia, doença, medo, solidão, rejeição, abandono, vazio, falta, invisibilidade, aposentadoria). (GOLDENBERG, 2010, p.14)

Nesse histórico de repressão, da necessidade de servir o marido e aos filhos nas tarefas domésticas e algumas poucas trabalharem. Da obrigatoriedade de seguir as regras do que é socialmente bem visto, a velhice se torna a fase de real liberdade, onde como não tem mais a atenção/ cobranças, a mulher idosa pode fazer o que bem entender de seu tempo. Nisso, Goldenberg afirma:

A frase 'hoje eu posso ser eu mesma pela primeira vez na minha vida' foi repetida por muitas brasileiras que percebem o envelhecimento como uma redescoberta, altamente valorizada, de um 'eu' que estava encoberto ou subjugado pelas obrigações sociais, especialmente no investimento feito no papel de esposa e de mãe. As ideias de reencontrar-se, reinventar-se, redescobrir-se apareceram muito entre as brasileiras, sempre associadas ao fato de fazerem, hoje, que mais gostam: estudar, ler, conversar com as amigas, sair sozinha, ter tempo para si mesma, viajar ou, até mesmo, encontrar um novo prazer com o marido, assumindo mais os próprios desejos, e não buscando agradá-lo. (GOLDENBERG, 2010, p.14)

Debert (1999), fala sobre a divergência entre alguns autores sobre pontos positivos e negativos do envelhecimento feminino. Dentre os fatores negativos estão uma série de eventos associados a perdas como a viuvez, as transformações de seu corpo em decorrência da idade, a saída dos filhos de casa e em determinados países isso é somado à dificuldade financeira, ao isolamento e à dependência. Outros autores ressaltam o lado positivo do envelhecimento feminino, porém, alguns baseados no senso comum, ou ainda atrelados às ideias de subjugação como por exemplo o fato de que a maioria das idosas não passam pela ruptura em relação ao trabalho, por serem mães e estreitarem vínculo e cuidarem dos filhos por toda a vida, são mais amparadas durante a velhice do que os pais idosos. E também apontam como positivo o fato de por não poderem mais gestar, são liberadas ou seja, os controles sobre a mulher na velhice são afrouxados; e ainda por estarem acostumados com mudanças corporais bruscas tais como a menarca, a gravidez, a lactante enfrentam melhor as transformações que ocorrem na velhice.

É uma estranha liberdade, a de todas elas. Estranha, pela dupla valência: como liberdade de gênero, assinala se positivamente - mulheres que podem circular, viver conforme sua vontade; mas como liberdade geracional, e sobretudo existencial, tem também o sentido do marginalismo: podem sair, porque já não importam tanto: já não são bonitas (velho=gasto, feio), não irão atrair os homens, nem os de sua idade; já não reproduzem, não há muito o que perseverar. (MOTTA, p.233)

O termo *Ageless* citado por Debert (1999) significa sem idade e remete à ideia de reinventar, de transgredir e de olhar os aspectos positivos da velhice, os sentidos

múltiplos do envelhecer. Simone de Beauvoir chama a atenção para a necessidade de primeiro quebrar a conspiração do silêncio acerca da velhice e segundo ter um projeto de vida, ou de ter expectativas sociais. Alerta sobre a necessidade do rompimento da conspiração do silêncio que ronda a velhice e de envelhecer livremente, sem imposições e não de acordo com as convenções sociais. De lutar contra os preconceitos que cercam a velhice, e não aceitar o imperativo 'seja um velho' com toda a carga de sentidos e significados estigmatizados que essa palavra carrega.

## **1.2 - A RELAÇÃO DA MULHER COM O CORPO**

Brandini (2007) afirma que "desde os primórdios da raça humana, o corpo foi fabricado pela cultura (...) tudo da forma que as mulheres esperam aparentar e os homens admirar." As mulheres fazem verdadeiros sacrifícios na busca do suposto belo: pés femininos gangrenados na china, saltos altíssimos em todo ocidente que mais tarde prejudicarão o músculo das panturrilhas, aros de metal para alongar o pescoço nas tribos africanas, furos nos lábios e nas orelhas com madeira das índias brasileiras, corseletes e faixas para afinar a cintura e conseqüentemente impedir a respiração, espalhados pelo mundo inteiro. Goldenberg (2010, p.23) afirma que "em uma cultura como a brasileira, em que o corpo é um importante capital, o envelhecimento pode ser vivenciado como um momento de grandes perdas (de capital)." Perde-se a beleza natural para adequar a imagem vigente e integrar-se aos padrões exigidos.

Acredito que, na cultura brasileira, determinado modelo de corpo é uma riqueza, mais desejadas pelos indivíduos das camadas médias urbanas e também das camadas mais pobres, que percebem como um importante veículo de ascensão social. Nesse sentido, além de um capital físico, o corpo é, também, o capital simbólico um capital econômico e um capital social. (GOLDENBERG, 2010, p.9)

É no corpo que se instala a superioridade do homem a dominação masculina. Confirmando a hipótese de uma sexualidade rechaçada, Pierre Bourdieu (2002) critica o imperativo de que os homens devem ser fortes, potentes e viris enquanto as mulheres devem ser delicadas, submissas e tuteladas. O autor crítica a insatisfação

masculina em relação a partes do seu corpo serem pequenas enquanto as mulheres se acham inadequadas quando regiões do seu corpo são grandes demais. Bourdieu (2002) afirma ainda que quando as mulheres são colocadas como objetos simbólicos pelos homens, isso tem como efeito que permaneçam inseguras em relação ao corpo.

Neri (1995) e Goldenberg (2010) falam sobre a miséria subjetiva, que se refere a supervalorização do corpo. É como se emergisse no imaginário feminino, e principalmente, no masculino que ao se tornarem velhas, as mulheres são punidas com o abandono por não atenderem mais os ideais de beleza. Seus corpos já não mais despertam desejo.

Rugas, cabelos brancos, doenças degenerativas, presbitia etc. São sentidos como esses agressores externos que vêm questionar nossa imagem narcísica de potência, saúde e beleza. Então quando um velho fala do seu corpo com essas palavras, está falando de um corpo de sofrimento, está falando de uma dicotomia, de um psiquismo desejante, vivo, com vontade de fazer muitas coisas, e de um corpo que já não serve como instrumento. O que jamais poderemos esquecer é que esse corpo sofredor ou decadente pôde continuar sendo objeto de investimentos amorosos suficientemente significativos que façam uma ponte com o prazer. (GOLDENBERG, 2008 p.90)

Mirian Goldenberg (2008), em sua pesquisa comparando mulheres idosas brasileiras e alemãs, percebeu que enquanto para as brasileiras o discurso é centrado no corpo e na necessidade de estar bem fisicamente, as alemãs se preocupam com o intelectual. As alemãs afirmam ser infantil a postura de esperar que o homem a elogie, acham falta de dignidade ser tão dependente dos homens. Além disso, são emancipadas não apenas economicamente, mas principalmente psicologicamente. Já as brasileiras enfatizam a decadência do corpo, e o homem, seja a falta ou a presença, torna-se o centro da atenção de suas vidas; o que Mirian Goldenberg denominou, em suas pesquisas "capital marital" quando afirmou que, para as brasileiras ter um marido é o verdadeiro capital. Na busca do corpo ideal e no intento de agradar o outro, percebe-se a mercantilização consensual da mulher.

Em uma cultura como a brasileira, em que o corpo é um importante capital, o envelhecimento pode ser vivenciado como um momento de grandes perdas (de capital). Em uma cultura como alemã, em que os capitais mais valorizados são outros,

como profissional, o científico e cultural, o envelhecimento pode ser vivido como um momento de inúmeros ganhos e de muitas realizações e, especialmente, de extrema liberdade. Liberdade também muito valorizada, ainda que tardiamente, pelas brasileiras pesquisadas. (GOLDENBERG, 2010, p. 16)

Nesse sentido, o corpo feminino, em qualquer idade é cuidado e mantido para se tornar agradável ao olhar masculino. É imputado que, todos os dolorosos esforços como tratamentos estéticos, cirurgias plásticas e exercícios físicos é dever das mulheres para permanecerem com um corpo jovem e digno do desejo do outro.

**CAPÍTULO 2 – ESTIGMAS E SUBALTERNIDADE:**  
**A VELHA É SEMPRE A BRUXA**

"Só gente velha é que morre. você vai ficar velho também. eu não. sessenta anos. ela Hillé, revisita, repasseia suas perguntas, seu corpo. o corpo dos outros" (HILST, 2001, p. 43).

Diante das inúmeras construções de identidade submissas e subservís impostas à mulher idosa por não atender mais às 'demandas sexuais' e de trabalho, é possível observar o estigma. Para Goffman (2013, p.45), o termo estigma, é usado "em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos."

A idade é uma marca identitária na contemporaneidade, pois enquadra e condiciona os sujeitos. O 'ser velho' é uma construção social e histórica. Ao longo do tempo, as categorias classificatórias direcionadas ao objeto velho, teve que se adequar a nova condição moral e ética.

Pensar na velhice em termos de identidade social possibilita perceber que a velhice é uma classificação, uma vez que é uma atribuição por parte da sociedade e uma auto atribuição concomitante da identidade etária, separando e arrumando os indivíduos em um parâmetro de idade. Mas a transposição do esquema teórico de identidade étnica para o dia da entidade etária não é imediata. A identidade social sofre, ela própria, valorizações por parte dos grupos e/ ou indivíduos em interação social e as características a ela atribuídas são também bem mal valorizadas. (BARROS, 2006, p.130)

São complexas as questões relativas ao envelhecimento populacional quase sempre estigmatizado, marcado por máculas, taxações e limitações muitas das vezes impostas pelos outros. Com a idade, é imputada a essa mulher, as definições de decrepitude, de impotência, e de desserviço sexual.

Uma das piadas cruéis do processo de envelhecimento é que após uma fase inicial de crescente poder e controle sobre o corpo e uma fase de relativo platô da meia idade, a última parte da vida envolve a perspectiva de falência potencial dos três níveis de controle e competências que nós mencionamos. É a perda desses controles do corpo tanto quanto da capacidade de atingir uma conduta e um procedimento mais jovem que leva estigmatização das pessoas idosas e afetiva perda do seu

direito de ser tratada como pessoa valorizada  
(FEATHERSTONE, 1994, p.67)

Um indivíduo estigmatizado ao se apresentar aos outros um 'eu precário' está sujeito ao insulto e ao descrédito. O estigmatizado se molda ao se mostrar vulnerável, pois abriu a 'guarda' para o opressor, ou seja, de algum modo transpareceu uma suposta fragilidade.

Tornar visível o que não é visto pode significar uma mudança de nível, dirigindo-se a uma camada de material que, até então, não tinha tido pertinência alguma para a história e que não havia sido reconhecida como tendo qualquer valor moral, estético ou histórico. (FOUCAULT *apud* SPIVAK, 2010, P.78).

A identidade se torna um problema quando está em crise, e esta crise pode ser característica da modernidade tardia e das transformações globais da vida contemporânea. Como afirma Goffman (2013, p.143), "o doloroso de uma estigmatização repentina, então, pode ser resultado não da confusão do indivíduo sobre sua identidade, mas do fato de ele conhecer suficientemente a sua nova situação".

Essa generalização pejorativa pode levar ao distanciamento da identidade relativa à comunidade e à cultura local, porém, pode também suscitar uma resistência que fortalece identidades nacionais e locais ou incita o surgimento de novas posições de identidade reafirmando suas identidades de origem.

A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade - tal como a da feminilidade loira e distante ou a da masculinidade ativa. (WOODWARD, 2000, p.18)

Tomando como base essas comparações pejorativas, para exemplificá-las pode-se fazer uma analogia ao melodrama acerca da figura da mulher idosa quando representada nos filmes, a velha assume não raramente, a identidade da vilã.

"Nestes contos, a mulher velha - cuja feminilidade já torna suspeita - é sempre um ser maléfico. Se alguma vez pratica o bem, é que, na verdade, seu corpo não passa de um disfarce - do qual se despoja, aparecendo como uma fada

resplandecente de juventude e de beleza. As verdadeiras velhas são - como nos poemas latinos - fêmeas de ogros, feiticeiras malvadas e perigosas. A misoginia da idade média se imprime em todos os personagens de velhas mulheres que encontramos na literatura." (BEAUVOIR, 1990, p. 168)

Existe uma grande preferência por parte dos idosos de serem chamados por outros termos como 3ª idade, mais vividos, maduros, maior idade, melhor idade, sendo proibido nesses agrupamentos termos considerados pejorativos como velho, velhinho, vovozinho e vovozinha. No entanto, Debert (1999) afirma que "a transformação das etapas mais avançadas da vida em novos mercados de consumo e as novas imagens do envelhecimento, acabam por exigir uma reformulação da imagem do idoso, produzida pelo discurso gerontológico."

A vivência primeira da velhice se dá no corpo, o corpo por si só não se revela como atributo da velhice, mas uma vez que ela, como estigma, se instala no corpo e passa a inquietar o idoso, onde se expressa o sentimento de um corpo imperfeito, em declínio, enfraquecido, enrugado, extrapola a visão do corpo, ampliando para personalidade, o papel social, econômico e cultural do idoso (BARROS, 2006, p.21).

O corpo torna-se então bode expiatório e assim, aventa-se a possibilidade de haver o surgimento de demandas de novas imagens e estigmas quando o modelo apresentado se torna de capital importância para o receptor. Possíveis identidades prontas para o 'consumo' das idosas, desde o idoso que se exercita, e é extremamente saudável até o idoso que consome o adesivo para a prótese dental, como afirma Rolnick (2002) sobre um ideal de vida divulgado e aceito como realidade:

Identidades prêt-à-porter, figuras glamourizadas imunes aos estremecimentos da força. Mas quando são consumidas como próteses de identidade, seu efeito dura pouco, pois os indivíduos-clones que então se produzem, com seus falsos-self estereotipados, são vulneráveis a qualquer ventania de forças mais intensas. Os viciados nessa droga vivem dispostos a mitificar e consumir toda imagem que se apresente de forma minimamente sedutora, na esperança de assegurar seu reconhecimento em alguma órbita do mercado. (ROLNICK, 2002, p.22)

Para Woodward (2000), o corpo é o principal referencial que demarca a identidade de uma pessoa. “O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade – por exemplo, para a identidade sexual.” No caso da mulher, que tem maior preocupação com a aparência física, essa mudança tem um peso maior, ainda mais quando essa mudança tem medidas paliativas mas que não retrocedem.

Tornou-se um tabu a menção de alguns termos como velho e velhinho pertinentes ao universo do idoso. A contradição se dá pelo fato de que a luta está para a queda de preconceitos e aceitação da real idade, mas a imagem é alterada pelo surgimento de novos estereótipos e pelo endeusamento de pessoas saudáveis e adeptas aos “estilos de vida e à parafernália de técnicas de manutenção corporal” como afirma Goldenberg (2010), que afirma ainda que, esses estereótipos fazem jus e alimentam o pensamento coletivo de ojeriza ao corpo envelhecido.

A velhice, assim como as outras fases do desenvolvimento, requer cuidados próprios, mas é evidente que quando isso se torna imperativo, e caminho único para atingir uma suposta felicidade e bem estar, contradiz seu objetivo. Torna-se regra e passa a ter caráter punitivo àqueles que não a seguirem, passando a ser assim responsáveis por todos os seus dissabores.

Debert (1999) chama de perspectiva do idoso como “fonte de recurso” quando há uma determinada alteração no modo como o idoso é visto. Antes era estereotipado a partir da visão de abandono, solidão, dependência e passam atualmente passar a ser vistos como seres ativos. Preconiza que todo o processo de reprivatização da velhice é resultado do diálogo dos gerontólogos com a mídia e através dos espaços sociais criados em torno do envelhecimento desde portais, blogs, páginas do facebook, jornais, revistas, clínicas e etc. Assim afirma que:

Os estereótipos do abandono e da solidão, que caracterizariam a experiência de envelhecimento, são substituídos pela imagem dos idosos como seres ativos, capazes de oferecer respostas criativas ao conjunto de mudanças sociais que redefinem a experiência do envelhecimento. Novas formas de sociabilidade e de lazer marcariam essa etapa da vida, reciclando identidades anteriores e redefinindo as relações com a família e parentes. (DEBERT, 1999, p.206).

A 'perspectiva da miséria' tão mencionada por Debert (1999) que traz à tona a visão do velho abandonado, dependente, da decrepitude física, se contrapõe a esse ideal fomentado de 'feliz idade'. Isso, altera todo um quadro até então construído e que remete à fala de Eagleton (1943, p.39) quando coloca a cultura como algo a ser alterado de maneira maniqueísta “Mas nenhuma cultura pode ser inteiramente negativa, já que só para atingir seus fins perversos ela tem de promover capacidades que sempre implicam usos virtuosos.”

O fato de não pertencer a grupos, antes de jovens e depois dos adultos, a mulher idosa se vê obrigada a se enquadrar em outro grupo, onde todos assim como ela, necessitam de novos pretextos, rumos e caminho. Sobre esse pertencimento, Kathryn Woodward (2000) afirma que “com frequência, a identidade envolve reinvidicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável.”

Na velhice, implicitamente ou explicitamente, emergem vários estereótipos como o retorno à infância pela necessidade de cuidado e tutela. A velhice é associada à morte, com o declínio irreversível da idade e com o surgimento das doenças e da degenerescência física e mental.

Mucida (2012) ilustra essa percepção da alteração corporal:

A imagem na velhice, além de não ser valorizada culturalmente, não traz perspectivas de novas aquisições, pelo contrário delineiam se apenas perdas. Há também as dificuldades de se reconhecer naquilo que o espelho apresenta, e no paradoxal, o fato de que para cada um, o velho é sempre o outro pode provocar para alguns, uma percepção - mesmo que é ilusória, como toda percepção - de que afinal a imagem não se modificou tanto assim. (MUCIDA, 2012, p.110)

Dentro dos agrupamentos para a terceira idade, é possível verificar narrativas que confirmam que o universo da mulher idosa é comumente cercado de estigmas, tabus e estereótipos. Quase sempre é representado como doente, cansado, dependente emocional e financeiramente. Essa imagem negativa focada nos problemas, nas doenças, no abandono gera um estado de negação, onde velhice é não aparentar a idade que tem e onde o velho é sempre o outro. Os idosos são feios, tristes, desprezados, abandonados, afastados do convívio social. Para a mulher é pior ainda, pois, desde muito cedo é obrigada a lidar com a possibilidade de, ao menor 'deslize' aos olhos da sociedade, ser nomeada de diversos apelidos

jocosos: danada e rebelde na mocidade, à bruxa e velha. A subjugação é passível de estar presente em qualquer momento de sua vida, mas especialmente na velhice.

Um conjunto de forças levam esses idosos a superarem a imagem do idoso estagnado e recluso para a retomada da vitalidade, uma espécie de alteração imagética que nega o atual. E dentro desse pacote de oferta para esse público que envolve desde exercícios, viagens de lazer e consumo direcionados para a terceira idade, na necessidade da reconstrução dessa imagem de velho, idoso para terceira idade depara-se com a sexualidade e o imperativo de permanecerem ativas e atentas. Sendo assim, como seria a sexualidade já não ‘atuante’, também negada ou reprimida?

Ao envelhecer a mulher além de ter que lidar com as alterações e limitações impostas pelo avanço da idade, continua enfrentando diversos nomes jocosos e preconceituosos. Na figura da sogra essa aversão e repulsa se tornam pior. A docilização dessa mulher, para Beauvoir (1990) já em idade avançada só se torna possível no papel de avó que é a reaproximação do papel de mãe.

Da mesma forma que Beauvoir, Greer (1991) lança mão da extensa mitologia relativa às mulheres velhas, presente em diferentes culturas. No entanto, a sua intenção aí não é mostrar o horror atávico que os homens têm da mulher velha – que não pode mais procriar, não é desejada sexualmente, não mais produz nem aceita ordens, não tendo, portanto, inscrição social, e sim o temor que esta personagem inspira, posto que está salvo das diferentes armadilhas que os homens criaram para o aprisionamento das mulheres. (...) a principal contribuição de uma perspectiva feminista para a construção da autonomia das mulheres no climatério e durante o envelhecimento seria o confronto da ideia de que, do ponto de vista social e simbólico, as mulheres acabariam, deixariam de existir quando cessasse a sua capacidade reprodutiva, só lhes restando ir passando o tempo à espera da sua morte biológica. (VILELA , OLIVEIRA, 2011 p.67)

Historicamente, a mulher sempre esteve abaixo, sempre esteve ‘atrasada’ em relação ao homem, quer seja no direito de trabalhar e de receber um salário equivalente, no direito ao voto e em diversos outros casos. Debert (1999) afirma que “as mulheres na velhice experimentam uma situação de dupla vulnerabilidade, com o peso somado de dois tipos de discriminação – como mulher e como idosa”

Quanto à sexualidade a mulher é, desde sempre, estigmatizada sempre alvo de apontamentos, e qualquer desvio as regras era (e ainda é) motivo para rechaço,

punição e diminuição através de apelidos jocosos e depreciativos. Desde ‘menina pra frente’, ‘assanhada’, ‘saliente’, ‘imoral’, ‘galinha’, ‘vaca’, ‘piranha’, ‘puta’, ‘meretriz’, ‘da vida’, ‘desfrutável’, taxações impostas ao que se refere ao comportamento inadequado e sexualizado a partir da juventude; até ‘velha safada’, ou o recorrente questionamento ‘mas nessa idade?’ na idade mais avançada.

Nesse discurso supostamente ‘familiar’, que fomenta os discursos hegemônicos do sexo masculino, a mulher se torna invisível. Discurso esse que atinge sua subjetividade e a torna, ao olhar do outro, inadequada e inferior. Para Khel (2002, p13), “a mulher com sua sexualidade ambivalente, surge como problematizadora da sexualidade humana, portadora da diferença, na medida em que se destaca como um menos um sobre o pano de fundo do grau zero masculino.”

Possíveis explicações para esse decreto funesto poderiam ser apoiadas pelo fato do envelhecimento principalmente para a mulher além de estar atrelado à decrepitude física. A mulher idosa passa a não despertar desejo e por isso, é logo associado na sociedade machista à impotência e à inutilidade sexual. Assim, a menopausa torna-se um marco para essa desvalorização que parte do outro.

A associação entre menopausa e perda de valor encontra no discurso médico a exposição mais clara e marcante. Alguns anos atrás, em uma conferência sobre menopausa proferida por um renomado ginecologista, o discurso – acoplado à exposição de imagens, para que não restassem dúvidas – apresentou a mulher menopausada como alguém frágil, rígida, curva, apática, dessexualizada, condenada à osteoporose e a outras doenças igualmente graves, caso não se submetesse à reposição hormonal. O ato médico – que se atém à prescrição – ultrapassou, nesse caso, pela violência do discurso reducionista, os limites da anulação do sujeito que habita em cada corpo feminino ‘menopausado’ ou não. (MUCIDA, 2012, p 163)

A ameaça do outro atinge a subjetividade da mulher que se sente menosprezada, diante dos imperativos impostos do que a mulher ‘tem que ser’. Ela deve atender expectativas em muitas áreas: estética, sexual, intelectual, moral e até motora no caso da mulher idosa. A mulher idosa é um objeto de repugnância e zombaria, chamada de ‘velha pavorosa’ é frequentemente comparada a uma feiticeira. Seu retrato físico é caricato e taxado de repugnante: ‘uma imagem viva da morte’. É acusada por sonhar e ter a pretensão de ser sempre jovem.

No entanto, na relação dos adultos com as velhas ocorre o inverso. Mulheres velhas – salvo exceções – não fazem mais nada que seja considerado como tendo algum valor social. Elas são definidas por uma existência, e não por uma práxis. O tempo às conduz a um fim – a morte – que não é o seu fim, pois não foi estabelecido como um projeto de vida. E assim a velha aparece aos indivíduos ativos como uma ‘espécie estranha’, na qual eles não se reconhecem (VILELA, OLIVEIRA, 2011, p.74)

Nessa perspectiva de submissão, ressaltada nessa pesquisa, a mulher sempre foi submetida a julgamentos e preconceitos em diversos âmbitos e os estereótipos são violentos, as mulheres ainda sofrem com definições que ridicularizam a presença nos espaços de poder e liderança nas relações de trabalho.

A ideologia da competitividade, da busca do acúmulo de capitais está articulada com a dimensão masculina, restando ao campo feminino uma mera ação no domínio do privado que, neste sentido, age como um elemento atenuante de eventuais excessos da busca do acúmulo. Não é coincidência o fato de que as atividades profissionais voltadas ao atendimento humano (como educação e saúde) são hegemônicas por mulheres e criou-se um consenso informal de que nestas atividades elas têm mais 'competência' que os homens. Indo mais além, percebe-se que os movimentos sociais de contestação aos danos causados pelo capitalismo neoliberal são protagonizadas, em sua grande maioria, por mulheres. O feminino é, pois, uma dimensão de resistência ao paradigma hegemônico neoliberal." (OLIVEIRA, 2009, p. 28)

Na década de 50, a sexualidade era freada desde muito cedo, moças ousadas e cheias de iniciativa eram automaticamente estigmatizadas, abandonadas e discriminadas. Era extremamente inadequado e associado às prostitutas, tomarem a iniciativa com um rapaz. E aí, uma vez difamadas, era alta a possibilidade de terem que passar a carregar outra carga estigmatizada a da solteirona.

As levianas<sup>16</sup> eram aquelas com quem os rapazes namoram, mas não casam. Deveriam, inclusive, ser evitadas pelas boas moças para que estas não fossem atingidas por sua má fama e seus maus exemplos. Já as garotas que se comportassem como moça de família seriam respeitadas pelos rapazes e teriam muito mais chances de conseguir um bom casamento.

---

<sup>16</sup> Na eleição para a presidência de 2014, o candidato derrotado Aécio perdeu inúmeros votos ao nomear a atual presidenta Dilma como leviana em um dos debates na Rede Globo.

Pois, segundo a regra, em última instância, eram os homens quem as escolhiam e, procuravam para esposa uma pessoa recatada, dócil, que não lhe trouxesse problemas - especialmente contestando o poder masculino - e que se enquadrasse perfeitamente aos padrões da boa moral. (BASSANEZI, 2008, p.613)

Muitas mulheres estão escolhendo não lutarem ou não se identificarem como feministas porque hoje a luta pelos direitos das mulheres, em alguns casos, é visto como ódio aos homens. Assim, os estereótipos relacionados ao gênero são embebidos em discursos de ódio e as defensoras são chamadas de agressivas, solitárias, pouco atraentes, mal amadas na tentativa de imputar essa identidade subalterna às defensoras do feminismo.

Boa parte dos problemas e sofrimentos relacionados àquilo que socialmente se construiu e se designa pelo nome velhice deriva da estigmatização, da marginalização, do preconceito, da sideração pela busca de sucesso individual e de corpos perfeitos e da incapacidade para suportar faltas, limitações e incompletude, da nossa cultura e sociedade. (PACHECO FILHO, 2009, p.137)

Assim, os questionamentos que erigem é que mesmo com muitas lutas, enfrentamentos e embates, por que a mulher recebe e até mesmo assimila esse papel opositor e subalterno e quais implicações que permeiam a subjetividade dessa mulher levando em conta sua a história de submissão cultural e ainda os dispositivos que alimentam todas essas forças.

## **CAPÍTULO 3 – SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DE SUBJETIVIDADE**

"Toma meu coração, meu nojo extremado também, vomita-me, anseios, estupores, labiosidades vaidosas, toma os meus sessenta, sessenta anos vulgares e um único aspirar, suspenso." (HILST, 2001, p. 56)

A sexualidade não é restrita ao ato sexual em si, mas envolve outros aspectos da vida, que inclui sentimentos, emoções, paixões, estado de humor e as pulsões. Muitas vezes a sexualidade é discutida como se fosse ligada somente ao ato sexual, e como se pessoas que não mais se relacionam sexualmente estivessem destituídas da própria sexualidade, o as excluem.

As perspectivas que consideram a sexualidade como constitutiva da subjetividade são particularmente interessantes. Essas aproximações ressaltam que esse conjunto de práticas, representações e atitudes em torno das trocas eróticas traduz uma dimensão e interna dos sujeitos e, nesse sentido, é particular a uma determinada cultura. Por isso, só seria possível recorrer a sexualidade como 'explicação' quando o contexto cultural o autoriza. (...) Os contextos que autorizam essa explicação são aqueles nos quais há uma noção de pessoa, na qual interiorização individualização modelam a subjetividade." (FOUCAULT, 1999, p.13)

Na Antiguidade disseminavam a associação de atividade sexual e o mal, o imperativo da monogamia procriadora, a condenação das relações do mesmo sexo, a exaltação da continência. O autor apresenta ao longo da história uma sexualidade relegada e rechaçada, autorizada apenas na surdina.

Para outros autores, é claro que houve tempos de total liberação antes do cerceamento, principalmente da Igreja como para Ariés (1978), o imperativo do prazer masculino, que quando criança tinha total respaldo para satisfazer seus desejos, revela que o órgão sexual masculino exibido era manipulado sem pudor 'com consciência limpa e publicamente' gestos e contatos físicos, só passavam a ser proibidos quando a criança atingia a puberdade, quase adultos.

No século XVII, quando os imperativos 'da carne' e o falatório a cerca do sexo não paravam de crescer, foi necessário esconder o sexo e para isso, ficou instaurado que era um discurso indecente e que não deveria ser mencionado. Cobri-se a nudez e é decretada a vigência da descrição e do pudor. O que resvala

na sexualidade é tangencial, não pode ser mencionado porque é um tabu que perpassa todo o tecido social.

Porém, instaurou-se a necessidade da confissão e absolvição desse pecado. A pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, passar tudo o que se relacionava com o sexo pelo crivo interminável da palavra, fazendo do desejo um discurso controlado e sujeito a represálias. E esse controle era imputado com mais rigor a mulher.

### **3.1 - A MULHER NÃO PODE SENTIR PRAZER**

Discursos como 'é muito feio mulher beber ou é feio mulher que fuma' comprovam que se as mulheres são tolhidas em ações tão corriqueiras, será ainda mais em relação a sua sexualidade. O ato sexual tinha como objetivo ou a reprodução ou a satisfação masculina. Na verdade, a mulher era entendida com um ser desprovido de desejo e era impedida de tomar qualquer atitude de conotação sexual, já o homem tinha licença e respaldo e da sociedade, por simplesmente ser homem. Para Bassanezi (2008, p. 616), "caso se exacerbasse nas carícias ou propusesse intimidades sexuais à sua namorada ou noiva, o rapaz seria absolvido pela crença difundida de que se comportava de acordo com sua natureza de homem."

A moral sexual dominante nos anos 50 exigia das mulheres solteiras a virtude, muitas vezes confundida com moral sexual e, sempre, relacionada à contenção sexual e a virgindade. (...) No próprio código civil estava prevista a possibilidade da anulação do casamento caso o recém-casado percebesse que a noiva não era virgem, e se tivesse sido enganado, poderia contar com o código penal que garantia punições legais para o 'induzimento a erro essencial'." (BASSANEZI, 2008, p.613)

Foram disseminados estudos que constroem como errados os corpos femininos. A menstruação, é tida como um fracasso, por ser a fase em que a mulher não está reproduzindo. Enfatizam acima de tudo os aspectos negativos dos ovários que envelhecidos falham em produzir hormônios femininos. A imagem distorcida que muitas mulheres têm seus corpos e de si mesmas. A transgressão do que é proibido é logo associado ao corpo feminino, pois é a mulher que seduz.

Embora as mulheres não formem, em nossa sociedade, uma comunidade habitacional de interação verbal, elas têm, de fato algumas experiências em comum: todas são definidas como 'mulheres', uma das duas categorias de gênero praticamente fixas nas quais todos devem ser classificados em nossa sociedade; todas (algumas mais do que outras, algumas mais conscientemente do que outras) ocupam uma posição subordinada em relação aos homens, senão em seus trabalhos, então em suas famílias; senão em suas famílias, então no imaginário da cultura geral e na linguagem; todas têm corpos femininos experimenta os mesmos processos corporais, como menstruação e parto (embora grupos tão distintos como dos negros ou dos judeus americanos possam dar a esse processo significados diversos); todas são afetados de uma forma ou de outra pelos conceitos médicos e científicos do processo corporal feminina." (MARTIN, 2006, p.37)

Através das narrativas históricas, percebe-se que aumentou a obrigatoriedade da mulher ser afetuosa, comedida e prudente, tudo isso, pautada no recato dos moralistas, havia exagerada preocupação com a decência, repleta de lições de moralidade. A mulher teve sua sexualidade rechaçada porque demanda energia que deveria ser poupada para o trabalho, dentro do lar.

Através das narrativas das revistas, percebe-se que o casamento era entendido como uma divisão hierárquica de gênero. Encaravam a infidelidade do marido como uma concessão que deve ser aceita de forma tolerante. Expedições fora do domínio do casamento eram muito provavelmente aceitas para as mães das idosas de agora. Hoje a infidelidade já é vista como uma ruptura, um sintoma de fracasso no casamento.

As regras sociais ainda determinavam: a mulher que não se enquadra no ideal de boa esposa corre sérios riscos de perder o marido obrigando-o a buscar fora de casa a tranquilidade e harmonia que não sabe lhe proporcionar. Era frequente a ideia de que a própria mulher, descuidada, dominadora ou queixosa, pudesse ser a responsável pelo descaso e até pela infidelidade do marido. (BASSANEZI, 2008, p.632)

Percebe-se certa dificuldade em desnaturalizar coisas que são aprendidas a tomar como dadas como, por exemplo, o lugar natural da mulher é o lar e sua função natural é cuidar da casa e da família. Metade das leis e costumes ancestrais tinha como objetivo explícito ir contra a sexualidade das mulheres. As mulheres eram determinadas seres assexuados, impúberes e não desejantes.

Gênero continua sendo uma ferramenta conceitual, política e pedagógica central quando se pretende elaborar e implementar projetos que colocam em xeque tanto algumas das formas de organização social vigentes quanto as hierarquias e desigualdades delas decorrentes. (MEYER, p.11)

O feminismo busca resistir ao patriarcado e luta pelo direito ao voto, ao acesso ao ensino superior, a igualdade salarial e lutam ainda por questões como direito de decidir sobre o próprio corpo e sua sexualidade. Como afirma Meyer (2003, p.12), "as relações de poder que permeavam a vida privada e as relações afetivas e, ainda, a configuração da maternidade e do cuidado de crianças como 'destino natural de mulher'."

Antes havia o imperativo de que a mulher seguir um roteiro sexual socialmente aceito: a virgindade pré-marital, primeira relação após o casamento, um único homem. O sexo casual quando mais jovem é considerado um perigo. Ausência da mãe como incentivadora e confessora da iniciação da vida de sexual, tendo que buscar um grupo de iguais, amigas e irmãs.

As revistas femininas dos anos 50, mesmo as que se destinam à mulher dita liberal, propõem que quando não há prazer sexual, que ela finja orgasmo para manter seu relacionamento. Pode haver submissão maior do que relegar o próprio prazer, para ter a satisfação do companheiro?

Austeridade intra conjugal será, mais precisamente, justificada pelas duas grandes finalidades naturais e racionais que são reconhecidas no casamento. Em primeiro lugar, é claro, apropriação. (...) As relações sexuais só poderiam ocorrer legitimamente se tivessem essa procriação como objetivo (...) A segunda grande finalidade do casamento - a ordenação de uma vida comum e inteiramente compartilhada - constitui o outro princípio que invoca a austeridade no seio das relações conjugais." (FOUCAULT, 1988, p.179 -180)

Antes pensava-se que o corpo e a alma das mulheres eram controlados pelos ovários e pelo poder supremo do útero, então, supostamente quando ele estava ativo durante a puberdade, a menstruação e a gravidez, a mulher não era sobrecarregada com esforços físicos ou 'esforços mentais'. As narrativas das mulheres, ao longo do tempo, sobre as relações com seus corpos envolviam a fragmentação do eu, era comum renunciar suas próprias vontades, como resultado, obviamente, do papel de submissão atribuído à mulher.

### **3.2 - A SEXUALIDADE DA IDOSA É PECADO E NOJO**

A premissa básica é que por ser mulher e idosa não tem direito a sexualidade. É socialmente construído que a mulher idosa não pode, ou não deve ter prazer. Para muitos é repugnante apenas a menção a isso. O boom e o fomento do viagra estimulante sexual masculino e a ausência do cuidado e da pesquisa com o prazer feminino remete ao questionamento e a mulher idosa não sente prazer?

Não é a idade que determina a ausência do desejo e, muito menos, ausência ou a presença de relações sexuais, mesmo que estas possam ser inscritas na velhice sobre tecidos diferentes daqueles encontrados na adolescência, nos quais se computar os organismos é uma forma usual. A sexualidade do idoso pode encontrar caminhos inéditos nos quais o desejo, que não morre, encontra outras maneiras de inscrição. Mas nada disso é garantido. Para alguns, a velhice, longe de inscrever o desejo, coloca em cena, de forma avassaladora, a forma de gozar própria ao sujeito, não abrindo espaço à presença afetiva do desejo pela libido. (MUCIDA, 2012, p.158)

Mesmo com a anuência da OMS (Organização Mundial da Saúde), que preconiza a questão da vida sexual ativa como um fator de qualidade de vida, a sexualidade da idosa ainda é considerada repulsiva por muitos; é vergonhoso tanto uma mulher velha amar quanto amar uma mulher velha. Viana (2008, p.35) salienta a possibilidade do descaso em relação a sexualidade, é a insatisfação durante anos, desestimulando assim a sua continuidade. "O idoso se utiliza da velhice para interromper a vida sexual (...) Mas, muitas vezes, por que não tiveram, ou não estão tendo, uma vida sexual satisfatória. Como não tem tanto prazer nisso, então se "aposentam'."

É como se essas mulheres, entregando também ao parceiro o nada de seu gozo, mas não inicia imiscuindo das relações sexuais e silenciando seu desejo, se pusessem a salvo da ameaça do outro gozo que faria furo a supremacia do gozo fálico. Colocando um anteparo ao jogo sempre incerto do desejo do outro, que o gozo feminino é de longe a testemunha mais presente, essas mulheres a seguram na fantasia de alguma forma a suplência à relação sexual que não existe. (MUCIDA, 2012, p.173)

Segundo Goldenberg (2010), em sua pesquisa o questionamento sobre as praticas sexuais foram as que mais geraram desconforto. Segundo a antropóloga, a voz encolhia e havia um grande desinteresse da parte delas em falar sobre isso, pois acreditam que estavam fora do 'mercado sexual', a justificativa paradoxalmente era, ora por estarem velhas e ora pelo fato de seus companheiros não as desejarem mais. Mas isso, certamente, tem como antecedente participar de uma cultura onde a criação e principalmente casamento não fomentam o prazer da mulher. O que confirma Mori (2008) "em geral, são vidas conjugais e sexuais insatisfatórias, o que não significa que a sexualidade não esteja ali e possa ser experimentada e vivenciada de maneira rica, como quando se era jovem."

Entende-se, a partir disso, a sexualidade como um cumprimento de uma função dada a essa mulher e como tarefa desempenhada, passível da necessidade de cumprir de acordo com as regras vigentes, para que não seja trocada ou sujeita a retaliações, o que sob o julgamento da sociedade, a partir da menopausa, não é possível de acontecer, tornando-se inexistente.

### **3.3 - A PATOLOGIZAÇÃO DA MENOPAUSA**

A menopausa é comumente vista como doença, e os calores são, para muitas, extremamente constrangedores. A Organização Mundial de Saúde (OMS) aboliu o termo climatério oficializando o termo menopausa para o 'encerramento' da reprodução com a cessação da ovulação. O Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa (Brasil, 2008), do Ministério da Saúde, descreve-o como fase natural da vida das mulheres, acompanhado ou não de sintomas, como: ondas de calor, suores "frios", insônia, tristeza, instabilidade emocional, modificações nos comportamentos sexuais, na pele etc.

Featherstone (1998) afirma que na Inglaterra do século XIX segundo a concepção popular das mulheres, a menopausa marcava a liberdade em função do jugo da necessidade da contracepção, da debilidade advinda do parto e da "maldição" da menstruação.

Segundo Mori (2008) são poucas as políticas públicas direcionadas para o cuidado da mulher idosa, normalmente são voltadas para as mulheres que estão na fase reprodutiva. Quando a mulher passa por um médico na maioria das vezes é

medicada com anti depressivos e ansiolíticos mesmo que nunca tenha passado por uma depressão. Com isso, não há um aprofundamento nas noções subliminares da mulher sobre si e sobre seu corpo, não há a percepção do constrangimento e do descontentamento provocado durante a fase dos 'calores' seguido por uma sensação de fracasso da auto imagem e fracasso no desempenho social pela incapacidade de controlar as funções corporais.

Se a menopausa é ou não valorizada em conformidade ao discurso dominante, é certo que numa cultura que cultua semblantes de novo, de beleza, de performance - dentre outros, a menopausa sinalizará o fracasso da ciência em ter aquilo que insiste em se escrever apesar das promessas milagrosas de infundáveis objetos. A tudo aquilo que caminha contra imperativo do gozo sem limites será reservado o silêncio ou o apagamento. Quando a ciência se detém a falar da menopausa, seu discurso não almeja outra coisa: controlá-la e silenciá-la. Não obstante a reposição hormonal, controlando muitos dos efeitos da menopausa, não pode anular a incidência desse significante sobre os sujeitos. (MUCIDA, 2012, p.163)

Como Mori (2008) aponta, na grande maioria dos casos, as idosas não tem problemas de ordem física, os problemas são de ordem subjetiva, estão na psique, mesmo assim, a lógica biologizante da medicina decreta a menopausa como uma patologia, e por conta disso, impera a necessidade de medicalizá-la e controlá-la. A ausência do desejo, ou a irrelevância das relações afetivas, é decorrente de anos de casamentos infelizes, de relacionamentos pautados na subestimação.

A menopausa não impede que o corpo erotizado continue desejoso de encontros, de afetos.(...) A mulher permanece ativa sexualmente, mas existem muitas histórias de falta de prazer, devido às experiências de desafetos, de violência física e moral, situações singulares que foram vivenciadas ao longo da história e que não encontraram espaços para ser falados e elaborados. A sexualidade pode ser problemática quando vivenciamos relações amorosas, afetivo sexual, problemáticas. Ou seja, existem encontros/ casamentos falidos, com problemas de toda ordem. A mulher muitas vezes costuma ser responsabilizada, pelo companheiro, do fracasso da vida conjugal." (MORI, 2008, p.87)

Há um paradoxo entre do imaginário social, em relação à menopausa como perdas e envelhecimento, e as experiências positivas ou não das mulheres,

traduzidas como ganhos ou privações. O impedimento à continuidade da vida sexual é puramente psicológico. A mulher deseja e goza com a psique e, por isso, ao ser iniciada sexualmente, na maioria das vezes sem entender o que está acontecendo (muitas vezes de forma abrupta) e por anos consecutivos se sente obrigada a dar continuidade de forma mecanizada. A mulher desconhecadora do prazer e do gozo não tem incentivo nenhum para buscar saber, falar e muito menos praticar.

Foucault alerta para a necessidade da resistência aos dispositivos paralisantes de poder para que as regras e as posições dominantes não resultam em um pessimismo debilitante, uma inatividade. Isso acontece quando alguém se limita as demarcações de poder dos opressores.

De certa forma, com esse desenvolvimento da personalidade, o que observamos é que o idoso pode se manter feliz nessa parte também, pois tem outra perspectiva e outra visão sobre a sexualidade. Entende que a sexualidade envolve outras coisas da vida, como a afetividade, o companheirismo, o comprometimento." (VIANA, 2008, p.116)

Nesse sentido, é preciso um enfrentamento aos controles disciplinares, para que haja o surgimento de novos modos de subjetivação. É preciso também, retomando Foucault (1979), voltar o olhar para o fato de que não há nenhuma força de poder que não possa ser burlada ou reconstruída com novos modelos subjetivos. A mulher idosa, que consegue se desprender de muitas convenções, tem o discernimento de fazer da sua sexualidade o que deseja pois, a autonomia, mesmo que tardiamente promove a essa idosa desprender-se do que foi dito, e aceito por ela como verdade, e que conseqüentemente, permaneceu entranhado subjetivamente há anos.

## **CAPÍTULO 4 – AS ESTRUTURAS DISCURSIVAS SOBRE A SEXUALIDADE DA MULHER ENVELHECIDA: ANÁLISE DOS DISCURSOS**

"Miudez, quentura, gosto. mover se pouco. não dizer. as mãos na parede. no corpo. pensar o corpo, tentar nitidez. Hillé menina tateia Ehad menino." (HILST, 2001, p. 42)

Esse trabalho, também tem a pretensão de contribuir com o processo de aceitação social diante de qualquer tipo de expressão acerca da sexualidade vinda da mulher idosa. A medida que há a naturalização e a inserção do idoso em um universo que, para o senso comum, julga-se ser apenas para os jovens, e, acredita-se ser desnecessária qualquer problematização acerca da inserção do idoso no campo virtual. Parte-se do pressuposto que, a partir do momento que se expressa estranheza a essa inserção, automaticamente confirmamos a concepção de idoso como incapaz, necessitado de tutela.

Thompson (1998) diz que o desenvolvimento da mídia alterou as formas de produção e intercâmbio simbólico. Novos modos de interação tornam-se disponíveis, agora que espaço e tempo foram comprimidos. Da interação face-a-face, passa-se a comunicação também pela interação mediada e pela quase-interação mediada. Cada forma contribui na formação de um novo sujeito e de uma nova sociedade.

Neste sentido, essa dissertação discute a relação entre sexualidade e envelhecimento no Portal do Envelhecimento<sup>17</sup>, site que surgiu de um projeto da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP). Produzido pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (Nepe) daquela instituição, o site é gerenciado desde 2014 por uma empresa, que denomina sua área de atividades como “negócio social”.

A página recebeu premiações do Banco do Brasil e também publica a Revista Portal de divulgação com artigos científicos<sup>18</sup>. Por estas características este site foi escolhido para a análise. Surgido na academia e apropriado como um “negócio social”, o site elenca imagens do envelhecimento com um discurso que tem aparência de científico. Segundo os autores, as postagens são feitas respeitando-se o “compromisso social, a reflexão e a divulgação de seus conteúdos, etapas imprescindíveis ao desenvolvimento da cultura do longeviver”. (PORTAL DO

---

<sup>17</sup> <http://www.portaldoenvelhecimento.com/>

<sup>18</sup> <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal>

ENVELHECIMENTO, s/d). O objetivo do site é “disponibilizar gratuitamente o conhecimento sobre o longeviver ao público proporciona, além de maior democratização do conhecimento, a consolidação da cultura da longevidade.”

O discurso do Portal do Envelhecimento certamente reflete concepções específicas da longevidade. Estas imagens são importantes para quem acompanha o site, afinal têm certo impacto na construção que cada leitor faz de seu próprio envelhecimento. Escrito por uma equipe multiprofissional, o site coloca-se como uma rede colaborativa de solidariedade ao idoso.

Mas, solidarizam-se em relação a o que especificamente? Esta é uma das propostas desta análise: identificar os discursos sobre o envelhecimento e o que os constroem. Neste sentido, existem pesquisas anteriores que contribuem na discussão destes processos em questão. Abensur *et al* (2007) trataram do uso da internet para discussão de casos clínicos, especificamente nefrológicos. Os autores apontaram que a ferramenta pode ser útil na discussão anatômica e clínica, dando socorro aos profissionais da saúde que atuam longe dos grandes centros.

Já Separavich e Canesqui (2012) discutiram as narrativas da menopausa em site específico sobre o tema. Perceberam que as representações e experiências sobre a menopausa diferem e nem sempre são negativas, a depender de um contexto cultural específico. Outras pesquisas contribuem demonstrando que o uso dos sites para o compartilhamento de informações sobre saúde e outros é crescente.

A construção do corpus para análise se deu a partir da explicitação do tema sexualidade como uma categoria trabalhada no sítio Portal do Envelhecimento. As categorias analíticas foram o silenciamento ou o protagonismo da sexualidade da mulher idosa apontado nos textos analisados.

Para facilitar a análise dos textos que estão abaixo, na íntegra, relata-se de forma sucinta do que se tratava cada texto e as falas pertinentes são destacadas para a análise. Amparando-se nesta visão, segue a análise dos textos sobre sexualidade, do Portal do Envelhecimento.

### TEXTO 1 – Sexo na velhice, como funciona?<sup>19</sup>

Fred. Meu nome é J. e sou uma pessoa que encara o sexo de forma bastante natural (ou pelo menos eu acho). Não tenho nenhum tipo de problema de ereção, ejaculação precoce ou tensões muito grandes, exceto aquelas que acabam surgindo no decorrer de cada relacionamento e são comuns a todas as pessoas.

Mas uma coisa me tira o sono: o que vai acontecer quando eu envelhecer?

Acho que tenho bastante medo de me tornar um velho e não conseguir ter ereções, meter e satisfazer uma mulher (ou mesmo me satisfazer) sexualmente. Fico apavorado de imaginar meu corpo feio, incapaz de gerar desejo, de não ser visto como alguém pronto para transar.

Sei que existe Viagra e outros medicamentos que podem gerar ereções e facilitar a hora do sexo, mas tenho medo de ser ridículo tomando esse tipo de pílula - que de certa forma deixa a coisa pouco natural - não poder mais aproveitar o calor do momento e do tesão.

Imagino que você atenda pessoas de diferentes idades e gostaria muito de ter esse meu pânico de envelhecer e perder o sexo na minha vida esclarecido.

Como funciona o sexo na velhice?

Abraços,"

Caro J.

Durante alguns anos, trabalhei num grupo de terceira idade e foi uma das experiências mais incríveis que eu tive. Mudei muito minha concepção sobre essa fase da vida que é envolvida em crenças que supõem que as pessoas mais velhas tem uma vida emocional e sexual pouco interessante. Esquecemos que as pessoas mais velhas têm nuances. Em geral, achamos que a velhice nivela todo mundo, bastou branquear o cabelo e todos viram

<sup>19</sup>

<http://www.portaldoenvelhecimento.com/sexualidades/item/3566-sexo-na-velhice-como-funciona?>

anjos.

Existem velho(a)s diabólicos, ruins como qualquer jovem e com o agravante que estão fantasiados de velhice. Lembro de um senhor que estava em recuperação de uma cirurgia, com uma bolsa de coloscopia (recipiente das fezes) e ele, por raiva, arrancava a bolsa e se fingia de senil. Resultado, bosta para todo lado. Ele me confessou que se divertia ao causar brigas e ver o genro limpando o sofá todo.

Pessoas velhas, portanto, carregam os traços de personalidade que tinham na juventude. A única diferença é que alguns velhos são mais invisíveis e outros mais dominadores dependendo de dois fatores: dinheiro e carisma.

Pessoas velhas sem carisma e/ou dinheiro tendem a ser tratadas de uma maneira menos atenciosa pelas filhas e netos. Portanto, J., se você é uma pessoa que não vive para garantir boas condições para si mesmo, seja do ponto de vista emocional ou financeiro, isso deveria estar nos seus planos.

Mas por que estou falando disso? Porque isso vai afetar diretamente no seu senso de importância como pessoa e, conseqüentemente, na sua libido.

Idosos que são socialmente valorizados têm chances maiores de garantir um apetite sexual de maior qualidade e durabilidade.

Há que lembrar de algo simples: a velhice de hoje é diferente da velhice de amanhã. Cada geração terá uma concepção própria conforme o que cultivou ao longo da vida. Se temos uma geração de jovens pouco familiarizados com frustração, é bem possível que o mesmo se aplique quando o tempo passar e eles envelhecerem.

### **O mito da decadência senil**

Segundo Erik Erikson, o idoso enfrenta o dilema entre integridade e desespero. Se construiu valores pessoais que se apoiam em riqueza interna, ele olhará para sua vida com satisfação e estará menos propenso a falar "no meu tempo...", como se já estivesse morto.

Mas se apoiou sua vitalidade em torno da beleza, da juventude, do constrangimento psicológico, no prestígio profissional, então é possível que as pessoas o ignorem ou sejam falsamente simpáticas.

Isso desemboca no desespero existencial de quem gastou energia em ser um profissional sênior, mas não uma pessoa sênior.

Ainda que o dinheiro garanta que você será bem tratado e receberá belos presentes de aniversário ou ajuda para a reforma da casa, seus contatos serão superficiais, caso você não dedique cuidado e esforço às suas relações.

Suas relações na velhice terão as qualidades que você cultivar ao longo da vida.

### **O mito do Viagra perpétuo**

O que seu pinto depende para ficar ereto é o conjunto testosterona + vigor geral + boas condições cardíacas. Na velhice, a testosterona tem um decréscimo, é fato, mas há formas de recompor esse hormônio.

O vigor geral e um bom sistema cardiorrespiratório, no entanto, dependerá do que você faz exatamente hoje. Sua comida, seu sono, seus vícios, influenciarão muito mais sua libido do que pensa. A bisteca que você come sem pensar no amanhã combinada com uma vida de porres pode detonar uma bomba em você.

É fato, muitos idosos recorrem ao viagra, mas eles, como qualquer jovem, também são apanhados pelo temor da broxada. Nem todos ficam impotentes como se imagina, mas a maioria se autoriza emocionalmente a falhar com o pressuposto da velhice.

Teremos autorização moral para broxar, há quem vá aproveitar a há quem não vai. Mais uma vez, tudo dependerá da personalidade da pessoa.

Quem for rígido, provavelmente terá mais problemas com o viagra, afinal, não será possível deixar o sabor do momento evocar o desejo. O viagra precisa de certa previsibilidade para ser usado com eficácia.

Tomar o viagra minutos antes não deixará as coisas mais divertidas, não é como uma camisinha, que basta abrir. Se a pessoa perde o humor porque não consegue ser espontânea, provavelmente vai ficar irritada em ter que marcar um horário para transar ou pelo menos abrir um espaço para contratempos.

Nessa fase, portanto, a última coisa que pensará é em se sentir ridículo,

a menos que siga pensando como um Peter Pan. Se conseguir criar uma sincronia sexual já será ótimo.

### **O mito da ausência de sexo**

Nem todo casal faz muito sexo em todas idades, portanto, existem casais e casais de idosos. A nossa geração tem um ponto que causará mais problemas do que a **geração antiga**, não nos preparamos para amar ou desejar um corpo enrugado.

Até uma certa idade é ainda possível simular jovialidade, mas certas áreas do corpo são bombardeadas pela falta de colágeno, irão despencar.

É possível que existirão poucos casais de velhos legitimamente casados há décadas como fantasia a nossa geração e é mais provável que vários casamentos com pessoas de idades diferentes aconteçam.

Os homens de imaginação mais pobre precisarão de **corpos femininos** mais jovens, pois estarão condicionados com uma autoimagem que não fez update no sistema. Para aqueles que conseguirem desejar o enrugado haverá alegria em qualquer idade.

Os casais hiperssexuais seguirão com uma frequência, os menos sexuais poderão rarear e até extinguir a vida sexual, mas também descobrirão no companheirismo outra fonte de expressão.

A libido não é um componente meramente químico, então dependerá de vários fatores se manter ou defasar. A totalidade dos homens depende essencialmente da validação vaginal da mulher para seguir numa boa performance, em resumo, saber que ela está molhada.

A geração passada, **machista** em sua totalidade não se importava com esses detalhes, e a obrigação da mulher era fazer sexo e ponto.

A geração atual é mais exigente e terá uma velhice com as mesmas expectativas, muitas vezes irreais.

Todos precisarão encontrar os seus espaços de prazer dentro de uma nova realidade.

Convocar uma vagina a se derreter em suas mãos exigirá dos velhos dessa geração muito mais desenvoltura pessoal e, nem sempre, esse

regulador existirá. Muitas mulheres diminuem a lubrificação vaginal por causa da menopausa. Será no espírito de parceria, confiança mútua e alegria sexual que a validação acontecerá. O desafio será maior.

Se um idoso tem mais dores no corpo, menos fôlego, saúde abalada (diabetes é um dos maiores inimigos do sexo, pois causa perda de circulação nas extremidades/pinto) certas posições serão impossíveis de se realizar.

O sexo na terceira idade respeita outros ritmos, mas safadeza é um estado de espírito e rompe fronteiras. Sua avó faz sexo oral gostoso no seu vô e ela adora. Não se engane que isso não existe.

O maior preventivo, J., será manter uma mente e um corpo equilibrados para reconquistar sua companheira numa fase onde os truques baratos nem sempre funcionarão.

E reforço: o sexo (em qualquer idade) começa muito antes da cama e termina muito tempo depois.

### Análise de Discurso

Nesse primeiro texto, há uma carta que um leitor (homem) do site. Ela narra a preocupação do leitor com sua sexualidade ao envelhecer. Na fala - **“fico apavorado de imaginar meu corpo feio, incapaz de gerar desejo, de não ser visto como alguém pronto para transar”** - existe a correlação da velhice com a ausência da beleza, destituída da capacidade de sentir prazer, invisível do ponto de vista do desejo.

O leitor cita os medicamentos para facilitar a ereção. Não há nenhum apontamento ou preocupação com a sexualidade feminina. E ao final, ele revela o “pânico de envelhecer”, confirmando o discurso da velhice como algo indesejado. , como sugere Barros (2006), sobre a aversão a velhice.

Na resposta, o autor começa afirmando que mudou sua concepção após trabalhar em um grupo de terceira idade. Antes supunha que pessoas mais velhas tinham uma vida emocional e sexual pouco interessante. Em seguida ele relata que os velhos mantem hábitos bons ou ruins e que não há uma regra, angelitude ou vilania. E também que a libido estará intimamente ligada àqueles que são

socialmente valorizados; há uma generalização e retoma-se Debert (1999) quando critica a regra da relação da 'plena felicidade' com a necessidade do associativismo.

O autor relata ainda sobre a mutabilidade das concepções acerca da velhice, o que remete a Rolnick (1997), quando ela aponta que “não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirvam de guia; e reciprocamente, não há cultura sem certo modo de subjetivação que funcione segundo o seu perfil.” Ele dedica, primeiramente, um tópico inteiro ao viagra relatando o peso da expectativa social da virilidade, e do fato de ser um sexo agendado. Ele não dedica nenhum item à mulher idosa. Nesse caso, ela não é nem coadjuvante. Ela é silenciada. O autor relata que os idosos (homens) que não tiverem uma imaginação 'fértil' precisarão de corpos femininos jovens e que quem consegue desejar o enrugado terá alegria em qualquer idade. A palavra 'conseguir', mesmo que minimamente, pressupõe luta, enfrentamento e dificuldade, fazendo assim a velhice constituir-se como um obstáculo para o sujeito, tendo assim que se valer de inúmeros forças, através dos vários campos de saberes para transpô-lo.

A mulher aparece no final do texto. Como confirma Khel (2002), a mulher torna-se o depois, é secundária. Ao relatar que a libido não é um componente meramente químico, o autor diz que a maioria dos homens dependerão da 'validação vaginal' remetendo ao ressecamento vaginal que pode acontecer pós menopausa.

Na frase **“A geração passada, machista em sua totalidade não se importava com esses detalhes, e a obrigação da mulher era fazer sexo e ponto”** confirma, que antes, o sexo para a mulher como obrigação, como imperativo e dever, as perspectivas de Mori (2008) e Bassanezi (2008) que dizem sobre vidas conjugais e sexuais insatisfatórias e pautadas como uma tarefa.

Questiona-se o porquê que, o exemplo do sexo oral não é dado ao contrário, na frase **‘Sua avó faz sexo oral gostoso no seu vô e ela adora. Não se engane que isso não existe’ seria a mulher idosa, inapta a receber o sexo oral ou o exemplo foi dado apenas porque o leitor é homem?** É possível perceber ainda, a dificuldade do imaginário social frente à sexualidade dos idosos. E finalizando o texto, no trecho **‘para reconquistar sua companheira’** questiona-se o porquê dessa reconquista, o que se perdeu ao longo do caminho?

## **TEXTO 2 – O que uma terapeuta sexual de 100 anos pensa sobre o sexo de hoje?<sup>20</sup>**

A terapeuta sexual Shirley Zussman nasceu antes de muitas invenções e vivenciou a revolução sexual. Segundo ela, a ‘pegação’ de hoje não é tão frenética como o sexo casual era nos anos sessenta, porque falta justamente o contexto da revolução sexual. Além disso, segundo ela, a longo prazo, o prazer sexual é apenas uma parte do que os homens e as mulheres querem um do outro.

Aos 100 anos, a terapeuta sexual Shirley Zussman continua em atividade em Nova York. Depois dos anos 50, ela começou a aconselhar as pessoas sobre todas as coisas relacionadas ao sexo. Ela testemunhou tudo, desde a legalização da pílula anticoncepcional em 1960 (começou seu trabalho em terapia sexual pouco depois) a epidemia de AIDS em 1980 e até a ascensão do pornô na internet no novo milênio.

Shirley Zussman é uma das mais velhas terapeutas sexuais do mundo, mas essa pode ser a coisa menos extraordinária sobre sua vida e carreira. Nascida no início da Primeira Guerra Mundial, ela se formou na Smith College, em 1934, na mesma classe que Julia Child. Foi aluna e orientada durante sua dissertação de pós-graduação por Margaret Mead, e na década de 1960 aprendeu sobre terapia sexual com Masters e Johnson, que inspirou a série Masters of Sex. Seu marido, ginecologista, fez um dos primeiros abortos legais, em New York.

Shirley Zussman é história viva quando se fala da sexualidade humana.

E o que ela tem a falar sobre a contemporaneidade? Saiba o que ela pensa sobre sexo casual, celulares, e como nossa vida de trabalho estressante está mudando nossas atitudes em relação ao sexo.

### **Ser muito ocupado prejudica a vida sexual**

Para Shirley Zussman, o uso do tempo é muito diferente em nossa

---

<sup>20</sup> <http://www.portaldoenvelhecimento.com/sexualidades/item/3486-o-que-uma-terapeuta-sexual-de-100-anos-pensa-sobre-o-sexo-de-hoje?>

sociedade de hoje. As pessoas estão ocupadas o tempo todo. "Não era assim quando eu era adolescente. Nessa fase do nosso desenvolvimento, queremos ver tudo, queremos saber tudo, queremos fazer tudo, e há também a nossa economia que requer uma quantidade imensa de tempo e esforço ... Há um limite para o quanto de energia, de desejo e de tempo você pode dar a uma pessoa quando há toda essa pressão para ganhar mais dinheiro, para ser o alto executivo, para comprar uma casa de verão", comenta Zussman.

Ela acrescenta que hoje "as pessoas querem mais e mais e mais. Desejar requer certa quantidade de energia". E se esgotar é uma consequência... Para ela, o problema mais comum é a falta de vontade, falta de interesse. "Uma paciente já me disse: 'Eu amo meu marido, eu amo fazer amor com ele, mas eu chego em casa do trabalho depois de ter estado com pessoas o dia todo, e aí eu só quero descansar", diz Zussman.

### **Sobre sexo de uma maneira mais ampla**

Em relação a esta questão, ela diz o seguinte: "Eu não acho que o estigma em torno da terapia sexual é como era nos primeiros anos. As pessoas tinham vergonha de ter que ir a um psiquiatra ou assistente social, porque isso significava que precisavam de ajuda. Muitas pessoas resistem a ideia de que alguém precisa dizer a eles como fazer sexo".

A terapeuta sexual reconhece que houve mudanças na cultura como na vida sexual. Houve o desenvolvimento da pílula, em que as mulheres ficaram mais livres, deixando de se preocupar tanto em ficar grávidas. Todas as revistas e programas da TV falavam sobre sexo, as propagandas usavam o sexo para vender seus produtos. Houve, na realidade, uma imersão esmagadora sobre a ideia de obter mais prazer do sexo. Não era só sobre ter filhos.

### **O que uma terapeuta sexual de 100 anos pensa sobre o sexo de hoje?**

De acordo com Shirley Zussman, a maior aprendizagem com Masters e Johnson foi ter que aprender a ser bom parceiro. "Eles reconheciam que não

era apenas fascinante e maravilhoso ser sexual, mas sim ser um bom parceiro ... A maneira deles de se comunicar era uma de suas maiores contribuições, e que não era para falar muito sobre isso, mas para começar a tocar, acariciar e beijar, e não se apressar para a melhor parte. Não começa com o homem tendo uma ereção e então você tem relação sexual, 1,2,3 ".

### **Sobre o que ela acha da série Masters of Sex**

"Eu fui para a festa de preview e conheci alguns dos seus atores. Fui apresentada a Michael Sheen, e ele sabia que eu tinha conhecido Masters e Johnson, então ele perguntou: 'me diga, como você acha que eu estou representando ele?'. Eu respondi: 'Eu acho que você está fazendo um bom trabalho, mas há uma grande diferença'. Ele perguntou, 'o que é?'. Eu disse, 'você é bonito'", comentou Zussman.

### **Sobre a experiência mais estranha nos 50 anos de terapia sexual**

"Um dia uma pessoa me ligou e disse que precisava de ajuda. Ele disse: 'eu sou um bad boy e estou procurando alguém para me dar umas palmadas'. Eu tive que deixar claro que isso não estava dentro do meu leque de conhecimentos".

### **Sobre a diferença ente sexo casual nos anos 60 e 'pegação' hoje em dia**

"Eu acho que há uma grande mudança na forma como nós vemos o sexo casual. Na década de 60 não era apenas casual, era frenético. Era algo que você esperava que acontecesse com você, você queria que acontecesse, era uma espécie de perseguição louca pelo prazer sexual. Mas eu acho que com o tempo as desvantagens desse tipo de comportamento começaram a se tornar aparentes. Houve uma quebra emocional - a intimidade não estava lá da maneira que as pessoas precisam e querem. Havia uma preocupação com doenças sexuais, e depois, eventualmente, a AIDS teve um grande impacto em acalmar aquela excitação".

Para ela, o que era esperado de sexo casual - sexo frenético - era algo que não acontecia, porque, a longo prazo, "o prazer sexual é apenas uma parte do que os homens e as mulheres querem um do outro. Eles querem intimidade, querem proximidade, querem compreensão, querem diversão, e querem alguém que realmente se preocupa com eles, além de apenas ir para a cama com eles".

Zussman comenta que 'pegação' inclui algum aspecto do tipo de sexo que nós estávamos falando, mas de uma forma muito modificada, e limitada. Não é tão frenético".

### **Sobre a popularidade do sexo oral**

"O sexo oral sempre foi uma parte da imagem. Eu acho que as pessoas primitivas aprenderam a como obter prazer do sexo oral, nós simplesmente não sabíamos sobre isso. O sexo oral nunca foi um tópico de conversa na geração de sua mãe ou na geração da minha mãe ou na minha geração no começo".

### **Sobre pornografia da internet**

"Não há nada de novo sobre pornografia. Ela esteve por aí desde os tempos pré-históricos... Eu acho que é uma coisa saudável as pessoas terem a capacidade e a liberdade de se permitirem imaginar. Eu tenho vários pacientes que se sentam na frente do computador e assistem pornografia online, e de alguma forma perdem o interesse de buscar um parceiro. Eu vejo muito isso em alguns homens solteiros que não fazem o esforço de sair para o mundo e enfrentar os problemas, enfrentar a possível rejeição – eles satisfazem suas necessidades sexuais sentando na frente do computador e se masturbando".

### **Sobre viver até os 100 anos**

"Nós sofremos uma lavagem cerebral para pensar que todos nós nos

tornamos viciados em televisão sentados no sofá o dia inteiro quando ficamos velhos. Você tem que ter expectativas de si mesmo! Você pode fazer amigos de muitas maneiras diferentes, mas você tem que fazer o esforço. Você não pode dizer 'oh, todos os meus amigos morreram', ou 'eles estão doentes', ou 'eles não querem fazer o que eu quero fazer'. Você tem que fazer um esforço para encontrar essas novas pessoas. Elas não vão vir correndo para a sua porta do jeito que pode ter acontecido quando você era adolescente".

### **Sobre os males dos celulares**

"Estou chocada com a falta de conexão entre as pessoas por causa de iPhones. Há muito menos conexão física real. Há menos do tocar, do falar, do segurar, do olhar. Pessoas obtêm prazer só de olhar uma para a outra. A partir de um sorriso, e de tocar. Precisamos tocar para nos sentirmos queridos e amados. Isso está faltando muito nesta geração. A falta de procura, a falta de tocar, a falta de sorrir. Eu não entendo. Eu não entendo como as pessoas não estão sentindo falta disso, e não parecem pensar que estão".

## **Análise de Discurso**

O site, ao postar uma entrevista com uma sexóloga de 100 anos ainda em atividade, demonstra um grande empenho do canal em normalizar a sexualidade da mulher na terceira idade.

Na sua fala - **“Eu não acho que o estigma em torno da terapia sexual é como era nos primeiros anos. As pessoas tinham vergonha de ter que ir a um psiquiatra ou assistente social, porque isso significava que precisavam de ajuda. Muitas pessoas resistem à ideia de que alguém precisa dizer a eles como fazer sexo”** - a sexóloga acredita também que houve uma mudança significativa com a legalização da pílula anticoncepcional, com os debates sobre sexo nas mídias e uma ânsia generalizada sobre ter mais prazer com o sexo. O discurso midiático é pautado na busca incessante de evidências e discursos que

atestam uma mudança em relação à sexualidade, especialmente em relação aos idosos, entretanto, são mudanças dadas a passos curtos, a sexualidade da mulher ainda é protelada.

Como afirmam Beauvoir (1967) e Goldenberg (2010), a representatividade de uma mulher no texto a idosa é apresentada como sexóloga, é emblemática e libertadora, do ponto de vista dos estigmas atribuídos a mulheres que expressam sua sexualidade. É necessário ressaltar o protagonismo da mulher idosa, relatado no texto, embora ela não tenha falado, ou não fora questionada, sobre a questão da sexualidade da mulher idosa e sim da sexualidade no geral.

A sexóloga faz o contraponto de como questões como o sexo oral e o sexo casual não eram debatidos na sua época e como está normalizado atualmente. E também discorre sobre pornografia na internet e sobre o quanto o celular diminui a conexão física real.

Em determinado trecho da entrevista, a sexóloga relata ainda sobre o imaginário social acerca da velhice - **"Nós sofremos uma lavagem cerebral para pensar que todos nós nos tornamos viciados em televisão sentados no sofá o dia inteiro quando ficamos velhos. Você tem que ter expectativas de si mesmo!"** assim, ela desconstrói essa ideia de quietude e inação atribuída a terceira idade. Na "nova" velhice, o velho não pode ficar parado, tem que se movimentar, manter ativo e nunca frente à TV.

### **TEXTO 3 - Sexo? É importante depois dos 50?<sup>21</sup>**

O fato aconteceu em Portugal, foi noticiado e causou grande polêmica ao colocar "a importância do sexo após os 50 anos e a qualidade dos juízes que se sentam nos nossos tribunais". Será que a "qualidade" de nossos juízes é muito diferente do país irmão? O que eles pensam sobre envelhecimento? E sobre sexo no envelhecimento?

Provavelmente você, como nós do Portal do Envelhecimento, respondeu que sim ao título pergunta deste artigo. E como nós, você também

---

<sup>21</sup> <http://www.portaldoenvelhecimento.com/sexualidades/item/3420-sexo-%C3%A9-importante-depois-dos-50>

vai se indignar em saber que em pleno século XXI ainda há juízes que achem que não. Foi o que aconteceu em Portugal, quando uma mulher ficou incapaz de ter uma vida sexual normal após uma cirurgia. Ela pediu então uma indenização, cujo valor foi reduzido, primeiro pela metade, e depois reduzido ainda mais. A sentença? Pasmem, como a mulher tinha sido operada quando já tinha 50 anos, no entendimento dos juízes, "uma idade em que a sexualidade não tem a importância que assume em idades mais jovens, importância essa que vai diminuindo à medida que a idade avança".

Para a psicóloga Maria Celia de Abreu, coordenadora do Instituto para Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico (IDEAC) - formado por profissionais de várias áreas que trabalham ou têm interesse pelo envelhecer - , "já passamos pela verdadeira revolução de costumes trazida pela descoberta da pílula anticoncepcional na década de 60. E um pouco depois pela trágica disseminação da AIDS, que obrigou a sociedade a comentar assuntos relacionados a sexo, antes considerados impúblicáveis, como o uso da camisinha. Mesmo sofrendo fortes sacudidas, como essas e outras ainda, constata-se que o tema 'sexualidade' permanece cercado de tabus".

Maria Celia diz que o "assunto 'envelhecimento' também carrega sua cota de desinformação e de preconceito. Quando se junta os dois.... a situação só piora!".

Foi o que constatou o jornal Expresso, de Portugal, com o debate levantado por causa dessa sentença (relatada abaixo), fazendo então a seguinte pergunta: Afinal, o sexo depois dos 50 é menos importante ou a sentença é mesmo incoerente?

Para alguns profissionais entrevistados pela matéria do Expresso, como Jorge Cardoso, psicólogo e sexólogo, esse tipo de sentença, baseada em falsa premissa, transforma a sexualidade em "apanágio de um determinado nicho etário, o da gente nova". Segundo ele, "estamos perante uma situação que não só revela falta de informação acerca da sexualidade humana, como representa uma 'distorção do conhecimento sobre a sexualidade'".

Jorge diz ainda que "a experiência sexual das pessoas com 50, 60 anos pode ser mais prazerosa do que a das pessoas mais novas, precisamente por ser mais demorada. É isso que faz com que seja mais gratificante para as

mulheres, sobretudo se ao seu lado tiverem parceiros que ejaculem mais rápido. Com a idade, a ejaculação nos homens dá-se mais tarde, e o tempo de envolvimento sexual é, portanto, superior, permitindo à mulher atingir o orgasmo e os mesmos níveis de satisfação sexual que atingia no passado".

Mesmo que a atividade sexual diminua com a idade, diz o sexólogo, "poder-se-á talvez sentir mais confortável na relação e não haver uma necessidade tão grande de envolvimento sexual", o que para ele isso não significa que "se retire menos prazer" e que a experiência seja menos "gratificante".

Este acórdão é "insólito", foi o que declarou a sexóloga Marta Crawford ao jornal português. Segundo ela, porque trata-se de um parecer que parte do princípio de que as mulheres depois da menopausa perdem desejo, vontade e prazer na vida sexual como também na "falta de informação dos juízes". Relata que "a sexualidade não tem prazo de validade". Cientificamente sabe-se que a relação sexual é boa enquanto cada um assim o quiser... A sexualidade, segundo ela, é "a energia mais íntima que temos, e nenhuma mulher deve ser privada disso".

Maria Celia de Abreu diz ser "lamentável tomar conhecimento da decisão dos juízes europeus na matéria citada. Estão negando ao ser humano o direito a ter a vivência da sua sexualidade, dimensão tão importante de vários pontos de vista, só porque ele está entrado em anos".

No Grupo de Estudos e Reflexões sobre o Envelhecimento, do IDEAC, que funciona em São Paulo, estuda-se textos sobre sexualidade e velhices, diz Maria Celia. "Algumas vezes nos detivemos a ler pesquisas e textos sobre a sexualidade do idoso, a refletir sobre isso, e a produzir alguns textos a respeito", explica.

Por outro lado, Maria Celia de Abreu acredita ser bom constatar que "ainda existe tanta desinformação, para que possamos reunir embasamento científico e forças e nos dispôr a combatê-la, alimentados até mesmo pela indignação. É bandeira de uma boa luta, a ser empreendida por todos os que amam a gerontologia e compreendem o valor da qualidade de vida!".

## **O caso**

O Supremo Tribunal Administrativo reduziu o valor da indenização que deverá ser paga a uma doente que se submeteu, há 19 anos, a uma cirurgia que a deixou com lesões consideráveis, impedindo-a de ter uma vida sexual considerada normal. Um dos argumentos usados pelo tribunal para justificar a decisão foi o de que a doente "já tinha 50 anos e dois filhos", ou seja, "uma idade em que a sexualidade não tem a importância que assume em idades mais jovens, importância essa que vai diminuindo à medida que a idade avança".

Em Maio de 1995, a senhora submetia-se a uma intervenção cirúrgica, na Maternidade Alfredo da Costa, para tratar um problema ginecológico que lhe causava, com frequência, infeções e dores. Durante a cirurgia, foi-lhe danificado o nervo que controla a continência urinária e fecal. A senhora ficou, portanto, com problemas de "incontinência ou retenção urinária e fecal", segundo o acórdão do Supremo Tribunal Administrativo. Mas não é tudo. Ficou também com dificuldades em sentar-se e andar, dores e mal estar constante e "perda de sensibilidade e inchaço na zona vaginal", o que veio diminuir a sua atividade sexual.

Tudo isso veio provocar-lhe, ainda segundo o acórdão, "um quadro depressivo grave", que se manifesta num "profundo desgosto e frustração", tendo sido inclusive ponderada a hipótese de suicídio. Na altura, a senhora, que é casada, alegava também danos patrimoniais, isto é, despesas médicas e despesas com a contratação de uma empregada, pois via-se incapaz de fazer as tarefas domésticas.

O erro, que resultou numa "incapacidade permanente global de 73%", relativamente a danos não patrimoniais (segundo o acórdão) foi detectado quatro anos depois da cirurgia.

Em 2011, o Supremo Tribunal Administrativo decidiu atribuir-lhe uma indenização de 172 mil euros, menos de metade do valor exigido pela queixosa. A Maternidade Alfredo da Costa recorreu da decisão. Na altura, alegou que as lesões assinaladas não tinham sido causadas pela cirurgia, mas pelos dois partos que tivera e por uma intervenção cirúrgica anterior.

Agora, a indenização foi reduzida para 111 mil euros. Os juízes alegam

que o problema ginecológico é "antigo", anterior à intervenção cirúrgica, e que já antes a senhora tinha "dores insuportáveis e sintomas depressivos". Além disso, defendem também - e este é o argumento central, pela controvérsia que tem gerado - que o sexo não é importante após os 50 anos.

### Análise de Discurso

O texto relata um caso ocorrido em Portugal, onde uma mulher ficou incapaz de ter uma vida sexual normal após uma cirurgia. Na cirurgia foi lesionado um nervo que provocou, a partir de então, incontinência urinária e fecal, dores ao sentar-se e andar e perda de sensibilidade e inchaço na zona vaginal, o que diminuiu a sua atividade sexual. A paciente entrou na justiça, porém, foi indenizada com apenas a metade da metade do que pediu sob o seguinte parecer do júri **“Pasmem, como a mulher tinha sido operada quando já tinha 50 anos, no entendimento dos juízes, uma idade em que a sexualidade não tem a importância que assume em idades mais jovens, importância essa que vai diminuindo à medida que a idade avança”**. O trecho carrega indignação, quando inicia com a interjeição “pasmem” simbolizando um posicionamento discordante da sentença dada pelo juiz, ao relegar a sexualidade da mulher idosa.

Nas entrevistas contidas no texto uma da sexóloga relata que **“trata-se de um parecer que parte do princípio de que as mulheres depois da menopausa perdem desejo, vontade e prazer na vida sexual (...) e que “a sexualidade não tem prazo de validade”**. E uma gerontóloga que diz ser **“lamentável tomar conhecimento da decisão dos juízes europeus na matéria citada. Estão negando ao ser humano o direito a ter a vivência da sua sexualidade”** nesses trechos é possível ver o quão subjugada ainda é tratada a sexualidade de uma mulher idosa, nos diversos campos de saberes. Mesmo em um país Europeu, o discurso jurídico, nega a sexualidade da mulher idosa e impede vivência de sua expressão. Em ambos os trechos podemos verificar relação na fala de Khel (2002) e de Mucida (2012) quando apontam esse decreto de que para muitos, a mulher idosa é desprovida de sexualidade.

**TEXTO 4 – Sexo na velhice: um desconhecido, uma obrigação?<sup>22</sup>**

É impressionante como, atualmente, alguns temas tomam uma proporção gigantesca, seja nas rodas de conversa “um pouco mais intelectualizadas”, nos grupos de estudos, seminários, congressos, artigos científicos e principalmente entre os profissionais da área da saúde que tem verdadeiro tabu em relação ao tema sexo. O que seria, assim, tão importante? Bem, falamos da existência de uma sexualidade, aquela da terceira idade, que, até bem pouco tempo, era tida como desconhecida, enigmática e cheia de mistérios e preconceitos.

Podemos pensar que tais questões ainda existem, não foram superadas, e estão mais presentes do que nunca. Mas o problema é que tudo se passa num clima velado dos “não-ditos”, do politicamente correto (muito em moda, hoje em dia). Falamos aos quatro ventos o quanto somos liberais, mas quando se trata de alguém muito próximo das nossas relações, nos tornamos descaradamente preconceituosos, afirmando com veemência que “existe sim uma idade para as pessoas pararem de ter um relacionamento sexual ativo e saudável”.

O que quer dizer tudo isso? A resposta não poderia ser pior: temos data de validade até para fazer sexo. Comemoramos a data de fabricação e lamentamos a chegada do fim. E tudo isso comandado por nós, numa espécie de competição de quem consegue mais por mais tempo. Uma frase, aparentemente ingênua e muito bem recebida, de maneira geral é: “E se há desejo e afeto, não há porque parar”. Se analisarmos esta afirmação, a mensagem implícita é que não se deve parar, ou seja, acabamos caminhando para o padrão, o esperado para qualquer indivíduo “normal”: a obrigatoriedade do ato sexual.

É importante entender que as pessoas são livres e que sexo e prazer podem ser feitos de diversas maneiras, à gosto do freguês, da disponibilidade

---

<sup>22</sup> <http://www.portaldoenvelhecimento.com/sexualidades/item/510-sexo-na-velhice-um-desconhecido-uma-obriga%C3%A7%C3%A3o?>

e da criatividade de cada um.

Entretanto, não se pode questionar que “vários fatores influenciam na perda da sexualidade ao longo do tempo. Dentre as razões se encontram as fisiológicas e psicológicas (perda de algum ente querido), econômica e fatos que ocorrem no cotidiano que às vezes não afetam diretamente o indivíduo, mas o sensibilizam de forma que a sexualidade fica mais debilitada”.

Mas é claro que as dores, perdas e sofrimentos podem nos alcançar em qualquer fase da vida. A velhice não é sinônimo de ausência de sexo, no sentido de deixarmos de ser produtivos, estéreis ou secos.

Outro ponto: sexo não equivale a promessa de felicidade. Mas daí entramos num terreno caudaloso: aquele da tirania da felicidade, mais uma árdua obrigação. Pôxa, que fardo, quantas atribuições e deveres!

E não faltam dicas para um bom sexo e todo tipo de “psicologismo”. Da mesma maneira que nos tornamos grandes experts como técnicos de futebol, o mesmo ocorre na prática do aconselhamento sexual.

De cara, uma frase que surpreende é: “Atividade sexual em qualquer idade é demonstração de um estado de boa saúde física e mental”. Então, sexo estaria relacionado à normalidade física e mental? Existem limites para o desejo, a excitação e o prazer do orgasmo? Com certeza não: “É um mito achar que a terceira idade seja assexuada, isso ocorria há duas ou três décadas!”.

Os anos provocam mudanças, algumas boas outras más. Não há como evitá-las. O desafio é aprender e entender esses novos jeitos de ver e ser, tão particulares e especiais, próprios de cada indivíduo e para isso não há receita de bolo que solucione nossas angústias e inquietações.

Mas como muitos apreciam uma boa dica, talvez essas possam ajudar a encantar seu dia a dia sexual e outros, talvez, nem tanto:

- “- Aprendam a valorizar a possibilidade de estar com o parceiro;
- Reaprendam a namorar: saiam, dancem, andem de mãos dadas, conheçam novos lugares, revivam os antigos;
- Redescubram prazeres, usem preservativo sempre que estiver com novas parceiros;
- Experimentem o novo, o afeto, a alegria.

A campanha do Ministério da Saúde sobre sexo na terceira idade aconselha: experimentar a vida e aprender a se adaptar a algumas mudanças sexuais é o principal fator que determina o prazer sexual”.

### **A visão de Helô Pinheiro sobre sexo e envelhecimento**

Julgamos que para alguns famosos ou famosas, principalmente os considerados eternamente belos, o envelhecimento seja algo enfrentado com certa tranquilidade. Ledo engano, caro leitor. Helô Pinheiro, pode ser um exemplo. A sempre jovem garota de Ipanema (pelo menos no nosso imaginário) diz que “prefere não contar abertamente quantos anos fez recentemente”.

Entretanto, “ela não nega que já passou dos sessenta anos de idade. Feliz e sempre ativa, ela está vivendo uma ótima fase profissional à frente de dois programas de televisão – De Cara Com a Maturidade, na Band, e Ser Mulher no canal pago Bem Simples – e não pretende parar até o último dia de sua vida”.

Mãe de quatro filhos e avó de três netinhas, ela revela para O Fuxico como é sua vida sexual depois dos sessenta: “Não é nada explosivo! Não considero serem as noites mais calientes, já que temos uma defasagem hormonal. Não é algo rotineiro. O sexo fica mais espaçado, mas o relacionamento é verdadeiro depois dos sessenta, nada falso ou forçado”.

Helô expõe sua intimidade de maneira franca e coerente. Poucos fazem isso, preferem manter e vender uma imagem “ideal”, aquela que melhor condiz com os anseios do outro, desse social cruel e exigente.

Mais uma vez, Helô usa e abusa da franqueza, característica pouco encontrada atualmente: “O homem fica mais brando. Eu cheguei a escutar um ator mais velho dizendo que era pegador e agora está mais calmo. Depois de uma certa idade fica algo mais brando, sossegado e calmo. Tem gente que não assume, canta de galo e diz que dá três por dia”.

Ela continua: “O mais importante é qualidade e não quantidade. Depois da terceira vez, a mulher já está sem vontade. O tamanho [do pênis] e essas coisas também não considero importante.”

## Análise de Discurso

O texto é introduzido com a perspectiva de uma mudança do olhar direcionado a sexualidade, **“falamos da existência de uma sexualidade, aquela da terceira idade, que, até bem pouco tempo, era tida como desconhecida, enigmática e cheia de mistérios e preconceitos”** porém, isso se transforma no oposto, o imperativo do sexo para atingir a felicidade. Na fala **“sexo não equivale a promessa de felicidade. Mas daí entramos num terreno caudaloso: aquele da tirania da felicidade, mais uma árdua obrigação. Pôxa, que fardo, quantas atribuições e deveres!”** Com isso, pode-se retomar Debert (1999) com o imperativo da felicidade a todo custo. A imposição e obrigatoriedade do sexo a qualquer custo, torna-se um fardo quando não é aceito.

Esse texto menciona o despreparo dos profissionais da saúde para lidar com o tema sexo. E narra a entrevista com a apresentadora Helô Pinheiro que não conta sua idade, diz apenas que já passou dos 60 anos. A idade não-dita, parafraseando Orlandi (2007) quando afirma “silêncio e recuo” pressuporia a não aceitação da velhice. A apresentadora ao responder sobre como é o sexo após os sessenta anos **“Não é nada explosivo! Não considero serem as noites mais calientes, já que temos uma defasagem hormonal. Não é algo rotineiro.”** A apresentadora reproduz o discurso científico ‘defasagem hormonal’, o que leva ao questionamento de que até onde não é um pensamento limitante?

Ela relata ainda que não há a mesma intensidade e frequência sexual de antes, e ainda contou sobre um ator idoso com fama de ‘pegador’ que está mais tranquilo **“Tem gente que não assume, canta de galo e diz que dá três por dia”**. Para o autor do texto a fala de Helô Pinheiro tem coerência quando arremata que **“Poucos fazem isso, preferem manter e vender uma imagem “ideal”, aquela que melhor condiz com os anseios do outro, desse social cruel e exigente”**

**TEXTO 5 – Satisfação sexual das mulheres pode aumentar com a idade<sup>23</sup>**

Atualmente o que não faltam são trabalhos falando da sexualidade feminina, principalmente das mulheres com idade superior a 40 anos. Nesta linha, uma nova pesquisa foi publicada na edição de janeiro do “American Journal of Medicine”, demonstrando que a satisfação sexual das mulheres pode realmente aumentar com a idade. O estudo analisou tanto a satisfação sexual relacionada a fatores como o uso de hormônios, frequência de excitação, lubrificação, orgasmo e dor durante o ato sexual juntamente com o desejo sexual e a satisfação entre 806 mulheres com idade de 40 a 100 anos (média de idade de 67 anos, 63% pós-menopausa).

Lendo este estudo lembramos do curta metragem de 1995 intitulado “Ruído de Passos”, direção da brasileira Denise Gonçalves. A sinopse começa com a pergunta: “A terceira idade apaga o desejo sexual?” Por que este tema ainda causa tanto desconforto e surpresa nas pessoas? Será que os anos, as rugas e os cabelos brancos são assim tão cruéis?

No conto “Ruído de Passos” do livro “A via crucis do corpo” (1998: 55-56), Clarice Lispector traz a história de uma mulher de 81anos chamada Cândida Raposo. Ela sofre pelo “desejo do prazer”:

“Essa senhora tinha a vertigem de viver. A vertigem se acentuava quando ia passar dias numa fazenda: a altitude, o verde das árvores, a chuva, tudo isso a piorava. Quando ouvia Liszt se arrepiava toda. Fora linda na juventude. E tinha vertigem quando cheirava profundamente uma rosa.

Pois foi com dona Cândida Raposo que o desejo de prazer não passava.

Teve enfim a grande coragem de ir a um ginecologista. E perguntou-lhe envergonhada, de cabeça baixa:

- Quando é que passa?
- Passa o quê, minha senhora?

<sup>23</sup> <http://www.portaldoenvelhecimento.com/sexualidades/item/508-satisfaca%C3%A7%C3%A3o-sexual-das-mulheres-pode-aumentar-com-a-idade>

- A coisa.
- Que coisa?
- A coisa, repetiu. O desejo de prazer, disse enfim.
- Minha senhora, lamento lhe dizer que não passa nunca. Olhou- o espantada.
- Mas eu tenho oitenta e um anos de idade!
- Não importa, minha senhora. É até morrer.
- Mas isso é o inferno!
- É a vida, senhora Raposo.

A vida era isso, então? Essa falta de vergonha?

- E o que é que eu faço? Ninguém me quer mais...

O médico olhou-a com piedade.

- Não há remédio, minha senhora.

- E se eu pagasse?

- Não ia adiantar de nada. A senhora tem que se lembrar que tem oitenta e um anos de idade.

- E... e se eu me arranjasse sozinha? O senhor entende o que eu quero dizer?

- É, disse o médico. Pode ser um remédio.

Então saiu do consultório. A filha esperava-a embaixo, de carro. Um filho, Cândida Raposo perdera na guerra, era um pracinha. Tinha essa intolerável dor no coração: a de sobreviver a um ser adorado.

Nessa mesma noite deu um jeito e solitária satisfez-se. Mudos fogos de artifícios. Depois chorou. Tinha vergonha. Daí em diante usaria o mesmo processo. Sempre triste. É a vida, senhora Raposo, é a vida. Até a benção da morte.

### **A morte.**

Pareceu-lhe ouvir ruído de passos. Os passos de seu marido Antenor Raposo”.

Quantas senhoras, como Cândida Raposo, não sofrem pelo desejo que não cessa? É por essas reflexões que desconfiamos de algumas pesquisas, excessivamente otimistas e algumas até tendenciosas. Parece que

precisamos estar sempre satisfeitas, mesmo na mais completa solidão.

Segundo os pesquisadores “enquanto a atividade sexual diminui conforme a mulher envelhece, cerca da metade delas com 80 anos ou mais disse ser sexualmente satisfeita a maior parte do tempo ou o tempo todo”.

Eles reforçam a ideia de que “as mulheres mais velhas estudadas eram as mais satisfeitas em geral, e as mulheres mais velhas que tinham sido recentemente sexualmente ativas relataram que tinham orgasmos satisfatórios quase com a mesma frequência das mulheres mais jovens”.

Concluindo: “61% das mulheres disseram que estavam felizes com suas vidas sexuais - independentemente do nível de suas atividades sexuais, e sem importar também se tinham um parceiro ou não”.

De acordo com os pesquisadores “a atividade sexual nem sempre era necessária para a satisfação sexual. As que não eram sexualmente ativas podem chegar à satisfação através de toques, carícias ou outras intimidades desenvolvidas ao longo de um relacionamento de longo prazo”.

Com certeza, o prazer numa atividade sexual pode ser obtido de diversas formas e maneiras, mas dizer que “ter um parceiro ou não” é algo que uma mulher “não se importa” (quase indiferente), isso já é demais!

Como sexo é bom, todos gostam e praticam, “Do it. Safely” – o anúncio – parece ter vindo em boa hora e com muito bom humor. Trata-se de uma campanha que promove as relações sexuais protegidas na terceira idade. Lançada pela organização norte-americana SaferSex4Seniors, a iniciativa pretende demonstrar aos idosos tudo aquilo que ainda lhes é possível realizar para satisfazerem o desejo sexual.

Ao mesmo tempo que promove o sexo na terceira idade, colocando os mais velhos a simular posições sexuais mais ou menos acrobáticas num anúncio televisivo, a instituição transmite um alerta para a importância da prática de sexo seguro e protegido através da utilização do preservativo, o único método contraceptivo que protege as pessoas das doenças sexualmente transmissíveis.

Interessante analisar como as pessoas reagem ao assistir o anúncio. Algumas dão aquele tipo de sorriso constrangido, outras se mostram super liberais, até intelectualizando as cenas. Todo tipo de reação pode ser

encontrada, mesmo nos dias de hoje em que nos julgamos sujeitos liberais e isentos de qualquer preconceito. Será?

### Análise de Discurso

O texto inicia relatando pesquisa realizada pelo Jornal Americano de Medicina, foi constatado que a satisfação sexual das mulheres pode aumentar com a idade. O saber médico consente e autoriza a sexualidade feminina. O conto de Clarice Lispector, relata a história de uma mulher de 81 anos que busca, junto a um médico, a finitude...do desejo, pois isso a incomoda. Nesse conto a idosa define como falta de vergonha o desejo de prazer e a masturbação que seria um possível solucionador é motivo de vergonha, de choro e culpa. Aqui é possível ver os resquícios, bem como o retrato já que ainda é um tema polêmico, da ideia da masturbação como algo desprezível e indigno.

Na frase, **“É por essas reflexões que desconfiamos de algumas pesquisas, excessivamente otimistas e algumas até tendenciosas. Parece que precisamos estar sempre satisfeitas, mesmo na mais completa solidão.”** A autora critica deliberadamente as pesquisas que apontam uma suposta felicidade e ainda fomenta o pensamento da sociedade que diz que as mulheres idosas devem se contentar e ficar felizes, mesmo que relegadas a solidão. Esses imperativos e ditames podemos rever em Barros (2006) quando afirma que a mulher não se contenta apenas com os filhos ou amigos mas quer estar plena afetivamente.

No trecho **“mas dizer que ‘ter um parceiro ou não’ é algo que uma mulher ‘não se importa’ (quase indiferente), isso já é demais!”** podemos ver a inquietação diante da subestimação do desejo da mulher, relegado e posto de lado, ‘indiferente’ como citado acima. A autora relata uma campanha publicitária que mostra idosos simulando posições sexuais ‘mais ou menos acrobáticas’ fazendo uma analogia a prática do sexo seguro com o uso de preservativo.

Ela questiona os tipos de reações das pessoas diante do anúncio. **“Algumas dão aquele tipo de sorriso constrangido, outras se mostram super liberais, até intelectualizando as cenas. Todo tipo de reação pode ser encontrada, mesmo**

**nos dias de hoje em que nos julgamos sujeitos liberais e isentos de qualquer preconceito. Será?"** A autora duvida que de fato houve um desprendimento dos estigmas, se estamos mesmo destituídos dos preconceitos que assimilamos durante anos, confirmando Featherstone (1994) que afirma que ainda há preconceito e estigmatização, permeando o universo do idoso.

**TEXTO 6 - Pesquisa revela que sexo é um dos segredos para uma aposentadoria feliz<sup>24</sup>**

A aposentadoria costuma ser um tema bastante discutido. Mas o foco sempre é a rompimento de uma existência, até então produtiva, e suas respectivas consequências na vida do indivíduo. Algo desejado por todos, de repente, se torna um martírio. O que fazer com um tempo que sobra, que parece imenso e não passa. O que esperar diante deste quadro? Muitas pessoas que vivem esta fase encontram dificuldades para se adaptar à uma nova rotina, sentem falta dos compromissos e não conseguem realizar os sonhos que cultivaram quando jovens.

Uma pesquisa realizada pela Florida Agricultural and Mechanical University, nos Estados Unidos, aponta que um dos principais pontos para uma vida feliz na terceira idade é a prática sexual. Fazer sexo foi associado à felicidade em geral e também à felicidade na vida a dois. O estudo consistiu em entrevistas com indivíduos casados com mais de 65 anos.

A conclusão foi que os indivíduos que revelaram manter vida sexual ativa se mostraram 50% mais felizes do que os que não davam tanta importância ao assunto. Para eles, não é preciso uma frequência muito grande para se obter os resultados.

Adreinne Jackson, pesquisadora que coordenou o estudo disse ao site Female First: "Esse estudo vai ajudar a ampliar as linhas de comunicação sobre abordagens de como resolver questões que limitam ou impedem adultos mais velhos de manter uma vida sexual ativa".

<sup>24</sup> <http://www.portaldoenvelhecimento.com/sexualidades/item/506-pesquisa-revela-que-sexo-%C3%A9-um-dos-segredos-para-uma-aposentadoria-feliz>

Viver a sexualidade é importante em qualquer fase da vida, até porque existem muitas maneiras de fazer sexo e amar e sentir satisfação com a experiência. Cada um encontra o seu "jeito" de se relacionar, e o sucesso, se assim pode ser dito, é sempre da dupla, ou seja, de duas pessoas que entendem o funcionamento dos seus corpos, dos seus desejos e que sabem exatamente como desfrutá-los da melhor maneira possível.

Portanto, uma aposentadoria plena, não sabemos se propriamente feliz, é construída ao longo da vida, planejada através das experiências partilhadas com um parceiro ou parceira que se aprende a conhecer dia a dia, pela vida. Todo tempo fazemos escolhas, algumas acertadas e outras, nem tanto. Mas o que vale é seguir, mesmo que os tropeços sejam muitos. Amor é bom, é ótimo e todos gostamos e por que não vivê-lo na maturidade?

Vinícius de Moraes em "Soneto da Fidelidade" canta uma eternidade, enquanto ainda dure o amor: "De tudo ao meu amor serei atento. Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto. Que mesmo em face do maior encanto. Dele se encante mais meu pensamento. Quero vivê-lo em cada vão momento. E em seu louvor hei de espalhar meu canto. E rir meu riso e derramar meu pranto. Ao seu pesar ou seu contentamento. E assim, quando mais tarde me procure. Quem sabe a morte, angústia de quem vive. Quem sabe a solidão, fim de quem ama. Eu possa me dizer do amor (que tive): Que não seja imortal, posto que é chama. Mas que seja infinito enquanto dure.

### Análise do discurso

Em uma pesquisa que afirma que um dos pontos para uma vida feliz na terceira idade é a prática sexual. Novamente, se tem a anuência do saber médico, autorizando e confirmando a necessidade da manifestação da sexualidade na velhice. O texto relata uma fala da pesquisadora **"Esse estudo vai ajudar a ampliar as linhas de comunicação sobre abordagens de como resolver questões que limitam ou impedem adultos mais velhos de manter uma vida sexual ativa"**. O

sexo, na velhice ainda é tabu e ainda é tema velado, visto que precisa da ‘permissão’.

No trecho “**Amor é bom, é ótimo e todos gostamos e por que não vivê-lo na maturidade?**” percebe-se uma tentativa se convencer, e, se há a necessidade de convencimento é que ainda há resquícios de resistência. É pertinente relatar que nesse texto não houve uma fala direcionada especificamente para a mulher. Mucida (2012) comenta sobre essa resistência e a necessidade de amparo e de uma suposta liberação proporcionada por diversos saberes.

**TEXTO 7 - Pesquisa Analisa Sexualidade de 139 Mulheres Afetadas pelo Câncer de Mama<sup>25</sup>**

É uma grande surpresa pensar que a sexualidade ainda é uma questão delicada e de difícil compreensão e trato para muitos profissionais da área da saúde. Uma pesquisa realizada na Universidade de São Paulo (USP) com 139 mulheres afetadas pelo câncer de mama avaliou que, pelo menos um ano após o diagnóstico, quase metade mantinha vida sexual ativa. O estranho contraponto desse resultado foi a conclusão que os profissionais de saúde não estão preparados para orientar essas pacientes sobre questões ligadas à sexualidade.

Realmente vivemos em um país, apenas, aparentemente “resolvido” com suas questões sexuais. Ainda há constrangimento, preconceito e uma profunda falta de conhecimento em lidar com o tema.

Em matéria publicada recentemente na Agência Fapesp, assinada por Karina Toledo, sobre a pesquisa, fica-se sabendo que a coleta de dados foi feita entre usuárias do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas (Rema) da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP). A média de idade das participantes foi de 54,6 anos – sendo que a mais nova tinha 24 anos e a mais velha, 78.

Além da pesquisa quantitativa, foram feitos outros dois estudos

<sup>25</sup> <http://www.portaldoenvelhecimento.com/sexualidades/item/507-pesquisa-analisa-sexualidade-de-139-mulheres-afetadas-pelo-c%C3%A2ncer-de-mama>

qualitativos. Um deles avaliou em profundidade 25 pacientes do Rema. O outro ouviu 32 enfermeiras que lidam com pacientes nessa situação. Os resultados integram o projeto “Sexualidade e Câncer de Mama”, financiado pela FAPESP e coordenado pela professora Elisabeth Meloni Vieira, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP).

### **Resultados**

56,8% das pacientes que participaram da pesquisa quantitativa afirmaram ter tido ao menos um parceiro sexual no último ano e 48,9% disseram ter feito sexo no último mês: “Essas mulheres têm, em média, seis relações sexuais por mês, ou seja, têm uma vida sexual ativa”, disse Vieira.

“Os dados quantitativos ainda estão sendo analisados, mas nossa hipótese é que a idade e a situação marital são fatores que pesam mais do que o próprio câncer no caso das pacientes sem relação sexual há mais de um ano. Muitas ficaram viúvas, por exemplo”.

Nas entrevistas qualitativas realizadas com as 25 usuárias do Rema encontrou-se a existência de três situações distintas: a) A existência de uma vida sexual prejudicada pelas alterações corporais e psicológicas trazidas pela doença, b) Relatos que não sentiram diferença e c) Aquelas que afirmam que a vida sexual melhorou após o câncer.

Vieira ainda explica que “essas últimas disseram que o medo da morte fez com que o relacionamento com o parceiro melhorasse e isso teve impacto na vida sexual. Existe a ideia de que pacientes com câncer ficam deprimidos, não saem de casa e não fazem sexo. Isso não é verdade”.

### **Problemas Reais**

Mas não se pode negar que a doença costuma trazer complicações: “Muitas pacientes entram em menopausa precoce por causa da terapia com hormônios usada no combate ao tumor. Isso tem consequências como diminuição da libido e secura vaginal”, disse.

Vieira acrescenta que “além disso, muitas têm dificuldade para lidar

com a perda da mama ou de parte dela, com a calvície temporária provocada pela quimioterapia e com o inchaço nos braços causado pela retirada de gânglios linfáticos das axilas”.

“Essas mulheres precisam conversar sobre isso com alguém. Querem saber se podem ter relação sexual, quando e como. Os profissionais de saúde precisam estar preparados”.

Talvez aí esteja o maior paradoxo: ter, atualmente, profissionais de saúde preparados para tratar apenas a doença, mas, e a saúde física e emocional? As nossas universidades não ensinam os jovens a lidar com sentimentos e emoções? É, esse parece ser um território acidentado, onde o sofrimento e a dor do outro podem, muito bem, resvalar no nosso próprio buraco existencial.

### **Constrangimento e imagem corporal**

Vieira conta que a maioria das profissionais que atuam na área oncológica em Ribeirão Preto, evitam tratar do tema: “Não falam e não deixam a paciente perguntar. Primeiro porque nunca foram orientadas para isso, então se sentem inseguras. Depois, existe a ideia preconcebida de que doente não faz sexo, por isso consideram o assunto desnecessário. E também tem a questão da vergonha”.

A pesquisadora diz que é fundamental que os cursos de especialização em enfermagem oncológica incluam o tema da sexualidade nos currículos. “Às vezes a paciente precisa simplesmente de um lubrificante vaginal e a enfermeira não sugere”. Na verdade, o aprendizado deve começar na graduação, no ensino de base.

A pesquisa vem sendo realizada em cooperação com o Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale (Inserm), da França, sob coordenação do professor Alain Giami. “Os resultados da pesquisa com enfermeiras na França foram muito parecidos com os do Brasil. Mas já notamos que a questão da imagem corporal tem um peso muito maior para as mulheres brasileiras, que estão o ano todo com o corpo à mostra”, disse Vieira.

O câncer de mama é o mais comum entre as mulheres, respondendo por 22% dos casos novos a cada ano. A estimativa do Instituto Nacional do Câncer (Inca) para 2012 é que 52,6 mil pessoas sejam afetadas.

### Análise de discurso

O texto relata uma pesquisa realizada na USP realizada com mulheres que tiveram câncer de mama que evidenciou dois fatores: a metade das pesquisadas mantinham vida sexual ativa e o despreparo e silenciamento dos profissionais da saúde para lidar sobre as questões ligadas a sexualidade feminina. No que Martin (2006) colabora sobre o silenciamento dos discursos médicos para com a sexualidade das mulheres idosas.

A média da idade das participantes era de 54,6 anos. A pesquisa, ainda em andamento, como relatado no texto, tem como hipótese que, a idade e a situação marital são fatores que pesam mais do que o próprio câncer. Foram encontradas 3 situações: 1º- as mulheres que tiveram a vida sexual prejudicada por fatores psicológico e corporais (visto que a terapia com hormônios antecipa a menopausa causando a diminuição da libido e da lubrificação vaginal) 2º- as mulheres que não sentiram diferença. 3º- as mulheres que afirmam que a vida sexual melhorou após o câncer.

Os pontos altos do texto, e enfatizados no final da leitura são o despreparo dos profissionais da saúde para lidar com as questões ligadas a sexualidade feminina, ou, partiriam os mesmos do pressuposto que o combo mulher/idosa/doente não tem necessidade expressar e atender a sua sexualidade? A crítica continua no relato da pesquisadora “**Às vezes a paciente precisa simplesmente de um lubrificante vaginal e a enfermeira não sugere**” supõe-se um atrelamento muito grande aos tabus acerca da sexualidade da mulher idosa, a ponto de impedir uma simples indicação do uso de um lubrificante como relatado pela pesquisadora.

Outro apontamento é que comparadas as mulheres francesas a pesquisadora afirma que “**já notamos que a questão da imagem corporal tem um peso muito**

**maior para as mulheres brasileiras, que estão o ano todo com o corpo à mostra”** isso confirma a teoria de Goldenberg (2010) do corpo como capital de suma importância para o feminino no Brasil.

### **TEXTO 8 - Idosos que fazem sexo são mais saudáveis<sup>26</sup>**

Esqueça aquela história de que o vovô e a vovó preferem ver TV no sábado à noite. Um levantamento feito nos Estados Unidos revela que, pelo menos entre os americanos, os idosos entre 57 e 85 anos são muito mais sexualmente ativos do que os “jovenzinhos” podem pensar. E mais: os que mais fazem sexo na terceira idade são também os mais saudáveis.

O estudo encomendado pelos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos, e publicado na revista científica “The New England Journal of Medicine”, revela que a maioria dos americanos acima dos 57 não apenas faz sexo, como considera o ato sexual uma parte muito importante da vida.

Entre as idades de 57 e 64, 73% dos idosos são sexualmente ativos. A porcentagem cai um pouco na próxima faixa etária, entre 65 e 74, para 53%. Entre as idades de 75 e 85 anos, 26% são ativos sexualmente. As mulheres idosas relataram menos relacionamentos amorosos e atividades sexuais do que os homens, o que os cientistas explicam com o fato de que elas vivem mais tempo em média - o que torna o número de viúvas maior do que o de viúvos.

A saúde e o sexo se mostraram intimamente ligados. Entre os idosos que declararam ter saúde excelente ou muito boa, 81% dos homens e 51% das mulheres eram sexualmente ativos. Entre os com saúde fraca, apenas 47% deles e 26% delas declararam ter feito sexo no ano anterior.

Apesar disso, muitos idosos enfrentam problemas de ordem sexual. Entre os homens, 37% disseram ter dificuldades para ter e manter uma ereção. As mulheres, em geral, manifestaram pouco desejo (43%), problemas de lubrificação vaginal (39%) e dificuldades para chegar ao orgasmo (34%).

Apesar dos problemas, a maioria deles nunca falou sobre sexo com

<sup>26</sup> <http://www.portaldoenvelhecimento.com/sexualidades/item/503-idosos-que-fazem-sexo-s%C3%A3o-mais-saud%C3%A1veis>

seus médicos, o que mostra o quanto o assunto na terceira idade ainda é considerado um tabu. Essa falta de comunicação pode ter implicações sérias: o número de idosos infectados pelo HIV está subindo. Em parte, porque os pacientes com Aids estão vivendo mais, mas também porque muitos estão sendo contaminados agora. Estima-se que 15% dos novos casos de infecção por HIV nos EUA ocorram em maiores de 50 anos.

### Análise de discurso

Nesse texto, percebe-se que o mito de que o idoso é da quietude ainda é socialmente disseminado. No comparativo **“os idosos entre 57 e 85 anos são muito mais sexualmente ativos do que os ‘jovenzinhos’ podem pensar. E mais: os que mais fazem sexo na terceira idade são também os mais saudáveis.”** Percebe-se o ‘fator surpresa’ do resultado da pesquisa: os idosos fazem, e fazem mais, sexo. Os idosos são subestimados como confirma Mucida (2012), culturalmente não são valorizados, ora relegados, ora tutelados por serem considerados incapazes.

Por três vezes, na estrutura do texto a mulher é sempre o segundo gênero a ser relatado: no comparativo de idade, saúde e de disfunção sexual. Porque a preocupação de enfatizar a sexualidade masculina, porque são citados sempre em primeira instância, visto que já está medicalizada e solucionada? Novamente, como coaduna Khel (2012) a mulher é a coadjuvante, é segunda e é depois se comparada com o homem.

Como confirma a teoria de Rolnick (2002) comparando ao trecho **“Apesar dos problemas, a maioria deles nunca falou sobre sexo com seus médicos, o que mostra o quanto o assunto na terceira idade ainda é considerado um tabu”** reafirma as barreiras subjetivas e culturais que impedem o sujeito de lidar e de manifestar a sua sexualidade.

### **TEXTO 9 - Indústria é acusada de criar doença para vender remédio**<sup>27</sup>

Análise publicada na última edição do "British Medical Journal" acusa a indústria farmacêutica de ter financiado pesquisas para transformar falta de desejo feminino em doença. Objetivo: vender remédios.

O texto de Ray Moynihan, professor da Universidade de Newcastle, Austrália, e jornalista de saúde, diz que a Pfizer financiou cursos em hospitais dos EUA dizendo que 63% das mulheres têm alguma disfunção sexual - e que testosterona e sildenafil (componente do Viagra, medicamento produzido pelo laboratório) seriam úteis para tratar o problema.

No Brasil, em junho, a Boehringer apresentou o medicamento Flibanserina como promessa para a falta de desejo entre as mulheres. No mesmo mês, conselheiros da FDA (agência reguladora dos EUA) contestaram a eficácia do "Viagra feminino".

Para o psiquiatra Sérgio Campanella, do Hospital das Clínicas, congressos que apostem no sucesso definitivo dos remédios só contribuem para a desinformação. "A libido não é resolvida a contento pelas substâncias químicas que a pessoa ingere, mas pela identificação dos fatores psíquicos que estão por trás dela."

#### **Outro lado**

A Pfizer informou que "sempre se pauta em dados médicos para falar de doenças que afetam a população" e que já fez testes com Viagra para o tratamento de disfunções sexuais femininas, mas que os estudos da eficácia foram "inconclusivos".

Já a Boehringer disse que os medicamentos pesquisados e desenvolvidos por ela "são fundamentados em estudos clínicos precisos e de acordo com protocolos exigidos pelos órgãos reguladores nacionais e internacionais".

---

<sup>27</sup> <http://www.portaldoenvelhecimento.com/sexualidades/item/504-ind%C3%BAstria-%C3%A9-acusada-de-criar-doen%C3%A7a-para-vender-rem%C3%A9dio>

## Análise do Discurso

Esse texto relata uma acusação contra uma indústria farmacêutica que, para vender remédios classificou a falta de desejo feminina como doença. Patologizar a diminuição do desejo feminino, é segmentar e inferiorizar ainda mais a sexualidade da mulher o que confirma a ideia de Mucida (2012 p.163) quando afirma “quando a ciência se detém a falar da menopausa, seu discurso não almeja outra coisa: controla-la e silenciá-la”.

No relato do psiquiatra **"A libido não é resolvida a contento pelas substâncias químicas que a pessoa ingere, mas pela identificação dos fatores psíquicos que estão por trás dela."** Reconhece-se que os fatores emocionais, as imposições e limitações, ou seja, os fatores sociais adquiridos e aceitos como verdade são os verdadeiros fatores limitantes da sexualidade da mulher idosa.

De qualquer forma, não anula o fato do prazer feminino ser secundário e ter a resolução dos problemas agendada, esse prazer feminino agendado é verificado em Khel (2002), mais uma vez deixada para depois, o ‘viagra rosa’ ou qualquer dispositivo válido para fomentar a sexualidade feminina, tem licença social para esperar.

### TEXTO 10 - Sexo na terceira idade: vovô tarado ou vovó safada<sup>28</sup>

Não há idade para o sexo, ou seja, homens e mulheres saudáveis podem se manter sexualmente ativos por toda a vida. Segundo os especialistas, o preconceito e a falta de informação atrapalham o desenvolvimento da sexualidade na terceira idade, não existe o vovô tarado ou a vovó safada só porque gostam de sexo. Há mudanças físicas, sim, mas elas não são as responsáveis pelo fim da intimidade entre o casal. Na avaliação dos sexólogos, as barreiras são socioculturais, ou seja, a ideia de que o sexo é privilégio dos mais jovens e que não pode fazer parte da idade madura. Para quem tem essa visão, aos mais velhos cabe o amor platônico, pré-adolescente.

<sup>28</sup> <http://www.portaldoenvelhecimento.com/sexualidades/item/502-sexo-na-terceira-idade-vov%C3%B4-tarado-ou-vov%C3%B3-safada>

No homem, diferentemente da mulher, existe um período subsequente ao orgasmo que é o período refratário, onde o homem não é capaz de vir a apresentar uma resposta sexual completa, apesar da presença do estímulo sexual. Nesse caso, na maioria das vezes ele não apresenta uma ereção ou, se esta estiver presente, não virá acompanhada de ejaculação. Este período refratário é bem maior no homem idoso. Pode durar minutos, horas ou dias.

Observa-se que, quanto maior a atividade sexual do adulto, menor seria seu período refratário na velhice. “O segredo é praticar muito pra uma velhice tranqüila”

É claro que as necessidades sexuais do idoso são diferentes das do jovem, pois as pessoas mais velhas vivem outro momento da vida, prezam mais a intimidade com seu companheiro ou companheira do que, por exemplo, a frequência das relações sexuais. O sexo entre pessoas mais velhas é muito natural e importantíssimo para manter a qualidade de vida, pois ajuda a perder peso, melhora o apetite e a digestão, além de favorecer a circulação sanguínea. Ou seja, não há contra-indicações.

A penetração é apenas uma forma de usufruir dos prazeres sexuais que a natureza nos proporcionou. Mesmo que o homem perca a capacidade de ereção, as suas mãos e o tato são uma fonte eterna de prazer, raramente perde-se a habilidade em usá-las e pesquise as zonas erógenas.

Hoje a medicina está muito avançada e todos podem usufruir dessas novas alternativas. Deve-se sempre buscar opinião médica, pois assim teremos uma recuperação da atividade sexual melhorando a qualidade de vida, o humor, estimulando o desempenho do cérebro e prolongando a vida.

### **Análise do discurso**

Nesse texto, novamente o idoso, além de ser mais citado, é sempre o primeiro exemplo, a mulher é o após sob o referencial masculino, o que confirma Beauvoir (1967) e Khel (2002) novamente. No recorte “**o preconceito e a falta de informação atrapalham o desenvolvimento da sexualidade na terceira idade,**

**não existe o vovô tarado ou a vovó safada só porque gostam de sexo”** retoma-se a fala de Mucida (2012) sobre o preconceito acerca do tema da sexualidade do idoso de forma geral.

Nos trechos: **“O sexo entre pessoas mais velhas é muito natural e importantíssimo para manter a qualidade de vida, pois ajuda a perder peso, melhora o apetite e a digestão, além de favorecer a circulação sanguínea. Ou seja, não há contra indicações”** e, **“Deve-se sempre buscar opinião médica, pois assim teremos uma recuperação da atividade sexual melhorando a qualidade de vida, o humor, estimulando o desempenho do cérebro e prolongando a vida.”** É possível também, mais uma vez, perceber o consentimento do saber médico, autorizando, através do relato das melhorias na saúde desse idoso, a expressão dessa sexualidade.

#### **TEXTO 11 - A Sexualidade em Idosos**<sup>29</sup>

A sexualidade em idosos é objeto de muita polêmica. Os estudos demográficos sobre essa questão apresentam resultados que devem ser vistos com reserva uma vez que essa população não costuma se comportar com muita abertura quando questionados sobre suas vidas íntimas. De um modo geral se aceita que, à medida que os anos avançam o interesse, a frequência e o desempenho dessa atividade diminui em ambos os sexos.

Entre as mulheres o interesse costuma estar mais diminuído que nos homens. Fatores como o estado civil, o status social e a presença de doenças afetam essa atividade de maneira determinante e devem ser considerados. Doenças cardíacas, insuficiência coronariana e infartos recentes podem gerar estados de ansiedade e insegurança interferindo nessa esfera. Acredita-se que pessoas idosas que são aptas para subir um lance de escadas sem desconforto, têm condições físicas para manter uma vida sexual satisfatória sem grandes problemas.

Algumas doenças realmente acabam por interferir seriamente e entre elas se destacam:

<sup>29</sup> <http://www.portaldoenvelhecimento.com/sexualidades/item/499-a-sexualidade-em-idosos>

Artrites: Cerca de 50% das pessoas com problemas articulares com dores e limitações funcionais costumam ter sua atividade sexual reduzida. O tratamento das dores, medidas de reabilitação física e o aconselhamento sobre as posições mais confortáveis no intercuro sexual minoram essa condição.

Próstata: Homens submetidos à ressecção transuretral parcial ou total da próstata são vítimas freqüentes de impotência. Em 90% das cirurgias desse tipo, uma complicação, que deve ser discutida com o médico antes do procedimento, é a ejaculação retrógrada quando o líquido seminal, ao invés de ser expelido no orgasmo, flui para o interior da bexiga urinária. A capacidade de conseguir uma ereção não costuma estar comprometida.

Câncer de Mama: Mulheres que são submetidas a cirurgias mutilantes como a mastectomia costumam ter sua sexualidade comprometida por ansiedade e medo da reação e/ou rejeição do parceiro. O aconselhamento profissional psicológico e a passagem do tempo aliviam esse tipo de manifestação.

### **Sexualidade feminina**

A **sexualidades das senhoras** é afetada basicamente por três aspectos:

Motivação e desejo · Problemas com o parceiro (afeto, diálogo, informação) · Doenças físicas limitantes (osteoartropatias, doenças cardíacas) · Doenças emocionais (depressão, ansiedade) · Diminuição da libido (hormonais) Alterações genitais · Atrofia vaginal (secura, estreitamento, dor). Fatores sócio-culturais· Vergonha, receio do ridículo · Educação rígida, valores morais e religiosos · Dificuldade em propor ou insinuar o início da relação.

O desejo parece estar comprometido pela alteração dos níveis de estrógeno. A falta de lubrificação vaginal pode causar dor e desconforto. A resolução desse problema, orientada pelo ginecologista, costuma ser simples e geralmente feita com lubrificação externa e/ou com o uso de cremes a base de hormônios. Um dos grandes problemas, entretanto, é que muitas senhoras não se queixam e deixam as coisas permanecerem como estão. A vergonha, o

medo do ridículo e outros receios de ordem cultural fazem com que continuem mantendo relações dolorosas ou que deixem de realizá-las por razões óbvias.

O comportamento do parceiro é decisivo. O afeto, o carinho, a informação, a paciência e o respeito às limitações físicas e/ou emocionais de ambos é fator determinante no relacionamento. Em geriatria nunca se deve falar em sexualidade sem afetividade. Sexo por si só, sem afeto, não costuma ser praticado ou ser gratificante para casais idosos. Apenas 3% das mulheres vão ao ginecologista para resolver questões de ordem sexual, mas se estimuladas a falar sobre o assunto, 15% apresentam queixas nessa área demonstrando claramente a pouca disposição que as senhoras têm em expor seus problemas íntimos voluntariamente. Muitas senhoras, só após anos de relacionamento com seu médico tomam coragem para abordar o assunto. Por outro lado, poucos médicos costumam tocar nesse assunto fazendo com que esse tabu siga persistindo.

Raramente os médicos estão preparados para aconselhar seus pacientes idosos nessa sensível área. Infelizmente esse fato prejudica a saúde de um modo geral uma vez que a grande maioria dos problemas que comprometem essa esfera é resolvida com informações corretas, educação específica sobre aspectos biológicos e com um aconselhamento profissional dirigido e personalizado. Um estudo realizado com senhoras acometidas de artrite demonstrou que 40% delas gostariam muito que seus médicos abordassem o assunto.

### **Sexualidade masculina**

Nos homens idosos, o padrão de sexualidade é um dos componentes essenciais para a qualidade de vida. Assim como nas senhoras, é esperada uma diminuição na motivação, frequência e desempenho. O sexo em si perde suas cores. A questão emocional sempre acompanha os contatos mais íntimos onde o afeto torna-se cada vez mais presente e necessário. Na ausência de doenças a rigidez do pênis costuma ser adequada para o intercurso até idades bastante avançadas.

A ereção é mais demorada e normalmente conseguida com estimulação

direta mais prolongada. A impotência ou disfunção erétil é de longe a questão sexual que mais aflige a população masculina. O hormônio masculino, testosterona, é responsável pela libido (desejo) e também na manutenção da integridade dos tecidos e dos órgãos envolvidos no processo. Com o passar dos anos há um declínio natural das taxas desse hormônio que acabam por determinar essas alterações.

Taxas muito baixas são corrigidas com suplementação. A ereção é um ato complexo relacionado com fantasias e/ou estimulação local direta. Essa reação é regulada basicamente pelo cérebro e medula nervosa. São liberadas substâncias que causam a dilatação dos vasos sanguíneos e o preenchimento dos corpos cavernosos do pênis (pequenas bolsas laterais) resultando na rigidez do órgão. As veias se fecham e aprisionam o sangue nessa região conferindo a manutenção da ereção. Após o orgasmo, as veias deixam o sangue escoar, as artérias voltam ao seu calibre normal e a ereção termina.

Na investigação da impotência, a ultrassonografia fornece importantes informações com respeito à integridade dos vasos sanguíneos. Os exames laboratoriais mais comuns incluem a dosagem de testosterona total e livre, a glicemia e eventualmente a dosagem de prolactina. A verificação das taxas de glicemia é fundamental uma vez que o diabetes mellitus é uma causa freqüente de impotência sexual. A verificação da pressão arterial é obrigatória no exame físico. Grande parte dos portadores de hipertensão arterial apresentam disfunção erétil como complicação.

### **Avaliação clínica da disfunção erétil**

Um dado de importância quando se avalia uma queixa de disfunção é se há ereção noturna “involuntária”. A presença desse tipo de ereção demonstra não haver problemas relevantes de ordem física recaindo as possibilidades em causas emocionais. A ausência conduz à possibilidade de doenças associadas ao processo. A impotência sexual de aparecimento súbito normalmente está relacionada ao uso de alguns medicamentos ou devida a traumas emocionais. A alternância entre boas e más ereções faz pensar primeiro em problemas psicológicos. A piora progressiva sugere a coexistência

de doenças. Alguns hábitos relacionados ao estilo de vida como o tabagismo, o consumo excessivo de álcool e o uso de drogas podem estar intimamente relacionados com o quadro. Algumas condições e doenças devem ser especialmente investigadas: · Diabetes mellitus · Hipertensão arterial · Doenças vasculares · Cirurgias (próstata, aneurisma de aorta) · Ginecomastia (aumento das mamas por doença endócrina) · Abdome volumoso e pênis de pequenas dimensões · Doenças neurológicas periféricas · Atrofia dos testículos

\*Dr. Norton Sayeg - Médico Especialista em Geriatria e Gerontologia, consultor científico de um projeto físico de construção de ambientes especiais na prevenção de acidentes domésticos em idosos.

### **Análise do Discurso**

O texto confirma que lidar com a questão da sexualidade do idoso é uma questão polêmica, porém, dá maior abertura para a sexualidade masculina.

O autor expõe os aspectos que afetam a sexualidade da mulher idosa, nas seguintes falas:

Fatores como o estado civil, o status social e a presença de doenças (...) Motivação e desejo. Problemas com o parceiro (afeto, diálogo, informação); Doenças físicas limitantes (osteopatias, doenças cardíacas). Doenças emocionais (depressão, ansiedade); Diminuição da libido (hormonais) Alterações genitais. Atrofia vaginal (secura, estreitamento, dor), Fatores sócio-culturais. Vergonha, receio do ridículo. Educação rígida, valores morais e religiosos. Dificuldade em propor ou insinuar o início da relação.

Muitas senhoras não se queixam e deixam as coisas permanecerem como estão. A vergonha, o medo do ridículo e outros receios de ordem cultural fazem com continuem mantendo relações dolorosas ou que deixem de realizá-las por razões óbvias.

Apenas 3% das mulheres vão ao ginecologista para resolver questões de ordem sexual (...) pouca disposição que as senhoras têm em expor seus problemas íntimos voluntariamente.

Correlacionando com Bassanezi (2008) percebe-se ainda a resistência da mulher idosa temerosa em relação aos julgamentos do marido e do entorno, fazendo com que renuncie ao seu prazer ou se submete a relações dolorosas, desrespeitando seu próprio corpo. Ela tem medo das possíveis retaliações, que pode vir a sofrer caso exponha e vivencie sua sexualidade.

**TEXTO 12 - O Tantra como possibilidade qualitativa de vivência da sexualidade na Terceira Idade<sup>30</sup>**

Sentir-se amado é uma necessidade essencial aos seres humanos em toda e qualquer idade pela necessidade básica que todos temos de ter alguém que nos admire e nos dedique atenção. Neste sentido, amor e sexualidade são umbilicais.

O Tantra é uma das formas mais amorosas de vivermos nossa sexualidade de maneira qualitativa e significativa, em qualquer fase da vida, seja na juventude, na fase adulta ou na terceira idade. No Tantra há, inclusive, o que as mulheres geralmente reivindicam (e que poderíamos chamar de uma preliminar e tanto). A massagem tântrica caracteriza-se como o conhecimento corporal de si e do outro. No Tantra, o foco da relação sexual deixa de ser a penetração; o aspecto central é o carinho, o encanto e a magia do toque: seja com as mãos, seja com os olhos, seja com a boca.

Segundo o Tantra não devemos fazer amor quando estamos excitados, parece loucura dizer isso, não? Por quê?

Porque se acredita que, se fizermos amor quando estamos excitados (e é quando geralmente fazemos), o sexo torna-se uma luta do corpo para aliviar uma necessidade instintiva básica, o que resulta, muitas vezes, em: mulheres insatisfeitas que não conseguiram atingir o orgasmo e homens aliviados porque colocaram a tensão para fora, mas, também insatisfeitos com o próprio desempenho, pois, na maioria das vezes, essa excitação culmina numa ejaculação precoce.

---

<sup>30</sup><http://www.portaldoenvelhecimento.com/sexualidades/item/500-o-tantra-como-possibilidade-qualitativa-de-viv%C3%Aancia-da-sexualidade-na-terceira-idade>

Por isso, no Tantra o ideal é fazer amor quando o corpo estiver calmo, relaxado, tranquilo, meditativo para que a relação sexual não seja apenas uma luta para aliviar as ansiedades da necessidade biológica primária. Seguindo essa lógica, quando a tensão não se faz presente, o prazer pode ser prolongado por horas e horas, ou seja, a ejaculação pode ser adiada.

O sexo tântrico pode dessa forma se configurar como uma possibilidade qualitativa e prazerosa de vivência da sexualidade, em todas as idades, inclusiva na terceira idade. Na verdade, ele se configura como uma forma de prazer sem necessidade de penetração, e esta pode acontecer após o momento da massagem tântrica ou não. E é também uma maneira de superarmos o reducionismo do ato sexual focado nas genitálias, pois o Tantra nos oferece possibilidades supremas de prazer através do corpo em sua totalidade. A sexualidade no Tantra é uma relação intensa e profunda, de fusão do corpo e da alma (um dissolvendo-se no outro, completando-se, uma ligação profunda de sentimentos), e a relação sexual não significa apenas alívio, mas revigoramento.

Quando se faz amor sem pressa, sem agressividade, sem luta, mas em completude, o prazer torna-se duradouro e intenso, mais profundo, provocando reações químicas indescritíveis e surpreendentes, descobertas, através da troca de energias físicas e espirituais que fluem nesse momento de plenitude.

Assim, o que para muitos, configura-se tão somente em um prazer homérico momentâneo, apenas antes e durante a relação, no Sexo Tântrico, passa a ser um prazer que se estende e se transforma em bem-estar, depois da relação sexual.

Se o sexo profano configura-se como uma luta, no Tantra o sexo configura-se como uma entrega plena e receptiva, que exige uma relação de profunda admiração e confiança mútua. Neste sentido, chega-se ao ápice de um prazer interminável quando você consegue sentir que o desejo, o encantamento e a admiração que o outro sente por você, não são restritos ao seu corpo, mas pela inteireza do seu ser.

Dessa forma, considerando a sexualidade como corpo e alma, o Tantra acaba por consolidar a visão que defendemos: a sexualidade pode e deve ser

vivida intensa e plenamente inclusive na terceira idade.

O Tantra, que é algo que temos estudado apaixonadamente, por considerar que a sexualidade passa a ter um significado profundamente maior e sublime, nos momentos que conseguimos atingir essa completude dialética de corpo e alma: voracidade e calma: equilíbrio que tanto procuramos entre o sagrado e o profano. Entre a necessidade animal e humana do prazer e do amor.

Há muitas interpretações equivocadas sobre o Tantra. Alguns o consideram uma religião, outros o remetem ao sexo livre, outros o entendem como uma terapia sexual. Nós entendemos o Tantra como uma forma amorosa de atingir a consciência corporal.

O toque demonstra carinho, estimula, excita, gera e desperta sensações maravilhosas. Temos que deixar livre a alma e as mãos para demonstrar toda nossa sensualidade e a sensibilidade; e estas independem do fator idade, pois como já disse no artigo anterior: toda fase da vida tem formas específicas de encanto.

E quem não gosta de receber carinho? E gostar de carinho tem idade?

Não. Como já abordamos no artigo intitulado "Que história é essa que sexualidade tem idade?", todos os seres humanos têm necessidade de se sentirem amados, e para nos sentirmos amados, as palavras não são suficientes; em alguns momentos elas até se fazem desnecessárias.

Há inclusive estudos sobre recém-nascidos, que mostram que os bebês que são acariciados pelos pais quase não choram, são mais sorridentes, quase não adoecem. Já, o contrário ocorre com aqueles que não foram estimulados pelo toque. Assim também ocorre com os adultos e com as pessoas que estão vivendo a melhor idade, as pessoas que sorriem mais, que se sentem amadas, que tem brilho no olhar, que vivem apaixonadas pela vida, por si mesmas, por outras pessoas, exalam vitalidade pelos poros. Lembro que certa vez fui com minha vovó ao médico. Ela estava com 80 anos e ele me disse: - "Sabe o que fez a vovó viver até agora? Esse sorriso estampado no rosto dela! Em cada sorriso que ela dá a vida dela se estende." Eu, que já acreditava nisso, não tive qualquer dúvida. Então, permitam-se: amar-se, amar e serem amados em qualquer idade, afinal "o que qualifica uma vida é a

quantidade de amor que se dá e se recebe".

Pense no quanto é bom ser tocado por quem amamos: seja um afago no rosto, seja um toque de carinho nas mãos, seja um cafuné na cabeça, seja um toque mais sensual no corpo; é uma sensação inigualável que experimentamos quando tocamos ou somos tocados por aqueles que amamos. Tocar e ser tocado significa trocar sentimentos, energia, alegria, vida. O toque é um laço, que se enlaça, e entrelaça a vida. É expressão plena de amor e sexualidade em todos os sentidos.

No Tantra, a sexualidade torna-se uma prática sagrada, e é vivida com profunda consciência. De forma que, o ato de fazer amor rompe julgamentos, preconceitos, supera limitações, liberta os pensamentos, sentimentos e os desejos mais intensos e profundos.

Durante o Tantra, permita-se usar todos os seus sentidos. Use e abuse do tato: tocar de maneira carinhosa, sensual, sedutora e sensível; do olfato: o cheiro da pele, do sexo (feromônios); da visão: enamorar com olhar, venerar, endeusar, seduzir, encantar-se e se permitir ser encantado; o paladar: saborear o outro com o corpo e com alma.

No Tantra, os toques são de uma sutileza, sensualidade e suavidade que conseguem ultrapassar os limites da pele. A massagem tântrica alimenta o erotismo, tão essencial para uma vida sexual plena. Nesse momento de comunhão e entrega, aprendemos a estimular e ser estimulado, a seduzir e se deixar ser seduzido. Através do toque, do olhar, do cheiro, do paladar conseguimos atingir o orgasmo, não como êxtase momentâneo e passageiro, mas profundo, o orgasmo não apenas como expressão máxima do prazer corporal, mas como expressão e experimentação máxima do amor, quando a alma entra em estado de êxtase.

A massagem tântrica nos mostra possibilidades de experimentar temperos e sabores nunca antes permitidos ou imaginados. Nos proporciona novas formas de sentir, olhar, tocar, amar. Por isso, consideramos o Tantra a maneira mais sensual, sedutora, prazerosa e erótica de fazer amor e de viver a inteireza da nossa sexualidade de forma consciente e amorosa.

Vocês já reparam que dois amantes (referindo-se a duas pessoas que se amam profundamente), não precisam necessariamente de palavras para

expressar-se um ao outro? E sabem por quê? Porque o amor é uma linguagem silenciosa. Os amantes olham-se, tocam-se, entregam-se de maneira tão profunda que não necessitam falar, há uma harmonia intensa do corpo e da alma que torna desnecessárias as palavras.

Interessante refletir um pouco mais sobre isso. Nunca acreditamos que a fala seria a melhor forma de expressão de um sentimento. O silêncio, o olhar, o toque, o gesto revelam e expressam o que sentimos e o que as pessoas sentem por nós da maneira mais profunda, intensa e verdadeira que podemos experimentar.

Esses momentos em que o corpo, os olhos e as mãos se expressam, falam mais do que milhares de palavras. Porque são expressões sentidas, saboreadas, digeridas, incorporadas.

Pensem no momento de êxtase gritamos, para liberar as tensões, mas no momento que experimentamos a paz, silenciemos.

Num momento de expressão profunda de amor você precisa, de fato, falar?

Penso que acariciar o rosto, segurar a mão da pessoa amada, um abraço apertado, corpos emaranhados, entrelaçados ou debruçados um sobre o outro, corpos e alma nus. Nenhuma palavra expressaria sentimento maior: uma vez que basta sentir a presença do outro, nas próprias entranhas.

Permita-se entender e viver uma sexualidade verdadeiramente humana, pautada nos sentimentos, e não na carência (sentimental ou física). Isso não tem idade, basta permitir florescer sua sensibilidade.

Aprenda a ser inteiro e não fragmento, a compreender a inteireza, a naturalidade divina e a beleza da sexualidade. A viver sua sexualidade com significado e não pela metade, a ouvir seus sentidos, sem ser meramente instintivo, mas para que a sexualidade tenha de fato sentido!

Desejamos que você consiga sentir e entender que a sexualidade humana, em plenitude, se dá na totalidade das nossas relações afetivas e prazerosas. Embora o ato sexual em si, seja um momento sublime, de uma beleza estonteante, igualmente, ou até mais belo, sagrado e prazeroso é a comunhão de amor entre mãe e filho, um momento de expressão de afeto entre dois amigos.

Uma mãe experimentando o ato de amor e a sensação única de amamentar o próprio filho, de ser alimento para o corpo e sustento para a alma é uma das expressões mais plenas da sexualidade. O Suger do seio de uma mãe pelo filho é a mais bela, pura e natural prova da grandeza da sexualidade que é a celebração da vida na totalidade. Ou seja, amamentar, amar, saborear um olhar, deliciar-se num sorriso, sentir o calor do abraço de um amigo ou de amor, o prazer de uma deliciosa gargalhada, a sensação inexplicável de chorar de alegria, são algumas das inúmeras formas de manifestação e expressão da totalidade da sexualidade que é, essencial e inerente, parte visceral da gente! E digo isso, para mostrar que nossa sexualidade não se resume em ato sexual, nem em penetração, nem em relações de homem/mulher.

Nossa sexualidade é inerente à vida, nasce conosco e vive conosco, e é vivida em todas as relações que envolvam afeto. Isso significa que, toda forma de prazer envolve nossa sexualidade e nos mantém qualitativamente vivos! Portanto, novamente afirmo: a vivência da sexualidade não se limita pela quantidade anos de vida que você possui, ela é vivida no útero, na infância, na adolescência, na juventude, na fase adulta e na terceira idade, porque sexualidade, na totalidade, é sinônimo de amor. E amor não tem cor, nem gênero e muito menos idade! A vida é sempre uma prazerosa possibilidade.

### Análise de Discurso

Esse texto transgrediu os ditames da sociedade por vários fatores, primeiro por apresentar o tantra como uma alternativa para o sexo de qualidade na velhice, segundo, por quebrar todo o imaginário social a respeito do sexo afinal, a filosofia e o tempo do tantra é outro. Na afirmação **“No Tantra há, inclusive, o que as mulheres geralmente reivindicam (e que poderíamos chamar de uma preliminar e tanto)”** já há indício de uma sexualidade relegada, o tempo da mulher é outro e se é tema para reivindicação, sinaliza claramente que isso não é atendido.

Quando a autora relata que a prática do sexo é pleno e satisfatório quando os envolvidos estão calmos, tranquilos e relaxados pois **“se fizermos amor quando estamos excitados (e é quando geralmente fazemos), o sexo torna-se uma luta do corpo para aliviar uma necessidade instintiva básica, o que resulta, muitas vezes, em: mulheres insatisfeitas que não conseguiram atingir o orgasmo e homens aliviados porque colocaram a tensão para fora”** pressupõe se que o habitual é o não gozo feminino, visto que ela necessita de um tempo maior para ficar excitada, e isso em qualquer idade, e o homem com o passar do tempo não consegue manter a ereção por muito tempo. Mori (2008) expõe essa questão do sexo para atender sempre o homem e por consequência, uma vida conjugal e sexual insatisfatória para a mulher.

A autora repete inúmeras vezes que o desejo, o prazer e a expressão da sexualidade não tem idade. Nas falas **“a sexualidade pode e deve ser vivida intensa e plenamente inclusive na terceira idade”** e **“gostar de carinho tem idade?”** remetem a Mucida (2012) que diz que não é a idade que determina a presença ou a ausência do desejo.

A autora afirma ainda que o tantra é uma poderosa técnica para burlar todas as regras interiorizadas **“No Tantra, a sexualidade torna-se uma prática sagrada, e é vivida com profunda consciência. De forma que, o ato de fazer amor rompe julgamentos, preconceitos, supera limitações, liberta os pensamentos, sentimentos e os desejos mais intensos e profundos.”**

Em determinado trecho, ela diz **“vocês já repararam que dois amantes (referindo-se a duas pessoas que se amam profundamente), não precisam...”** questiona-se o porque dessa explicação, já que o público alvo do site são idosos, quais os elementos subjetivos que estão impregnadas no imaginário do idoso para que essa explicação aí apareça?

A autora ainda explica e amplia o significado de sexualidade, para que não seja restritamente associado ao ato sexual em si, nas falas **“Ou seja, amamentar, amar, saborear um olhar, deliciar-se num sorriso, sentir o calor do abraço de um amigo ou de amor, o prazer de uma deliciosa gargalhada, a sensação inexplicável de chorar de alegria, são algumas das inúmeras formas de manifestação e expressão da totalidade da sexualidade que é essencial e inerente, parte visceral da gente! E digo isso, para mostrar que nossa sexualidade não se resume em ato sexual, nem em penetração, nem em**

**relações de homem/mulher.” E na fala: “a vivência da sexualidade não se limita pela quantidade anos de vida que você possui, ela é vivida no útero, na infância, na adolescência, na juventude, na fase adulta e na terceira idade, porque sexualidade, na totalidade, é sinônimo de amor.”** Essas falas, abrem novos caminhos e novas possibilidades para a expressão da sexualidade. Vianna (2008) amplia esse significado de sexualidade, inserindo também, no mesmo bojo, afetividade, companheirismo, comprometimento.

## Considerações Finais

"Memória, velhice, tateio nadas, amizades que se foram, objetos que foram acariciados, pequenas luzes sobre eles nesta tarde, neste agora, cerco-os com minha pequena luz, uma que me resta." (HILST, 2001, p. 71)

A mulher foi educada para ser caseira, delicada, para estar sempre disponível para o parceiro, seus primeiros presentes são utensílios domésticos em miniatura, é na maioria das vezes julgada vulgar e promíscua ao expressar sua sexualidade, e seu valor muitas vezes é medido através da beleza. Nesse sentido, Beauvoir (1967) fala de colonização subjetiva, afirmando que as mulheres foram colonizadas por dentro.

A sexualidade da mulher é cerceada desde sempre, pois as ideias também já foram 'compradas' há muitos anos, ou seja, a subjetividade já está moldada. Na velhice isso tem continuidade, as necessidades da mulher são discriminadas, pois a sociedade aceita que o idoso homem tenha uma mulher no final da vida, mas rechaça quanto o contrário acontece, sendo então fadada a solidão.

Como não é mais o alvo despertador do desejo, o prazer da mulher idosa é agendado cientificamente, midiaticamente e socialmente, e assim é decretado que seu prazer não vende, é colocada de lado, é punida com o abandono. Por isso, retoma-se Debert (1999) em "A Reinvenção da Velhice", quando anuncia que "as mulheres na velhice experimentam uma situação de dupla vulnerabilidade, com o peso somado de dois tipos de discriminação – como mulher e como idosa".

Muitos fatores influenciam a percepção da mulher idosa acerca de sua sexualidade oriundos da cultura, da religião, dos estereótipos sociais; logo, os processos de subjetivação. A sexualidade da mulher idosa se faz presente no seu viver e, se não se mostra devidamente, não depende da sua idade, mas de forças externas motivadas pela cultura que articula os mecanismos de repressão social.

Quando, essas forças repressoras atuam, a cultura social pré-define a mulher, impõe marcas, reprime e nega, e ela então assume os estereótipos. As lógicas só são recriadas quando há enfrentamento e resistência aos imperativos, quando os mitos e tabus são quebrados e há uma espécie de reversão dos estigmas.

A pesquisa buscou identificar os possíveis estigmas encontrados nos discursos de saberes acerca da sexualidade da mulher envelhecida presentes em um site direcionado idosos. De fato, o site Portal do envelhecimento não determina o gênero à que os textos serão direcionados, portanto, pressupõe-se então abranger o público no geral. Mesmo abrangendo temas pertinentes a velhice o site alcança outras fases, como pode-se perceber, no primeiro texto, o temor pela velhice narrado por um leitor jovem.

Porém, nos textos analisados da categoria sexualidade, no geral o idoso homem é primeiramente e majoritariamente citado nos textos. É importante validar que não há um silenciamento do site acerca do feminino, porém, a sexualidade da mulher é tratada a posteriori.

Na investigação de como os discursos de saberes atuam como mola propulsora ou como agente avesso de uma possível sexualidade reduzida e desprezada percebeu-se que os discursos médicos atuam ora fomentando ora se ausentando e até negligenciando a sexualidade da mulher idosa. A ausência de incentivo para pesquisas acerca do prazer feminino e estudos para descobrir artifícios para aumentar a libido da mulher idosa que já está organicamente 'alterada' pela menopausa, pois como não é mais alvo do desejo é deixada de lado. Percebe-se que esse enfrentamento acontece mesmo em países desenvolvidos, se levado em conta o tratamento dado pelo jurídico de Portugal a essas mulheres idosas como dessexualizadas, e decretadas de 'engrenagem oxidada' em desuso.

Dentre os vestígios de incentivo para um melhor desempenho sexual na mulher envelhecida confirma-se que a medida que primeiro dá voz a essa mulher e assim a empodera e a medida que desmistifica a impossibilidade da vivência da sexualidade percebemos que esses vestígios se tornam eficazes.

Percebe-se, no entanto que através dos relatos narrados no Portal do Envelhecimento, essa mulher ainda enfrenta muitas dificuldades para externalizar sua sexualidade. Ela ainda teme o julgamento alheio, ainda prefere se anular para que o prazer do seu parceiro seja efetivo. Assim, destaca-se a presença de fatores negativos, presentes nos textos:

**O medo de envelhecer;** que permeia o imaginário coletivo, fruto de idéias errôneas construídas sobre o universo da pessoa idosa.

**A coadjuvância da mulher, a mulher é a segunda na maioria dos textos;** são inúmeros os arranjos da dominação, as desigualdades e os privilégios do

gênero masculino. Mulheres que carregam as marcas da segregação do prazer típicas das gerações femininas anteriores.

**Os pareceres da sociedade, explicitado o jurídico afirmando que a mulher idosa é desprovida de sua sexualidade;** a sexualidade é rechaçada e vista como inapropriada.

**O imperativo de uma velhice feminina feliz, mesmo que atrelada a solidão;** a sexualidade da mulher idosa permanece, mas inúmeros fatores impõem lhas restrições, assim é imposto a ela uma suposta felicidade, mesmo que fadada a solidão.

**A necessidade ainda, do saber, médico dando a anuência para a sexualidade;** O saber médico se torna ruim a medida que depende única e exclusivamente dele para a vivencia da sexualidade, a mulher pode e deve assumir o controle de sua sexualidade

**A omissão e negligencia dos profissionais da saúde perante a sexualidade da mulher idosa;** que de acordo com os textos desviam de várias formas de serem agentes efetivos na transformação da visão da mulher idosa desprovida de sexualidade.

**A desvalorização do idoso, visto como quieto;** dizeres que percorrem o imaginário social e transformam a velhice numa etapa esquecida.

**O agendamento do prazer feminino;** a importância da saúde sexual feminina é subestimada e assim o tratamento de disfunção sexual feminina encontra barreiras que não existiram contra o tratamento da disfunção sexual masculina.

**O medo da mulher idosa do julgamento social ao vivenciar sua sexualidade;** percebe-se questões que acompanham a mulher ao longo da vida, principalmente aquelas que nasceram em uma época em que se estabeleceram que o relacionamento sexual tinha a finalidade única da procriação e que relacionaram a sexualidade com procriação e o prazer com pecado.

**Desrespeito ao tempo da mulher, assim como o desconhecimento da própria sexualidade;** a mulher não era orientada para o sexo e sim para reprimir o prazer e o desejo, que foi disseminado que não condiziam com uma mulher digna de respeito, sua obrigação era estar disponível para o parceiro. Essas ideias relacionadas a sexo e desejo são construídas socialmente e há muitos motivos pelos quais as mulheres podem não estar interessadas em sexo a qualquer momento.

Destaca-se a presença de **fatores positivos**, presentes nos textos:

**O protagonismo da mulher;** disseminadoras de saberes que desmistificam os saberes acerca do universo feminino. E também, pode-se fazer menção a um protagonismo que se refira as mulheres conquistadoras da sexualidade como um prêmio tardio.

**Novas possibilidades para a expressão da sexualidade e a recorrente afirmação de que não é a idade que determina a ausência ou a presença do desejo;** a sexualidade não está ligada somente ao ato sexual em si, mas envolve afeto, atenção, carinho e o toque e por isto é necessário superar as barreiras sociais e vivam sua sexualidade plenamente.

Analisar o que está posto ditando ou reprimindo o comportamento sexual das mulheres é uma questão bem complexa. Assim, conclui-se que os discursos são heterogêneas, e apesar de não enfatizar o feminino, não são necessariamente negativas, e, em particular, filtradas pelas características do site.

O site ao abordar temas tão complexos, mesmo nas falas que há uma tentativa de desmistificar a sexualidade e que não há ênfase para o feminino, pode propor profundas reflexões a esse público, pode impactar subjetividades atreladas ao impedimento sexual imposto a mulher, e pode até mudar comportamentos e modificar as perspectivas. A amostra, apesar de reduzida, abre a possibilidade de novas pesquisas e descobertas.

### Referências Bibliográficas

ABENSUR, Silvia Itzcovici et al . Uso da internet como um ambiente para discussão de casos clínicos. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro , v. 31, n. 3, p. 291-295, Dez. 2007 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022007000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022007000300012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 jul. 2015.

ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar. 1978.

BAITELLO JUNIOR, N. A mídia antes da máquina. In: **JB Online Caderno de idéias**, 1999.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, M. BASSANEZI, C (orgs). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: editora contexto, 2008.

BARROS, M. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: **Velhice ou Terceira Idade**. Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas. 2006

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo 1 – Fatos e mitos**. Ed. Difusão Européia do livro, 1980.

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo 2 – A experiência vivida**, 2ª ed, Ed. Difusão Européia do livro, 1967.

BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Rio de Janeiro. Ed. Nova fronteira, 1990.

BOURDIEU. P. A Dominação Masculina. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2002.

BRANDINI, V. **Bela de morrer, chic de doer, do corpo fabricado pela moda: o corpo como comunicação, cultura e consumo na moderna urbe**. In: Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura, vol. 5, n. 1, 2, 2007.

COSTA, M. E. B. GRUPO FOCAL. In: DUARTE, J; BARROS, A (orgs) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Ed. Atlas S.A, São Paulo, 2010. P. 180 – 192.

DEBERT, G.G. **A Reinvenção da Velhice**. Edusp. São Paulo, 1999.

DUARTE, J. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, J; BARROS, A (orgs) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Ed. Atlas S.A, São Paulo, 2010. P. 62 - 83.

DUARTE, M. Y. M. **Estudo de caso**. In: DUARTE, J; BARROS, A (orgs) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Ed. Atlas S.A, São Paulo, 2010. P. 215 – 235.

EAGLETON, **A Ideia de Cultura**. São Paulo: Unesp, 1943.

EPSTEIN, I. **Ciência, poder e comunicação**. In: DUARTE, J; BARROS, A (orgs) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Ed. Atlas S.A, São Paulo, 2010. P.15 – 31.

FEATHERSTONE, M. O curso da Vida: Corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. In DEBERT, G. **Antropologia e Velhice**. Campinas – São Paulo. Ed Unicamp, 1994.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro. Ed graal. 1979.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade 1 – A vontade de saber**. Rio de Janeiro. Ed graal. 1999.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade 2 – O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro. Ed graal. 1998.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade 1 – O Cuidado de si**. Rio de Janeiro. Ed graal. 1988.

GOFFMAN, E. **Estigma notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro. Ed. Livros Técnicos e científicos. 2013.

GOLDENBERG, M. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GOLDENBERG, M. **O corpo como capital**. Rio de Janeiro: Estação das letras, 2010.

GOLDENBERG, M. **A Bela Velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

HADDAD, E. **A Ideologia da Velhice**. São Paulo. Ed: cortez, 1986.

HILST, H. **A Obscena senhora D**. São Paulo: Globo, 2001.

KEHL, M.R. sexualidade recontextualizada in: **Imagens da Mulher na Cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

MANHÃES, E. Análise do discurso. In: DUARTE, J; BARROS, A (orgs) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Ed. Atlas S.A, São Paulo, 2010. P. 305 – 315.

MARTIN, E. **A Mulher no corpo, uma análise cultural da reprodução**. Rio de Janeiro. Ed. Garamond, 2006.

MEYER, D.E.E. Gênero e Educação: teria Política In.: LOURO G. L, NECKEL, J.F, GOELLNER, S.V. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MINAYO, M.C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa Social. In: MINAYO, M. (org) **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Ed Vozes, Petrópolis, 1994, p. 9 – 29.

MORI, M. O Direito humano ao envelhecimento e o impacto nas políticas públicas. In: **Envelhecimento e Subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social**. Conselho Federal de Psicologia, 2008.

MOTTA, A. B. Gênero e Geração: De articulação fundante a “Mistura Indigesta”. In: FERREIRA, S., NASCIMENTO. E. (orgs) **Imagens da Mulher na Cultura Contemporânea**. Salvador/. NEIM/ UFBA, 2002.

MUCIDA, A. **O Sujeito não envelhece – psicanálise e velhice**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012.

NERI. A. L. **Psicologia do Envelhecimento**. Papirus Editora. Campinas - SP, 1995.

NETO, O. C. O Trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. (org) **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Ed Vozes, Petrópolis, 1994, p. 51-66.

OLIVEIRA, D. Culturas de grupos subalternizados: espaço para construção de novas subjetividades políticas. In: MENDONÇA, M. **Mídia e Diversidade Cultural – experiências e reflexões**. Brasília. Ed. Casa das Musas, 2009.

ORLANDI, E. **Análise do discurso, Princípios e Procedimentos**, Campinas: Pontes, 2007.

PACHECO FILHO, R. A. A psicanálise e as mulheres e os homens “de uns tantos e quantos anos”. In: CORTÊ, B. GOLDBARB, D., LOPES, R. (orgs) **Psicogerontologia – Fundamentos e Práticas**. Curitiba: Juruá, 2009.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, M.M.L. (org) **Velhice ou Terceira Idade?** 4ª ed. Rio de Janeiro, edit FGV, 2006.

PEREIRA, V. A. Marshall McLuhan, o conceito de determinismo tecnológico e os estudos dos meios de comunicação contemporâneos. **UNirevista**, vol. 1, nº 3 (julho 2006).

PROSS, H. **Introducción a la ciência de la comunicación**. Ed. Anthropos, Barcelona, 1987.

ROLNICK, S. Toxicômanos de Idendidade. Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. (et alli.). **Cultura e subjetividades: Saberes Nômades**. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 2002.

SANTOS, T. C. Comunicação, Corpo e Acontecimento. **V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1767-1.pdf>. Acessado em maio 2013.

SEPARAVICH, M. A.; CANESQUI, A. M. Análise das narrativas sobre a menopausa de um site brasileiro da internet. **Interface** (Botucatu), Botucatu, v. 16, n. 42, p. 609-622, Set. 2012. Disponível em <[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832012000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000300003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 de jul. 2015.

SILVA, L.R.F. **Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento**. In História, Ciências, Saúde. Rio de Janeiro, 2008.

SIMON, O.; NERI, A. L.; CANCHIONI, M. (orgs) **As Múltiplas faces da Velhice no Brasil**. Editora Alínea, Campinas, 2003.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. In: **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VIANA, H. Saúde e envelhecimento: prevenção e promoção. In: **Envelhecimento e Subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social**. Conselho Federal de Psicologia, 2008.

VILELA, W. V.; OLIVEIRA, E. M. o ENVELHECIMENTO NA PERSPECTIVA FEMINISTA: Simone de Beauvoir, Germaine Greer e o Coletivo de Boston. In: TRENCH, B. ROSA, T. E.C. **Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa**. São Paulo: Instituto da Saúde, 2011.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.